



# FILHO DO PÊSCADOR

**Romance Brasileiro**

ORIGINAL

POR

*A. G. Teixeira e Sousa.*



**RIO DE JANEIRO**

**TYPOGRAPHIA DE F. DE PAULA BRITO**

**PRAÇA DA CONSTITUIÇÃO**

---

**1859.**

# CARTA



QUE SERVE COMO DE

## PROEMIO

---

Tantos são os respeitos, e tão sincera é a estima, que vos-tributo, virtuosa Emilia, que não acho desculpa que plausivel seja, recusando-me ao vosso pedido.

A leitura da vossa ultima carta me-fez plenamente ver que muito produziu em vossa imaginação a leitura do meu poema ou romance—OS TRES DIAS DE UM NOIVADO (\*).—Estou contente. Agora exigís de mim um romance em prosa: a tarefa é-me difficil,

(\*) Obra que estava inedita, quando se-publicou este romance.

não pela obra em si propria, mas pelas pessoas a quem elle se-deve dirijir; porque me-dizeis que desejaes um romance para vós, vosso marido, vosso filho e vossa filha!

Que tarefa! Um romance para uma senhora casada e mãe; para um marido e pae, e ~~emfim~~ para dous jovens!..

De quantos sei, nem-um conheci digno disto, e este de que lanço mão é só em falta de outro melhor. Vós o-julgareis. Como minha verdadeira amiga e proxima parenta, conto com a vossa indulgencia: quando não poderdes combinar com o meu modo de pensar, rogo-vos que me não arguais sem previamente me-ouvirdes. Conto-vos, pois, uma historia, que me-hão contado.

Escrevo para agradar-vos; junto aos meus escriptos o quanto posso de moral, para que vos-sejam uteis; junto-lhes as bellezas da litteratura, para que vos-deleitem. Não corrijo este meu escripto, porque essa honra vós lhe-fareis!

Si me-comprehenderdes, tenho chegado  
ao fim a que me-propuz. Onde me-julgar-  
des muito conciso, estuda-me, e então com-  
prehendereis mais do que digo e até o que  
não digo; mas onde me-virdes muito diffuso,  
crêde que ha muito mais do que o que digo!  
Entendei-me e serei feliz. Tenho saudades  
de vós.

*O vosso fiel amigo,*

*J. e Sousa.*





# O FILHO DO PESCADOR

## CAPITULO I.

MAS EU SOU TÃO POBRE!..

A descripção das scenas da natureza é a pedra de toque do escriptor! descrever estas scenas está ao alcance de qualquer genio mediocre; mas empregar nesta pintura as verdadeiras côres precisas e nos seus devidos logares, é sem duvida o ponto mais difficil de attinjr na poesia descriptiva ou pintura da natureza. Desculpae-me, pois, si mal o-vou fazer. — E' sempre no meio desses bellos quadros da natureza que amor ama revoar.

No meio dos immensos encantos de uma rissonha primavera, ataviada de todas as galas de que é susceptivel a mais brilhante de todas as estações, uma aurora verdadeiramente

magica começava de espreguiçar-se sobre um céu puro e sereno, e entre as auri-roxas sanefas de um horizonte adornado de todas as pompas matinaes! Vistosos festões de uma alegre purpura entrelaçavam interessantes rosas de ouro, que recamando um céu a que não toldava a mais ligeira nuvem de procella, offereciam nesse immensuravel espaço da sydérea campina o mais agradavel contraste da purpura de Tyro com o ouro de Ophir, sobre o bello azul de um céu brasileiro em uma manhã de primavera!

Uma feiticeira e voluptuosa aragem, respirando meigamente da parte d'Oeste, fazia correr sobre a liquida face da formosa bahia de Nictheroy uma ligeira ondulação, que suavemente empurrava sussurrantes e brincadoras ondas, que mollemente se-escoavam a saudar a branca praia com um amortecido beijo, cujo doce murmúrio ia-se enamoradamente quebrar nos bosques e nos mais visinhos rochedos!

O viçoso tapete dos campos, entretecido de verde gramma e de alastrantes hervas, esmaltado de mil e de milhares de flôres, várias no seu tamanho, no seu feitio e no seu colorido; parece agora tecido de brilhantes fios de prata, que reflectiam ao primeiro raio do nascente sol: era o orvalho da madrugada, que sustido sobre a relva da campina, a tornava argentada, de uma maneira elegantemente encantadora!

A branda rôla do prado sacudindo as humidas azas com amoroso arrulhar, gemia enamorada junto dos implumes filhinhos, enquanto o terno companheiro fatigava as leves azas, buscando sustento para a tão querida familia!

Era alli o mais tocante quadro do amor conjugal!

A branca flôr da laranjeira, emulando-se com o candido jasmim, exhalavam juntamente a mais delicada fragrancia, convidando as outras flôres, para que, unidos aos del-

las seus perfumes, embellezassem com seus voluptuosos presentes este quadro seductor de uma natureza tão bella, quanto proficua!

X O requebrado gorgueio do lédo gaturamo, os bellos trinados do lepido canario do Brasil, acabavam esta magica scena de feiticeiros encantos com a sympatica grynalda de innocentes hymnos, tecida pelos amorosos canticos dos alados da selva!

Era dia!..

O primeiro raio do sol deslizado por sobre as espumantes ondas do oceano, com um furtivo tocar, depunha incerto um como pallido véo sobre a branca frente de uma bella casa, situada á margem do atlantico, sobre a deliciosa praia de N. S. da Copa-Cabana, distante do coração da cidade do Rio de Janeiro duas leguas, pouco mais ou menos.

Um ameno jardim, custosamente e com gosto plantado e cultivado, offerecia sobre o fundo desta casa um bellissimo lugar, não só para os passatempos da vida do extrava-

gante, como também para as melancholicas meditações do poeta!

Neste logar de delicias, do fundo de uma espaçosa rua, acabava de saudar o nascimento do astro do dia uma mulher, que nesse mesmo desalinho do primeiro despertar, nada lhe-faltava de quantas graças a natureza liberalisa aos seus predilectos!

No meio dessa bella desordem, que se-notava na linda madrugada, dirieis que apenas tomando os seus vestidos e apertados ligeiramente, se-havia precipitado ao jardim, para ahi disputar gloriosamente ás aljofaradas flôres os fujitivos beijos dos suspirantes zephyros! Seus louros cabellos, em quanto uns se-notavam preguiçosamente presos por um pequeno pente, outros cahidos sobre seus alvos hombros, embalados sobre as azas da branda aragem da manhã, vinham, ora enternecidamente, beijar suas faces de rosas, ora voluptuosos oscular seus lindos labios de rubins! Seus grandes olhos azues, onde

parecia que um bello céu se-reflectia com encantadora serenidade, tinham um não sei que de magico amortecimento, que lhes-prestava mais importantes graças! Era o humor somnolento da derradeira hora do despertar; e as negras roupas com que então se-vestia formava uma bella e verdadeira antíthese de tanta brancura, e tão variadas graças, com a sombria e unica côr do lucto! Si não fosse a côr de seus vestidos, vós me-perguntarieis si é Flora que, no meio de um deleitavel vergel, em cada osculo que recebe do Favoneo anima uma linda flôr? Não; o personagem que acabei de pintar-vos não é uma existencia mythologica, não é uma creatura poetica, é uma realidade!

Que hora para quem ama! Que occasião para amantes! Que logar para os mysterios de amor!

A gentil madrugadora da Copa-Cabana tendo lentamente passeiado a rua do jardim, foi finalmente assentar-se sobre um banco, debaixo dos longos e frondosos ramos de uma

veneranda mangueira, sobre cujo tronco dous seculos haviam deixado seus tardos vestígios; e depois de ter feito vaguear seus olhos pelo amplo dos mares, que ante ella se desenrolava, trouxe-os ao depois a contemplar as ondas, que em incessante lida vinham com murmurinho rouco despedaçar seus furores de encontro á impassivel dureza dos sobranceiros rochedos. Ella meditava!

Ha poucos minutos durava esta scena muda, quando alguem de um modo affectuoso murmurou seu nome! Ella ergue-se rapidamente, e voltando a ver quem a-chama, um mancebo está de joelhos á seus pés... A moça o-encara e falla.

— Senhor...

— Eu te-amo mais do que á minha propria vida...

— A mim!.. Senhor, a mim?..

— Sim, a ti, minha bella náufraga... a ti... acredita-me, eu te-amo...

— A mim! tão pobre! victima da desgraça!

cercada da miséria, escapada a um naufragio que si tu...

— E que importa tudo isso? Eu te-amo, e é quanto basta. Sahe, pois, da desgraça, sim, vem aos meus braços; vem ser minha, minha para sempre, minha esposa enfim!..

— Senhor, mas vosso pae...

— Elle consentirá, oh! sem duvida.

— Mas eu sou tão pobre...

— E que importa? Não tenho bastantes bens da fortuna para a nossa felicidade? Não te-amo eu? Sendo igualmente por ti amado, que mais precisaremos? Nada, pois, nos-falta, temos riquezas... oh! tanto não é mister a quem ama.

— Pois bem, senhor, fazei o que quizerdes, eu vos-sou grata.

— Não; não é a tua complacencia, nem um amor filho da tua gratidão; que hoje te-supplico; é um amor puro, livre e independente de qualquer idéa de agradecimento; um amor como este em que me-abraso...

— Pois bem, eu vos-amo.



## CAPITULO II.

**MAS, MEU PAI, EU AMO!**

Quando amamos, nada é tão mortificante para nossa alma do que ouvir raciocínios contra o nosso amor. Nesse delirio, as mais absurdas mentiras, que lisonjeem a nossa paixão, têm em nossa intelligencia o criterio da verdade. Então sonhamos acordados com a suprema felicidade, cuja existencia é só em nossa escaldada imaginação; mas o lethargo de amor é tão doce, que quando nos-dizem que despertar d'elle seria um beneficio para nossa alma, temos por venenoso um tal beneficio, e pedimos aos nossos amigos que não annullem o nosso amoroso dormir.

Entre os poucos moradores da Copa-Cabana, n'aquella época, havia um velho pescador, mais celebre pela sua vida honrada, e ainda por alguma tal e qual instrucção, em harmonia com as escassas luzes da misera colonia, do que pelas suas riquezas, que poucas não eram. Viuvo de uma mulher, a quem havia ternamente amado, desvelou-se sempre na educação de um unico filho a

quem estremecidamente amava; e elle era digno de tão grande amor!

Pouco nos-devemos importar com o nome desse bom velho, porque além de nos não ser mister, elle era conhecido por todos pelo — Pescador da Copa-Cabana; — seu filho era geralmente o — Filho do Pescador — chamado por todos.

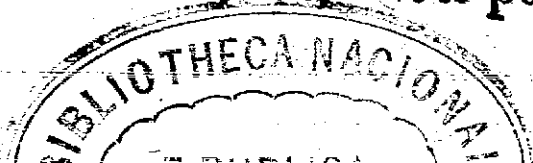
Uma mulher escapada a um naufragio era hospede desta boa familia.

Ha pouco vós vistes um mancebo aos pés de uma linda dama declarando-lhe um terno amor. Vós adivinhareis que o mancebo é o Filho do Pescador, assim como sabeis que a bella senhora é a náufraga.

Poucos minutos depois dessa scena, um dialogo era energicamente sustentado entre um mancebo e um venerando ancião; este dizia:

— E pensaste bem, meu filho, no que queres fazer?

— Sim, meu pae.



— E conheces tu essa mulher a quem te-  
queres ligar e ligar para sempre? Sabes qual  
seja a sua pátria, sua família, seu estado e  
enfim seus costumes?

— E o que ha de commum entre essas  
cousas e o nosso amor?

— Todavia, eu se-me-quizesse casar le-  
varia tudo isso muito em conta.

— Vós vistes que, salva do naufragio,  
chorava a morte de seu marido morto no  
mesmo...

— E quem te-póde afiançar que fosse seu  
marido? podia ser seu amante...

— Ah! meu pae, não faças tal injúria a  
tanta belleza?

— Por isso mesmo: as bellezas estão mais  
subjeitas aos caprichos do mundo. Suppondo,  
porém, que seja ella uma viuva; qual é a fe-  
licidade que julgas encontrar desposando-a  
tu?..

— A de restaurar o meu socego perdido  
por sua causa, e a de viver sempre e para

sempre com a eleita do meu coração, para gloria do meu amor...

—E o que é amor? Ah meu filho! eu já fui moço como tu és; tambem já por mim passou esse delicioso tempo em que indômita a insólita liberdade, toda ufana de si, gosta de brincar com ferros, achando não sei que de bello em ouvir os seus pavorosos estrondos! Tambem já cursei aulas como tu, e os estudos adquiridos durante a minha mocidade me não serviram para regular a vida.

Tarde... foi bem tarde... foi ao depois que em mim se-arrefeceram as intensas chammas do fogo da mocidade, que eu pude conhecer todas essas illusões que tanto embellezam a vida adolescentel Murcharam-se as flôres da minha primavera, corromperam-se os fructos do meu outomno e seguiu-se-me o inverno dos annos. Foi nessa estação da idade que eu, frio e calmo, cheguei a conhecer os desvarios dos meus primeiros annos! E aquelle que entre os filhos das sciencias

podia talvez ter um nome, em consequencia de suas extravagancias se-viu reduzido a um simples pescador!

Neste logar duas lagrimas geladas, forçando os olhos do velho, vagarosamente se escoaram ao longo de suas faces! Elle arrancou um suspiro de dôr e continuou:

O que é amor? um affecto que principia por um prazer dos olhos, uma dôr do coração e uma afflicção d'alma! Um momento de enthusiasmo produz tudo isto, e um momento de calma destroe! Nesses instantes de delirio, que chamamos amor, não ha considerações, não ha respeitos; aniquila-se o passado, pulverisa-se o futuro: o vicio é nada, a virtude illusão, e um unico pensamento constitue o universo do amor—Quero! Deveres e direitos do homem, as leis divinas, a patria, os mais solidos principios de eterna justiça, os fóros da razão, as mais santas e antigas affeições, tudo se sacrifica ao amor, tudo cahe destruido, e sobre suas ruinas, que

formam um detestando solio, é collocado este imperioso — Quero!

Pois bem, goza-se o objecto amado, o tempo foge e o ruím fado, ou a inexhoravel morte, nos-priva delle: agora deixa que corra sobre esta tão sensivel perda quatro, ou cinco, ou seis annos, um espontaneo esquecimento ou novos prazeres da vida, ou um novo objecto vem fazer-nos esquecer os nossos primeiros amores! E agora? Onde, pois, estão os delirios desse primeiro momento de um louco amor ou dessa paixão invencivel? Tudo desapareceu!

Por outra, gozamos o objecto dos cultos do nosso coração; ao cabo de poucos annos passamos uma revista em nossa alma, procuramos nella esse antigo amor que tanto produziu de prodigios; o que achamos? apenas uma estima... derradeiro milagre de uma prodigiosa constancia!

Demais, serás tu sempre senhor absoluto

das tuas afeições? Tens em tuas mãos, sujeitos sempre em tudo e por tudo, os affectos de tua alma? Estás tu seguro, que esse objecto, idolo hoje do teu coração, nunca incorrerá no teu desagrado? Tens certo amal-o, amal-o sempre? Quem t'o-assegura? Suppõe agora que vives no meio da pobreza: qual consolação acharás, qual distração nos teus enojos e agonias? Mancebo, julgas que seja sempre immutavel o teu animo? Acredita-me que não! A mudança é o primeiro e principal timbre da humanidade: hoje tu não és o homem de hontem: cada uma hora que o tempo escôa é para o homem uma mudança, que se faz sentir no fim de mais tempo. Não para muito tarde vem todos os fastios de que é susceptivel uma vida monótona; o coração arfa ambicionando uma desordem, cuja consequencia seja uma nova vida por uma nova ordem de acontecimentos, para pasto do coração. Os laços, então já formados e indissolueis, tornam-se de um peso insupportavel:



soffrel-os, é fastio; desatal-os, é deshonna!

As distrações, esse magico instrumento, d'onde o coração ama o tirar continuamente agradaveis e variados sons, parece agora que afinadas todas as suas cordas pela liberdade anciosa, se-offerecem ao coração, para que sejam por elle tocadas. . resistir-lhes é impossivel; não resistir-lhes, importa o ser um não bom marido!

Vós outros mancebos, entusiastas de amor, que mal conheceis a vida; vós blasónais de amor e de um amor virtuoso... que chimera! Eisso existe? Acredita-me, meu filho, esse amor mui raro póde existir. Amor é uma féra faminta de gozos que se não tranquillisa a respeito do seu objecto, sem que o-tenha completamente devorado! Si a virtude do amor está em sacrificar-se tudo ao bem que se ama, deve seguir-se, que para sermos virtuosos amantes, é mister calcarmos tudo quanto se-oppõe á posse desse bem que cubiçamos, embora nesse tudo entrem as mais sagradas



leis... obedecer-lhes sem combater-las, importa sermos fracos e indignos amantes.

Agora dize-me tu que amas uma mulher, porque é bella e só porque é bella; quando o tempo arrebatara consigo esses fujitivos encantos, o que amarás? Julgas que uma mulher linda seja uma estatua, sobre cujos traços se-vão deslizando pouco a pouco despercebidos seculos?..

— Mas, senhor...

— Ouve-me ainda, tem paciencia; eu te-ouvirei por meu turno. Essa mulher a quem hoje amas, moça como a aurora, linda como a primavera, será, como todas as outras, victimha dos estragos do tempo e dos desgostos, pois para não sentir-os fôra mister não viver! As lidas da consorte, os incommodos da familia, os trabalhos que dão os filhos, etc., dando mais vigor á força da idade, apagarão bem depressa os seus seductores encantos... E que mudança! Oh! tu acharás um masso de derrotados e brancos cabellos, onde fluctua-

vam os longos cachos de dourados e graciosos fios! Uma face rugosa e pallida em lugar do maravilhoso composto de candidos jasmins e de pudicas rosas! Duas escalavradas gengivas, que outr' hora sustinham duas ordens bellas de alvos e bem ordenados dentes! Dous olhos encovados e amortecidos, onde brilhavam dous lindos pedaços de um sereno céol! E finalmente as ruinas, os despojos do tempo amontoados sobre carunchosas e desusadas aras de amor, no que outr' hora fôra sanctuario da belleza!

A alguns destes sophysmas que de involta com solidos argumentos iam, o habil velho pescador juntou mais alguns outros; e tendo acabado, seu filho lhe dice:

—E si ella fosse rica, meu pae?

—Nem assim te-aconselhava que casasses, ainda que fosses muito pobre; porque cá para mim julgo que o casamento em nen-um caso é felicidade.

—Então, meu pae, grassando a vossa doutrina ninguém se-casará...

—E que tenho eu que os outros se-casem ou não? eu só aconselho meu filho; a natureza deu-me este direito. Eu te-asseguro que nunca me-ouvirão dizer a pessoa alguma que o-faça ou não.

—Então, visto as vossas considerações que devemos fazer?

—Não casar. Meu filho, nas mesmas delicias do consorcio ha dolorosos pezares! A primeira delicia dos casados é os filhos... mas as dôres maternas, os sustos, os trabalhos da educação dos filhos, seu estado, seu futuro...e custa tanto a ser-se um pae feliz...

—Mas, meu pae, eu amo...

—Em verdade esse é o argumento o mais energico e o mais eloquente de um moço amante. E si eu não levar a bem um tal casamento?

—Meu pae... dice o mancebo, beijando ardentemente a mão do velho.



— Oh! nada de violencias; faze o que quizeres e Deos abençoe os teus destinos. Peço-te, porém, uma cousa, e é que, se algum dia a experiencia justificar-me, exclames no meio do teu arrependimeto: « Oh! meu pae!..

### CAPITULO III.

#### VIVAM OS NOIVOS!

A humanidade é um immenso livro; cada um homem é um capitulo d'elle, e cada acontecimento do homem fórma uma lição deste grande livro! Por mais que vos-canceis, vós não encontrareis duas lições eguaes, pois aquellas mesmas que mais semelhantes vos-parecerem, si bem as-estudardes, achareis não poucos pontos de desconveniencia. E' sobre estas lições que o homem aprende e ensina. O estúpido passa por ellas com a mesma indifferença com que a setta corta os ares; o sabio, o meditador, é sobre ellas que formam a sua sciencia! Em tudo se-aprende e em tudo se-ensina. Quando eu vos-dou uma scena risivel, comquanto não desapprove o vosso riso e até vos-fique obrigado por elle, todavia a minha exigencia vae mais longe.

— A' prosperidade dos noivos!

- Vivam os noivos, vivam os noivos!
- A' saude dos amigos dos noivos!
- A' mesma, á mesma!
- A' saude das madrinhas!
- A' saude das madrinhas!
- Vivam as madrinhas!
- Vivam os padrinhos!
- A' saude do Snr. Jorge!
- Snr. Jorge, á sua saude!
- A' saude do mesmo senhor!
- Viva o Snr. Jorge!
- Obrigado, meus senhores!
- Viva, viva o Snr. Jorge!
- Obrigado, obrigado!
- Viva o Snr. Anastacio!
- A' saude do mesmo senhor!
- Vivam, meus senhores...
- A' saude da Snra. D. Joanna!
- Para servir a vmcês. por muitos annos.
- Viva a mesma senhora!
- Na sua graça, meu senhor.
- Bravo, bravo...
- E' na verdade um bello meio este de se-en-

xugar uma boa meia duzia de copos de vinho do Porto!

Emquanto rodavam estas e outras saudes, o bom do Snr. Jorge, que era um dos padrinhos, arrimado a um canto da mesa, tasquinhava mui desencalmadamente em uma perna de leitão, cuja gordura, alambasando-lhe a sórdida barba, lhe-escorria em fios pelos cantos da boca. O nosso bello comilão não se-descuidava de ajudar a digestão com repetidos copasios, cujas elevadas bordas continuamente afogava, e cujo fundo sem cessar expunha ao vento.

— Olha o velho Jorge...

Diziam os rapazes, mofando do velho Jorge, que por seu turno nem-um caso fazendo delles, só lhes-respondia entre o estrondo de risadas ébrias:

— Obrigado, obrigado...

— Minha senhora, quer que a-sirva com um pouco deste bello guisado? deve estar superlativo.

Assim assoprava a voz adocicada de um bello gamenho todo cheio de si!

—Pois não; si se não incommoda...

—Oh, minha senhora!.. antes com muito gosto. Eis-aqui.

—Minha senhora, á saude das pessoas que lhe-estimam.

—Viva.

—Snr. Jorge, á saude do Augusto e da Snra. D. Laura.

—Oh! a esta sou obrigado.

—A' mesma.

—Vivam os noivos.

—Vivam, vivam os noivos.

—E que seja por muitos annos, e com muitas felicidades.

—Dos noivos bebo á saude.

—Bravo o verso, bravo...

—Então quem improvisa?.. ninguém?

—Então, meus senhores: pois n'uma rapaziada tão luzida não ha quem improvise uma decima?



—Toca a roer as unhas...

—E' boa inspiração...

Um dos da companhia bate as palmas e pede atenção.

—Silencio, meus senhores, silencio...

—Cio... cio... silencio...

—Silencio...

—Oh!..

—Silencio...

—Tudo está calado.

—Mas não o senhor.

—Silencio, meus senhores...

Houve um momento de silencio, e logo uma voz dice:

—A' sou poeta d'agua doce, então até quando quer que estejamos calados?

Entre o estrondo de longas risadas alguém disse:

—Ora, meus senhores, silencio por um momento...

—Ah! gosta de versos, minha senhora?

—Muito.



—Então caluda; a Snra. D. Julia gosta muito de versos.

—Sinto não ser poeta, minha senhora...

—E para que?

—Para cantal-a em um lindo epicedio...

Dous da companhia sorriram-se, quatro ou seis tiveram um frouxo de riso e o nòsso pedante, mais espantado, lhes-diz:

—Porque riem? dice eu alguma cousa má? fazem obsequio de dizerem?

—Não; muito pelo contrario: é tão bom o que diceste, que nos-obrigou a rir...

—Mas os senhores fazem-me desconfiar.

—Bravo, bravo, desconfiou, desconfiou.

—Hoje dir-se-hia mais elegantemente deu cavaco.

—Ora adeus; mas os senhores riem e quem não me-entendeu supporá que eu dice alguma asneira.

—Ora, Juca, não te-zangues, dice Augusto.

—Então a decima?

— Ah! sim, a decima, a decima...

MOTTE.

*Dos noivos bebo á saude.*

GLOSA.

Emquanto sobre esta mesa

Esta bella companhia

Desfructa com alegria

Prazeres da natureza;

Emquanto... emquanto...

— Emquanto do estro a magreza...

— Ora, Snr. Moura, deixe que o Snr. Thomás acabe a decima... Repita, Snr. Thomás...

— Nada, nada; não digo mais...

— Ora, por quem é, Snr. Thomás...

— Emfim a senhora manda...

MOTTE.

*Dos noivos bebo á saude.*

GLOSA.

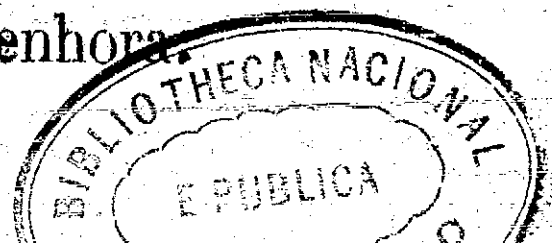
Emquanto sobre esta mesa  
Esta bella companhia  
Desfructa com alegria  
Prazeres da natureza;  
Emquanto a gentil belleza  
Conquista aqui peito rude,  
Eu empinando um almude  
De vinho bem generoso,  
Contente, alegre e gostoso  
*Dos noivos bebo á saude.*

—Bravo, bravo... viva o Thomás...

—A' saude do Thomás.

—Snr. Thomás, viva.

—Muito obrigado, minha senhora.



—Agora lá vou eu; queiram ouvir-me,  
dice um alegre maganão de bom gosto.

—Está bebado.

—Lá vae verso.

—Venham, venham elles.

—Lá vae verso.

—Peior está esta!

—Aquillo é bebedeira.

### MOTTE.

*Dos noivos bebo... á saude.*

### GOLOSA.

—Goloso será elle...

Emquanto certo poeta

(Não sei se já lhes contei!)

Faz versos... tambem farei

A minha decima pateta...

—Agora unzinho mais curto.

—Fóra o poeta!

—Ouçam, meus senhores, ouçam; o negocio é serio.

—Sim, sim, acabe.

—O que está dito, está dito, eu continuo.

—Vamos a isso.

Emquanto cada um se-affecta...

—O' homem, esse tambem nasceu nos dias grandes.

—E' verso e companhia...

—Ora deixe-me acabar.

—E' justo; deixem o senhor acabar.

Todavia o bom do poeta continuou assim:

Enxugando o seu almude  
Entre esta canalha rude,  
Composta de bebarrões,  
Eu cá, com os meus botões,  
*Dos noivos bebo á saude.*

—Bravo, Snr. Julião, bravo.

—Muito bem, muito bem.

—A' Snr. Julião, visto que tambem faz

versos, e se-diz geralmente que os poetas não se-descuidam de beber; como acontece que o ar do campo desafia muito o appetite, será bom que vmce. quando vier a alguma sucia fóra da cidade seja só...

— Como assim?

— Quero dizer que não traga outra vez os seus botões, que bebem por doze bebados...

— Bebem como mil diabos! accrescentou outro.

— Snr. Lucio, dice então uma bella senhora e mui grave, tenho lido em manuscrito algumas poesias suas...

— Nem ha cousa alguma minha impressa, minha senhora.

— Bem o sei: mas não me-fará a graça de fazer uma colchêa a um assumpto que lhe eu der?

— Não improviso, minha senhora.

— Escreverá; temos papel e tinta bem perto.

— Pois bem, minha senhora, por servil-a.

— Eis o assumpto:

*Amo a quem não sabe amar,*

*Aborreço a quem me-adora.*

Um respeitoso silencio reinou então, e o aspirante da poesia escreveu e leu o seguinte

### MOTTE.

*Amo a quem não sabe amar,*

*Aborreço a quem me adora.*

### GLOSA.

Sem um passo recuar

Bem perto vejo o meu damno!

E buscando o meu tyranno

*Amo a quem não sabe amar!*

O que me-busca alcançar

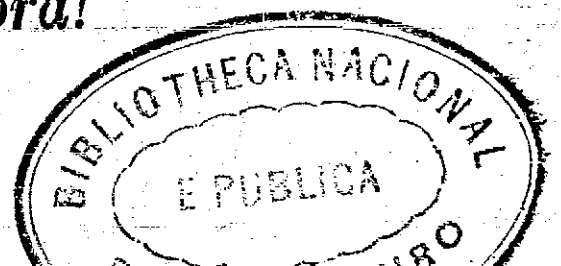
Então meus fados deplora;

Porém quando elle me-chora

Com piedoso coração,

Lhe-insultando a compaixão

*Aborreço a quem me-adora!*



Os bravos e vivas retumbaram por algum tempo: houve saudes, agradecimentos, muitos vivas ao Snr. Lucio, etc., etc.

Finda esta algazarra, um dos nossos *patuscos* dice a Julião:

— O' Julião, como é aquelle verso da tua decima, que principia: « Eu cá com?... » Achei graça nestes saltinhos; é bonito, homem... « Eu cá com...

Houve muitas risadas, ditos jocosos e alguns picantes, como sempre dizem os senhores que *chalaceam*; e ainda algumas affrontas indirectas, que são levadas em tom de brinco nessas occasiões.

Os meus leitores mui bem terão previsto que de garrafas se não teriam aqui despejado! E de certo a alegria era já demasiada!

Tambem os leitores muito bem sabem que toda esta funcção era por causa dos personagens que já optimamente conhecem, isto é, a madrugadora do meu primeiro capitulo, e



o mancebo que a seus pés declarou um terreno amor. Tambem já sabem que estes dous personagens chamam-se, elle, Augusto, e ella Laura, como todos a-tratavam: havia, pois, oito dias que na matriz de S. José tinham pronunciado seus votos conjugaes ante os santos altares.

Foi oito dias depois dos desposorios, que Augusto convidou os seus amigos para os banquetear, e assim lhe-ajudarem a vasar algumas garrafas, o que desempenharam *optimè cum laude!*

Estes mancebos, com poucas excepções, eram destes moços de que muito abundam as grandes cidades, isto é, eram alguns destes bellos espiritos de educação mulhêril, em tudo effeminados, que atam com graça um lenço ao pescoço, que se-vestem com elegancia, que dansam soffrivelmente um minuete, que fallam rapidamente sobre materias em demasia serias, que são para elles incomprehensiveis mysterios, e di-

fusa e eloquentemente sobre cousas vulgarissimas.

Findo o jantar, ficaram as damas na sala, e a nossa amavel rapazeada dirijio-se a refrescar as escandecidas cabeças, que então fumegavam, embaixo de uma velha mangueira. Sigamos-lhes os passos até alli. Os nossos jovens eram dos que *arrancham a má lingua* o seu tanto ou quanto. Neste logar fallou-se em tudo o que se-passou na mesa, quem comeu muito, quem bebeu em demasia, quem se-esquentou, quem ficou bebado, as damas que namoraram, os mancebos que fizeram côrte, a quem, etc., etc., etc...

Ora, como em todas as funcções ha sempre um bobo, e ha gente tão descarada que se-embebedou finje-se bebada, para com esse pé dizer o que sabe e não sabe, mentiras e verdades; era um tal André quem, com bastante graça, desempenhava esta infame parte. Cada um por seu turno lhe-fazia a sua

questão, a que o obsequioso André satisfazia benevolo e com diligencia.

— O' André, que te-parece o Lucio?

— Um moço que lê alguma cousa, que tem mui pouco talento e muito orgulho; bastante desconfiado e algumas vezes atrevido.

— Obrigado, Snr. André...

— Oh! não ha pelo que...

— E o Raymundo?

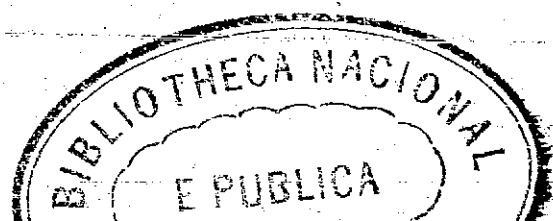
— Oh! celebre creatura! parece-me nascido de proposito para um grande proprietario de muitos bens de raiz; não ha genio mais soffredor! Lá para elle, estes respeitos humanos, pundonores, etc., são uma verdadeira chimera! Que feliz homem! Que philosopho!

— Que dizes de Sebastião?

— Que muito perde a justiça em o não ter por espião, porque nada vê que não conte.

— E o Julio?

— Oh! com suas fumaças de honrado e de fallar a verdade, anda gordo.



—Que lingua!

—Ora, isto é gracejar...

—E o Luiz?... olha, lá vem elle...

—Oh! nada de fallar nesse senhor, que tem mania de valente.

—E o Aurelio?

—Caspite! O moço bonito que leva ao espelho tres a quatro horas!

—E que dizes do Bernardo?

—O namora paredes?

—E o Florindo?

—Oh! é um senhor que sabendo apenas ler, falla em todas as materias; até ás vezes falla em francez e entende o latim! dança mal um minuete e mal arranha uma viola, a cujo som canta algumas velhas modinhas, e tem a gloria de agradar a todas as damas!..

—E o Ribeiro?

—Ora quem falla n'um cantador de modinhas?

—E o que dizes do Mendes?

—Que sem instrucção é o nosso Aristharco!..

Esta cruel maledicencia pertenceu a muitos, assim ausentes, como presentes, até que um dos da sucia, gostando mais da variedade, dice:

—O' André, que dizes de D. Geraldina?

—A namorada do Julio!

—Como! e o Augusto?

—E o Lucio?

—E o Florindo?

—Diabo!.. daqui a pouco tem um cento!..

—E D. Henriqueta?

—Ah! essa tem sempre um unico namorado, com a differença que tem no dia uns quatro ou seis, bem entendido, cada um por seu turno.

—E D. Elvira?

—E' uma menina que morre por casar...

—Que lingua do diabo!..

—E D. Justina?

— Ora não falles nisso! uma velha que se-  
lhe-metteu em cabeça namorar e casar-se!..

— E aquella que passou agora?.. olha, ain-  
da alli vae.

Oh! muito respeito: quer namorados ricos,  
como D. Angelica quer nobres, D. Margari-  
da militares e D. Bernarda filhos de fóra!...

— E D. Julianna?

— Oh! nada, nada de fallar em senhoras  
casadas...

— Não era preciso que m'o dicessem; eu  
não fallaria nella, que além de casada é mi-  
nha parenta... porém uma senhora casada  
não deve namorar...

— Ora com effeito! é certo o rifão — que o  
fallador quando não tem de que fallar, falla  
dos parentes!

— André, não será a unica casada que na-  
more: que dizes, heim?

-- Oh! bagatellas... uma ligeira distração.

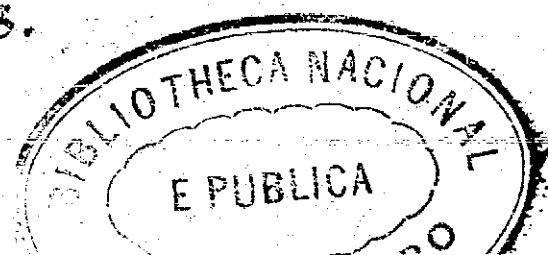
Esta immoral scena durou até o cahir da  
noite, tempo em que esta luzida mocidade foi

convidada para uma sala, onde por muito tempo dansou-se, cantou-se, etc! Notemos, porém, que só as senhoras tinham cantado, quando alguém pediu a Florindo que cantasse uma modinha. O nosso presumidô game-nho esquivou-se com estudada cortezia, até que rogado fosse por alguma senhora; elle o-foi, e o namorador profissional, juntando uma debil voz, bem que entoada, ao som de uma viola, cantou a seguinte

### MODINHA.

Si quando ainda eras livre  
Eu te-visse, ó linda flôr,  
Ou tu serias só minha,  
Ou eu morrera de dôr;

Mas si quebrares  
Teus duros laços,  
Gentil pastora,  
Vem a meus braços.



Reparte ainda comigo  
Metade do teu amor;  
Um teu sorriso é bastante  
P'ra terminar minha dôr;  
Mas si quebrares  
Teus duros laços,  
Gentil pastora,  
Vem a meus braços.

Muitos bravos, muitos vivas, muitas palmas soaram por toda a sala; ao depois alguém perguntou a Florindo quem era o autor da bella poesia que acabára de cantar?

— Eu mesmo, minha senhora, dice o ga-bola.

Nada, porém, mais falso, pois que o impostor apenas tinha feito nos versos algumas alterações talvez com seus fins...

A modinha, pois, era deste modo:

Como permittiu meu fado  
Que eu te-visse, ó linda flôr,  
Ou sê minha eternamente,  
Ou eu morrerei de dôr.



Comigo tece  
Ditosos laços,  
Gentil pastora,  
Vem a meus braços.

O primeiro verso da segunda quadra era:

Reparte, meu bem, comigo.

Tudo o mais do modo como que se-vê acima.

Uma senhora honrou também a companhia com sua agradável voz, acompanhada por seu psalterio. O divertimento durou até tarde. E' isto o que se-chama em nossos dias bailes; convem saber, uma sala de innocentes divertimentos, onde uns dansam, outros tocam, alguns cantam, estes comem, aquelles bebem; de um lado jogam, d'outro conversam, os moços namoram, os velhos murmuram, e entre os convidados ha uns que vêm e ouvem muito, assim como outros surdos e cegos inteiramente.

O divertimento durou quasi toda a noute; dormiu-se até tarde, e no outro dia depois do

almoço desfez-se a companhia. Florindo antes de retirar-se depoz nas mãos de Laura um papel escripto: e o que era elle? os versos da modinha que cantára e que ella lh'-os-havia pedido.

A mor parte dos meus leitores tendo acabado a leitura deste capitulo, dirá: « Certo que era bem escusado este episodio; eliminado elle deste romance nem-uma falta póde causar. » E em verdade eu proprio já o dice a mim mesmo; porém considera-o como um fundo escuro do meu painel, e entretanto mais salientes serão os traços coloridos de minha pintura.

Lembrae-vos ainda, que é á custa de alguns sacrificios que se-descobre a verdade. Lembrae-vos da minha epigraphie neste capitulo. Ha muita gente, e gente de juizo, que diz que não tem tratos familiares, nem em sua casa banquetea senão á gente seria e bem educada. Perguntae-lhe si tem razão? Depois da leitura deste capitulo, ou antes

no principio do subsequente, figurae-vos que mais de trezentos e setenta dias se-tem passado depois destas nupcias, e que o pae de Augusto, o velho pescador, já não vive.

## CAPITULO IV.

### DEOS É GRANDE!

O decurso de alguns annos não é a melhor prova d'amizade, e nem tão pouco uma liberdade familiar; isto póde todavia provar uma tal, ou qual confiança, mas não uma dedicação augusta, capaz dessas extremas virtudes, que tanto embellezam a amizade e ennobrecem seus fins; capaz desses sublimes sacrificios, que elevam o coração humano até a bemaventurada orbita da suprema ventura de uma santa amizade! Uma experiencia a tempo é talvez o melhor toque para esse ouro tantas vezes falsificado. Uma amizade que não tem em seu favor senão o tempo, será um affecto, mas tão sómente em potencia (permitti-me a expressão), uma amizade que tem em seu favor a experiencia é um affecto em accção! A's vezes um ente bem desprezível, pelo seu estado, nos é mais favoravel que um, a que chamamos amigo, e a quem respeitámos!

—Fogo... fogo... fogo...—Era este o gri-

to que partia de todas as boccas dos visinhos de Augusto!

O sino da igreja de N. S. da Copa-Cabana parecia estalar-se ao som de repetidas picadas. A gente corria, como louca, e como sem destino: — Onde é o fogo? — Era esta a geral pergunta, que mutuamente se-faziam. A principio: — Não sabemos — era a resposta, e pouco ao depois: — Em casa de Augusto. — Todos começaram de affluir para aquelle ponto. Em menos de um quarto d'hora já ninguém ignorava aonde era o incendio, e passados mais alguns minutos a casa de Augusto estava rodeada quasi por todos os lados de pessoas e de chammas!

Era horrivel de ver!

Lastimoso, e terrivel espectaculo!

Dirieis que as chammas tinham sido lançadas de proposito, pois que principiando quasi a um tempo pelos angulos do edificio, e lavrando por todas as faces delle, já se-des

esperava de o-salvar: tão adiantadas estavam por toda parte!

As chammas tinham já envolvido toda a casa; a viração do Este soprava um tanto rija, circumstancia que muito favorecia ao fogo, que já com impetuosa vehemencia rompia pelo telhado em azuladas labaredas, que em grossos turbilhões enroladas em rolos de fumo negro lambiam os ares quasi chamuscando as nuvens! Ouvia-se o retinir da ardente calça, que despedaçada estivava a terra com fumegantes estilhaços! Uma grossa trave, cujo centro era consummido pelas chammas, acabava de arrebentar-se com horrísono fracasso; e ao mesmo tempo que ella se-dividia em duas, e as pontas queimadas vinham topar em terra, a crepitante labareda tambem se-repartia em duas, correndo cada uma para os extremos superiores dos dous pedaços da rôta viga, que acabava ha pouco de ser uma unica. E, á esta horrivel laceração, uma grossa parede, que acabava de desabar-se,

unia o pavoroso retroar de seu ruinoso tombo, cobrindo o chão de calhãos, de despedaçadas telhas, e de destroçado madeiramento!

A noute ia adiantada, era medonha, e ameaçava proxima borrasca! Ajuntae a este quadro de desolações, e de horrores o importuno clarão das chammas, o verde-pallido do mato, que simulava descorar medroso diante de tanto estrago, os confusos gritos dos circumstantes; e vós tereis uma verdadeira imagem do inferno!

—Onde está Augusto? onde está Augusto?—esta pergunta estrondava por toda parte: e de facto Augusto não apparecia!

No meio de sua familia, uma mulher se-havia escapado ás chammas: ella se-achava no mais completo desalinho; seus cabellos em desordem, seu rosto pallido, seus olhos espantados; tudo nella era confusão! Dirieis que alli estava uma victima de um doloroso remorso, ou de uma desesperada dôr! Era Laura!..

Algumas pessoas se-dirijiam a ella, e lhe-perguntavam por seu marido. Laura, como em um delirio, dizia tremendo, e cheia de uma horriavel agitação:— Meu marido!..

E depois de um silencio inqualificavel soltava, como em loucura, um grito desconcertado, exclamando—Meu marido!..

Augusto não tinha sahido de casa nem antes, nem durante o incendio; e elle não apparecia, e ninguem dava noticia d'elle!..

No meio desta confusão, viu-se um escravo preto correndo sobre uma parte do edificio, que o fogo havia até então respeitado; elle pára diante de uma janella, ergue um machado que trazia, descarrega-o sobre ella, e ao segundo golpe a janella foi escalada. O negro, ligeiro, como um gato, salta por ella para dentro da casa abrasada e desapparece!..

Havia algumas pessoas sobre o telhado dessa parte ainda intacto, que buscavam, já cortando, já lançando grande quantidade

d'agua, salvar ao menos esse lugar; entre ellas era Florindo, o amigo de Augusto, que já conhecemos, e que em sua casa se-achava nesta occasião, o que mais se-distinguia.

A janella por onde saltou o escravo, collocada a um canto da casa, era unida á parede, de uma meia-agua, que servia de cosinha. Infelizmente já o fogo tinha ahí feito não pequenos estragos. Pouco tempo depois a cabeça de um negro foi claramente divisada dentro da casa, e junto á janella dita: era o escravo, que observava si as chammas lhedariam passagem pela mesma janella que escalara.

Por fatalidade a viga, que prendia a cosinha ao corpo da mais casa, unico ponto que a-sustentava, acabou de estalar-se em um lugar consummido pelas chammas. A meia-agua, já muito abalada pelo fogo, desmorona-se sobre a casa para o lado da janella, deixando-a sepultada em baixo de suas ruinas!.. Ao estrondo deste baque seguiu-se o



de afflictivos gritos: — João!.. — era o nome do escravo; e os espectadores o-julgaram abafado debaixo de tantos destroços! Dous, ou tres minutos ao depois, João, trazendo sobre suas costas Augusto, que estava desmaiado, disputa com a morte tanto a sua vida, como a de seu senhor, abrindo caminho per entre chammas!

Mais quatro passos, elles estariam salvos: porem essa salvação parecia impossivel!

Era por uma porta que dava sahida para o jardim, que João intentava a passagem, e por sobre um montão de ruinas, debaixo das quaes as chammas lavravam abafadas; o negro tropeça sobre ellas e sustenta-se; um páo escorrega sobre outro, este madeiro rola de sobre aquelle, a pilha de ruinas desfaz-se, espalham-se os combustiveis; uma espessa columna de fumo se-ergue, e logo um deluvio de fogo, que até então estava como supitado, cujas horrorosas linguetas occuparam todo o vão da porta! Entre esta confusão ape-

nas se ouviam os gritos de — Augusto . . . João . . . murmurados pelos espectadores desta afflictiva e scenal

O preto recúa, elle parece perdido, sem remedio, mas não desanima. Para maior desgraça a parede mais visinha deste doloroso quadro ameaça baquear sobre os dous . . . um unico canto da sala era o só logar ainda não invadido pelo fogo, João abrigou-se nelle: a parede desaba em fim com ruidoso estrondo! e esta mesma parede, que parecia destinada pelo genio das ruinas para perder a João, e a seu senhor, é a mesma de que uma poderosa mão se-serve para conservar-lhes a vida! A parede pois cahindo sobre as chammas abafa por um momento! Será isto um feito milagroso, ou um feito natural? Será isto acaso, ou providencia? Seria a mão do homem quem ateou essas chammas, e derribou essa parede, ou a mão de Deos?

A mão do homem podia accender essas chammas, a mão do homem podia precipitar

essa parede, mas um só dedo de Deos era de sobra para arrancar do meio do incendio duas victimas que em breve iam ser pasto do fogo! Deos é grande!

Todavia, as chammass se-abafam por um momento, e João, opprimido de sua querida carga, passa incólume por sobre uma ponte de ruinas, assentada sobre um oceano de fogo!

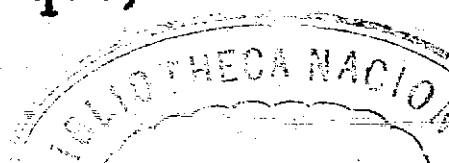
O generoso escravo não tinha bem chegado ao meio do terreiro, quando um pedaço de um grosso caibro partido do telhado com enorme força, lança por terra os dous, que as chammass haviam respeitado!

## CAPITULO V.

É UM HOMEM QUE VINHA FALLAR COMIGO.

As relações sociaes variam sempre, segundo os estados, tempos e circumstancias: o que em um tempo, em um estado, em uma circumstancia póde ser crime, n'outros póde ser virtude. Quando eu vos-dicer uma verdade, que não devia ser ouvida, vós tendes direito de chamar-me inconsiderado; mas quando vós me dizeis uma mentira necessaria, eu vos-chamarei prudente: dizer, pois, que uma mentira é sempre um crime, é calumniar a humanidade!

Tudo está mudado! Passageiro que, ha



pouco, passeiavas por esta praia, tu alegravas teus olhos n'uma bella casa elegantemente construida sobre aquella collina, cuja pittoresca vista dominava alegremente por estes lindos e encantados contornos!..

Agora, pára ante essas medonhas ruinas; cruza teus braços no meio desse montão de cinzas; enterroga esses dispersos restos, pergunta-lhes si foi a mão de Deos, ou a mão do homem quem os-dispersou arruinados no meio de crepitantes e convulsivas chammas? Mas elles não te-saberão responder!..

Pergunta a essas ondas que com incessante furor vêm expirar, despedaçando-se de encontro a molle arêa desta praia, pergunta-lhes; mas debalde serão teus echos e sua resposta será um rouco gemido, que tu não sabes interpretar! Pergunta aos campos; elles não sabem! pergunta á brisa; ella sussurra e foje!..

E então que vês? as ruinas de um bello edificio! os despojos das chammas! e a dolo-

rosa lembrança de tantos estragos e de tantos prejuizos!

Essas antigas montanhas, venerandos monumentos da primitiva natureza, terão também um dia de horror, uma hora de flagello, um instante de incendio! Esses velhos rochedos, timbres seculares da infancia do mundo, terão também um dia medonho, uma hora de ruinas, um momento de incendio! Oh! que então soará um golpe desconhecido para a humanidade, e ao som delle será o ultimo existir desses milagres da natureza! mas tu não conhecerás a mão que lavra o incendio, tu não verás o gigante que arrebatava os penedos! E tudo passará!

Ha poucos dias uma bella passeiava pelas alegres ruas de delicioso jardim, como nos-pinta a antiguidade as gentís nymphas campestres passeiando pelos floridos prados! Brincões meninos corriam por estas ruas de flôres, entre estes canteiros de agradaveis arbustos, ou se-escondiam brincando por bai-

xo destas risonhas ondas de verduras, ou sependuravam travessos nos curvos ramos das viçosas arvores! E hoje?... Como está tudo deserto!

Era aqui que todos os domingos reuniam-se em uma risonha sociedade uns poucos de mancebos, dados a toda sorte de divertimentos, de dansas, de cantos, de banquetes, de jogos, etc. E hoje?... Como está tudo mudado! Apenas uma meia duzia de artistas são, durante o dia, os unicos habitantes dessas ruinas; e, durante a noute, a immobibilidade de uma cidade deshabitada, assolada pelos horrores de um terremoto, a solidão do mais inconversavel ermo, e finalmente o silencio dos sepulcros! Como está tudo mudado! Aqui, pois, precedido de um turbilhão de fogo acabou de passar o genio das ruinas! Como está tudo deserto!

Passageiro, procuras uma familia, que, ha pouco tempo, habitava aqui, onde então havia uma bella casa? ella aqui não está... Queres vel-a? vae á cidade.

Augusto, tendo deixado sua mulher conversando com seu amigo, na sala, retirou-se para seu quarto: tranquillo em sua cama dormia o doce somno da paz, quando o incendio principiou com seus horriveis estragos: sua mulher e seu amigo fugiram talvez no meio deste horror! Quem sabe si elles suppunham que Augusto já se-tinha posto a salvo? Como quer que fosse, Augusto tinha o somno sobremodo pesado, e acordando-se quasi no meio de chammas e de fumo, perdeu os sentidos no momento em que uma salvadora mão travava d'elle, para, desejosa de o salvar, baldar á morte a victima do fogo!

Augusto, pois, está salvo ; nós o-tínhamos deixado, perdidos os sentidos, no meio do terreiro, mas o cuidado dos caridosos vizinhos o-restabeleceram. Senhor de todas as suas faculdades, elle contempla o incendio, observa tantos estragos com a indifferença de Zenon, e após solta o desprezador sorriso de Diógenes!

Augusto fez seus escravos recolherem na casa de um seu visinho os poucos bens salvos ás chammas, e ahi tambem se-aboletou com sua familia. Seu amigo Florindo teve o cuidado de pôr á sua disposição, na cidade, a sua casa, ou antes de seu pae, ao que Augusto urbanamente recusou-se, não querendo offender o melindre do amigo, cuja casa era a em que se-achava.

No seguinte dia elle escreveu para a cidade a um de seus inquilinos, para que logo e logo despejasse as suas casas, attentas as circumstancias em que então se-achava. Oito dias depois do incendio, Augusto e sua familia estavam na cidade.

Sabemos que ha mais de anno Augusto está casado; tambem sabemos que elle ama extremosamente a sua mulher; mas o que não sabemos é si elle é porventura do mesmo modo amado. E como sabel-o? por exteriores provas? Oh! não. Respeitemos o coração humano em todos os seus mysterios!



Só os Levitas de Israel podem tocar na Arca Santa do Senhor! E aid'aquelle que ousar de tocal-a com impura mão!

O coração humano é a arca santa de amor, e só os amantes a-podem tocar! Oh! não profanemos a arca santa de amor! O amor, tem sempre seus os arcanos em todos os corações, o coração de uma mulher é um labyrintho incomprehensivel, cujos rodeios não podem ser percebidos nem pelos genios os mais vastos e lidadores! não entremos: pois nesse labyrintho, onde devorar-nos póde o Minotauro do orgulho, sem que valer-nos possa o prestante fio da humildade!...

Si Augusto não é amado por sua mulher, quem melhor nos-poderá dizer do que o tempo?

Elle tudo sabe...

Augusto era extremosamente amante de Laura, e ella extremosamente formosa, e mais extremosamente orgulhosa de seus encantos!

Os desejos dessa mulher eram para elle

leis imperiosas, ás quaes se-sacrificariam as mais absolutas necessidades! Prever os desejos de sua mulher, satisfazel-os incontinente, era para este bom dos bons maridos a maior felicidade da terra! Laura, por sua parte, de um genio nimiamente ríspido, caprichosa, mal educada, além de atrevida; pagava *dignamente* a seu marido as dividas que sobre seu coração, ou para melhor dizer, sobre sua gratidão contrahia todos os dias um tão estremecido amor! A principio o seu bom marido reputava os atrevimentos de sua mulher por bellas vivacidades de uma senhora de talento!.. Sendo ella sobremaneira orgulhosa de seus encantos, parecendo até não amar a seu marido, era sobremodo ousada em seus desabridos ciumes!.. celebre contradição!

A's primeiras audacias de sua mulher, Augusto respondia com beijos repudiados! com abraços não correspondidos' e emfim com regeitadas caricias!..

Foi muito tarde que Augusto reconheceu

a sua falsa posição de marido; foi muito tarde que quiz ostentar a sua auctoridade ou supremacia conjugal! Muito tarde, porque a talentosa Laura respondendo-lhe com uma galhofeira risada, offereceu-lhe galantemente as suas saias em justa troca de seus calções!

Além disto, Laura era a mulher dos extremos, porque sempre estava ou muito distrahida, ou muito preocupada, e muito mal iam os negocios domesticos. Cumpre accrescentar que ao mais leve aviso que seu marido lhe-fazia, e inda com carinhos, ella tornava-se de fogo. Já vêdes, era uma moça de talento!

As delicias deste consorcio só foram nos tres, ou quatro primeiros mezes, e os oito que se-seguiram a completar-se um anno, foi um consorcio de tormentos pela razão dita. Quantas vezes Augusto não teria dito: « Oh, meu pae! »

Eis si não quando, repentinamente, e contra a espectação de todos, Laura começou a

fazer uma mudança consideravel, de modo que os mezes, que se-seguiram depois do primeiro anno, foram dias de tanta quanta ventura póde gozar-se na terra entre os amantes braços de uma amavel consorte!

Augusto, pois, se-julgava bem feliz! sim, que sua mulher havia perdido todos os seus máos costumes, ameigando inteiramente o seu genio; e póde ainda dizer-se que de todos os seus defeitos só um lhe-ficára, o ciume, porém este, que parecia haver refinado em intensidade, tinha inteiramente afracado em seus furores! Sim, que esse ciu-me agora só parecia um affecto brando, filho de um amor extremoso, ou antes de um ter-no affecto mais do que delicadamente sentido, que era esse amor agora tão suavissimo!

Vós direis sem duvida: « Laura ama a seu marido! » Pois bem. Não vos-dizia eu que respeitassemos o coração humano em todos os seus mysterios!

Augusto, pois, se-julgava bem feliz, e

nem indagar queria o motivo da mudança de sua mulher!..

Como é mysterioso o coração do homem! Soffremos um damno, sabemos que elle nos vem de uma certa mão, que não conhecemos; esta idéa de não conhecermos o autor de nossos males os faz avultar em extremo! A lembrança de que ha um mortal, que causou nossas desgraças é para nós uma idéa terrivel! Quizeramos conhecê-lo para vingarmo-nos, ou ao menos odial-o com um odio do inferno! E, si já não vivesse, para, si mais não podessemos, amaldiçoar seu nome, detestar sua memoria e aborrecer seus descendentes! Este desejo de vingança, este sentimento de odio são os nossos pensamentos do dia, e os nossos sonhos da noute! O damno desaparece, tornamos á felicidade, e todavia resta em nossa alma um sentimento de rancor, e em nosso coração um resentimento de odio! Recebemos, porém, um beneficio, e por elle gozamos a felicidade; seu autor nos-é des-

conhecido; no momento do enthusiasmo de uma gratidão momentanea desejamos ardentemente conhecer o nosso bemfeitor, malogra-se o nosso desejo, e pouco tempo depois nem nos-lembramos que ha, ou houve uma caridosa mão que beneficia nos-felicitára!

Outras vezes conhecemos o nosso bemfeitor, e tractamos com elle quasi sempre... Todo homem tem suas imperfeições, e o homem bemfeitor póde ter a respeito do seu beneficiado alguma imprudencia, e isto é de sobra para que passemos a esponja da ingratição na longa pedra em que estão inscriptos tantos beneficios!

Vós me-perguntareis si a ingratição é em nós um instincto, e si o agradecimento nada é mais do que o producto de um estudo?

Esta idéa, cuja these se-poderia sustentar, e talvez com successo, permittí que eu não desinvolva; mas vós vêdes que os brutos por natural instincto, apenas desnecessitam dos soccorros maternas, deixam para sempre os

autores de seus dias: é o instinto da propria conservação que liga os meninos áquelles que os-pensam, sem a menor idéa de gratidão; e todavia o menino que pende do seio, ergue uma tremula mão para tocar n'aquella que o-amamenta, e algumas vezes, com ainda fracos dentes, morde o seio que o-alimenta!

Ainda assim, si o agradecimento é um dos mais bellos filhos da educação social, nós somos bem felizes!.. Sim, detestemos os ingratos, que empestam a sociedade! não é preciso que sobre sua testa estampemos ardente o negro ferrete da infamia, é muito que lhe-digamos: « Tu és ingrato! Tu és um bruto que, debaixo de uma fôrma humana, vives na sociedade dos homens! Tu és ingrato... esta palavra de condemnação e de opprobrio revela toda a perversidade de teus costumes! Tu és ingrato... opprobrio sobretill maldição, maldição!

Já sabemos que a casa que em Copa-Ca-

bana fôra incendiada se-acha reedificando; cumpre agora que vos-diga que Augusto alli vae quasi todos os dias a ver suas obras.

Durante tres mezes em que elle costumava a ir todas as manhãs, só cinco vezes lá tinha ficado, por se não expor ás injurias de horri-vel tempestade; e sua mulher já estava assás prevenida para que não o-esperasse em noutes de grandes tormentas.

Uma tarde, era no mez de Janeiro, seriam tres horas, mais ou menos, quando se-come-ça de ouvir os roucos estrondos de amiudados trovões; um frio vento do sul principia a soprar com inusitado desmandamento; o céo immediatamente se-cobre de procellosas nuvens; copiosa chuva açouta as azas dos ventos; farpados relampagos abrasam os ares, enquanto crepitantes raios despedaçam o seio das nuvens! Parecia que a natureza tinha cansado de existir, e que, como o derradeiro lampejo de chamma que expira, por ultimo empenho, punha em jogo todos os seus hor-



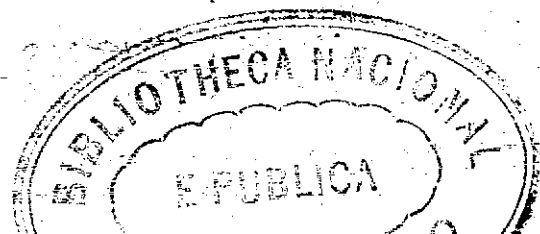
rores, a fim de lacerada por toda parte, tombar para sempre no tenebroso abysmo do primitivo cahos! Dirieis que era um drama de demonios, que se-representava no inferno!

Pouco antes das onze horas da noute a borrasca havia cessado. Tudo era tranquillo e bello, como uma noute serena de magica primavera! Laura em seu quarto dormia ou velava; nós o não sabemos, nem nos-é licito penetrar no respeitavel sanctuario dos casados: dormia ou velava... Tudo estava em socego...

—Traz... traz... traz...—São tres golpes que soaram sobre a porta da casa de Augusto... Laura os-ouvio... Silencio... tudo é silencio... Talvez que Laura não esteja ainda bem acordada... —Traz... traz... traz... — Agora foram mais fortes! Laura estremece... e porque? Mysterio!.. Ella ergue meio corpo, e com somnolenta voz falla:

—Qu... em... ba... te?

—Manda abrir, Laura.



— Augusto!!!..

Ella murmurou. Certo o não esperava. Pouco tempo depois a porta foi aberta e Augusto entrou.

— Como! com tal tormenta?..

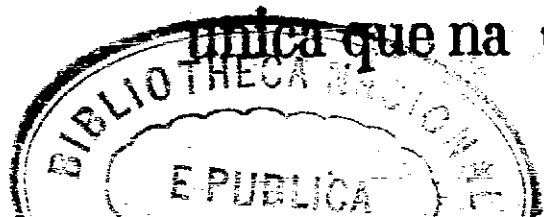
— Ah, vim antes do meio dia, por causa de negocios. A tempestade apanhou-me já na cidade, em casa do Thomás, e agora, depois que serenou, é que poudes vir.

Este pequeno dialogo, entre o marido e a mulher, terminou aqui.

Augusto, talvez a pedir agua para lavar-se, encaminhou-se á cosinha: ao chegar a sala de jantar, um vulto embuçado em seu capote saltando por sobre o muro do fundo, que dividia a sua casa da do visinho, vingava-o para o lado opposto...

— Quem vae ahi? quem vai ahi?..

Era tarde; o nocturno já se-tinha posto a salvo. A cosinheira, escrava preta, era a unica que na cosinha então velava: é logo



presa por seu senhor, e interrogada sobre o fujitivo aventureiro...

Laura apparece ao mesmo tempo, e quer saber o que vae... A escrava é ameaçada para que confesse a verdade; ella treme, balbucia e falla:

—Perdão, meu senhor... perdão... E' um homem que vinha fallar comigo...

A escrava era uma crioula moça e bonita...

## CAPITULO VI.

TALVEZ QUE ELLE TIVESSE TANTO QUE FAZER  
AINDA SOBRE A TERRA...

A derradeira desordem de uma vida é, em algumas occasiões, a desordem de outras.

E' algumas vezes no reino da morte, e na profundidade do sepulcro, que vae assentar suas bases a felicidade de uma ou de mais vidas... Mas quem sabe si tão profundo é o sepulcro, que por longo tempo possa sustentar essa base...

O sino do convento de St.º Antonio volte-

jando sobre si proprio, parecia dizer aos fieis em lúgubres e lamentaveis sons: — Orae... orae... orae... orae...

A arêa equivalente á vida de um mortal, collocada na parte superior d'ampulheta dos destinos, tinha acabado de escoar-se, e o anjo da morte havia presidido attento ao deslizar extremo do final bago, cuja terrivel consequencia importava o ultimo esvaecer do halito vital do derradeiro luzir da scentelha da vida de um mortal!

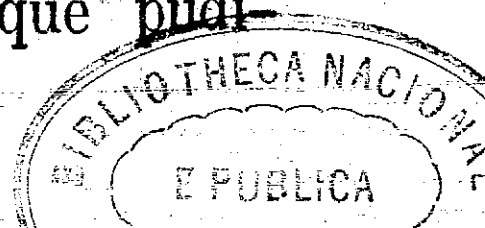
Um tempo foi essa desastrosa queda, e a tremula mão do anjo da vida abrir o vasto livro da natureza, e passar sobre um nome, alli inscripto, um negro traço que symbolisava a eternidade!..

O anjo da morte havia gravado com seu ferreo e inexhoravel stylo o nome de mais um mortal sobre uma negra pagina do tremendo livro do peccado!..

Ha pouco existia um mancebo que se-julgava feliz, que era rico, forte, robusto e que

vivia no centro do prazer! pouco depois um moribundo, e agora um corpo sem vida! Oh! uma morte subita! Como é doloroso! Que resta? um corpo sem vida e uma familia desolada! Em pouco mais de um anno, quantos acontecimentos! Umas nupcias, o natalicio de um marido, o natalicio de uma mulher, um incendio e uma morte! E, pois... não são cinco festins? Certo são cinco banquetes: tres dados por um amigo a seus amigos; um dado por uma desconhecida mão ás chammas, e o ultimo emfim dado pela morte aos vermes do sepulcro! E, pois... são cinco festins, cujo principal personagem ahi tendes no seu ataüdel Cinco banquetes... e assás de iguarias!..

E o que resta? Uma familia desolada, uma viuva em lucto, a dôr dos parentes e a saudade dos amigos! Oh! tudo passará, como o respirar saudoso de fujitiva brisa ao travez dos ramos da floresta! Tudo passará, como o rapido lampejar do raio! Tudo passará como o primeiro sorrir de uma virgem, que pudi-



bunda foje ao gentil mancebo por quem seu coração já sofre um amiudado latejar de amor!

Oh! tudo... e tudo passará! só a lousa do sepulcro é eterna! só o dormir de morte não passa! O ferrenho esquecimento alargará d'aqui a pouco o vasto circulo de sua immensa orbita, e esse cadaver e esse tumulto entrarão tambem por seu turno em seu duro e sempiterno dominio!.. Oh! tudo passará!

Um fúnebre préstito, tendo galgado a ladeira de St.º Antonio, acabava de entrar na capella dos terceiros da penitencia; o negro altar dos defunctos recebeu um féretro, funereo invólucro dos restos mortaes de um mancebo.

As abobadas do templo retumbaram ao som triste dos melancolicos psalmos dos mortos, entoados pelos sacerdotes do Senhor. O incenso dos finados volveu em torno da arca funeral; ouviu-se o tremendo — *Dies iræ* — e finalmente poz termo a dolorosa ceri-

monia do enterramento o amargurado—*Requiescat in pace.*

E' noute. O templo está deserto e os altares em trevas; apenas solitaria alampada lançava de amortecida luz um pallido clarão, como o da unica chamma da luz da agonia: era essa alampada a que só ardia contra o altar-mór, em frente do sacrosanto sacrario. Que solidão! As portas da igreja estavam fechadas; ermo todo o espaço do templo... Silencio, tudo era silencio!.. Nem-um vivo perturbava a tranquillidade dos tumulos, nem-um interrompia o mysterioso divagar das sombras... nem-um... oh, não... não; que a despeito do horror que no alto da noute inspiram os logares sagrados, todavia um vulto embrulhado em seu capote permanecia silencioso e pensativamente recostado sobre um altar.

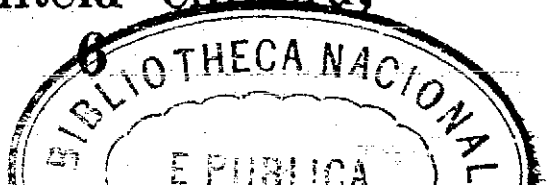
Quem será elle? Algum ladrão por ventura, que apadrinhado pelas sombras da noute, se-deixou ficar na igreja, para mais tarde despojal-a de suas mais preciosas alfaías? Mas o

o sachristão o-viu e com elle praticou; sua pratica foi familiar... quem será elle? Oh! encaminha-se para as catacumbas!.. Alli não ha riquezas; apenas o desengano das grandezas do mundo? Ah! é talvez algum amigo do morto, que na solidão do templo, no silencio da noute, vem contemplar pela derradeira vez a sua face pallida, e derramar sobre ella os enternecidos suspiros de sua intensa dôr, molhados pelas dolorosas lagrymas da saudade! Ah! tu vens chorar! entra, pois. Como é louvavel esse teu sentimento! Chora, sim, chora... feliz quem póde fazel-o! feliz quem tem um coração terno, um coração compadecido, um coração que tem lagrymas para as-mandar aos olhos! O pranto algumas vezes é tão terno!.. tão doce! e sempre um allivio tão suave para nossa alma!.. Ah! feliz, feliz quem chora!

Vem, entra o arraial dos mortos; passeia por estas solitarias ruas, presididas pelo silencio dos defunctos; olha para esses aca-



nhados gabinetes, onde por seu turno habita, por espaço de um anno pouco mais ou menos, uma porção de carne corrompida e a ossada de um humano! Lê essas inscrições, que te-revelam no seu triste — Aqui jaz — a grande idéa da Eternidade e a pequenez da vida; entra depois em ti proprio, e contempla quantas gerações aqui se-succederam, e repousaram em somno eterno sobre colchões de pedra, cobertas com a calda sepultura! Oh! certo não póde haver logar mais proprio para a meditação, do que o asylo da morte, o extremo abrigo da humanidade! mas tu não vens philosophar aqui, vens chorar. Pois bem debalde será teu pranto; debalde, que elle não poderá amolgar a pedra do sepulcro! Tuas lagrymas cahirão inutilmente sobre ella, e deslisadas dalli, irão secar-se confundidas no pó dos mortos, que foi n'outro tempo sêres humanos! Teus ais se-perderão baldados nos fúnebres ares das silenciosas ruas da morte! Pranteia embora,



suspira... pranteia pranto de sangue, suspira suspiros de fogo, nada poderá remir a infausta victima da morte, guardada *in eternum* em seus medonhos e inexpugnaveis dominios! Primeiro teu pranto de sangue poderá asoberdar ás nuvens; primeiro teus suspiros de fogo poderão escalar os céos, do que a Morte entre comtigo na mais leve composição a respeito de sua presa! Poderás tu resuscital-a? Poderás com teu pranto de amigo?... Feliz si o fizeres, entra. Elle não estava aborrecido de viver e amará a sua resurreição! Quem sabe? talvez que tivesse tanto que fazer ainda sobre a terra... De feito, o homem do capote dirijiu seus passos para as catacumbas e entre ellas buscou a que acabava de ser hospedada por um novo morador do paiz dos finados. O sachristão da igreja procurou o nosso desconhecido, e pouco tempo depois elles já não se-achavam nas catacumbas.

Nada podemos saber do que fizeram nesta região fúnebre; nem ainda a que foi

ao templo o vulto do capote. Nós o-seguimos até a sepultura do recente finado, e até ahi acompanhámos o sachristão da igreja. Uma serie de notaveis acontecimentos os-arrancou a nossas vistas.

Era meia noute: a taes deshoras tres vultos se-escoavam pela ladeira do convento de S.<sup>o</sup> Antonio; vejamos si os-conhecemos: mas como? elles parecem pôr peito a que ninguém os-conheça; embora: e que temos nós com elles?... mas sigamol-os. Entram em uma casa... sua porta fechou-se sobre nossas vistas.

## CAPITULO VII.

E NESTE LOGAR? E NESTA HORA.

Aquelle que entra em casa alheia por meios occultos, seja qual fôr o fim que para alli o-leva, é sempre um ladrão; porque, ou vae roubar a fazenda, ou a honra, ou um segredo. A casa de familia, que tem uma porta durante o dia e outra durante a noite, não poderá mui efficazmente sustentar sua honra quando a segunda porta a arguir.

As obras da Copa-Cabana se-haviam con-

cluido; a casa que outr' hora fôra abrasada e que se-reedificava, já se-achava prompta; e a familia a quem pertence esse edificio, tendo deixado a cidade, de novo occupava a sua antiga vivenda.

Os prazeres dos bellos domingos se-haviam restaurado com a presença dos habitantes desse logar de delicias; as alegrias de outr' hora haviam renascido e tudo se-animava, tudo vivia na bella casa da Copa-Cabana, mais elegantemente reedificada.

Os interessantes pomares de novo tinham um cuidadoso cultivador, o vergel um assiduo jardineiro, e suas bellas flôres abriam seu odoroso e colorido seio para serem colhidas por uma bella mão candida, como a assuce-na do prado, e formosa como o mais custoso labor das delicadas mãos de uma donzella que ama, e que o destina para o mimoso querido de seu joven coração, e para murcharem entre os louros e melindrosos cabellos de uma cabeça tão formosa, como o mais bello pen-

samento de instruido artista cubiçoso de glori-  
ria!

Agora, porém, me-recordo que uma omis-  
são da minha parte, unicamente filha do meu  
esquecimento, vos-dá direito a me-pedirdes  
dous nomes, isto é, o do morto e o da viuva  
inconsolavel... Sem duvida grande razão vos-  
assiste em vossa exigencia; quanto a mim,  
nada mais me-resta do que o dever de satisfa-  
zer-vos.

Parece-me que sendo o amor o mais vul-  
gar de todos os affectos, é por isso que senti-  
mos quasi sempre, e ás vezes a nosso pezar,  
o nosso coração interessar-se pela sorte da-  
quelles que amam; e mui principalmente  
quando vemos um amor generoso, e desin-  
teressado de toda qualquer outra paixão hu-  
mana. Eu não vos-pintei, é verdade (ao me-  
nos até aqui), Augusto como um mancebo que  
movesse em seu favor as vossas sympathias;  
mas é tal a susceptibilidade de nossa alma  
em prol dos que amam, que, des do mo-



mento em que o-vistes amando tão apaixonado, tão sincero e de um modo tão generoso, vós, eu bem o-sei, tomastes pelos seus destinos um tal e qual interesse. Oh, sem duvida... — Que (me dizeis vós)! pois o mancebo que acabou de uma morte subita, o mancebo ha pouco sepultado na ordem terceira de S. Francisco de Assis, é Augusto?! Essa viuva inconsolavel é Laura? Essa familia desolada é a familia de Augusto?... — Ainda bem que vós adivinhastes... eu não vol-o queria dizer; ao menos desejei por mais alguns momentos poupar essa pena ao vosso coração, mas vós penetrastes o que eu tanto, e com tanto cuidado vos-quiz occultar.

Pois bem. Esse funesto acontecimento não podendo pôr termo á nossa historia, o fio della nos-leva á Copa-Cabana.

Suppondes que na casa de Augusto vêdes as lagrymas de uma viuva? suppondes que ouvis os suspiros de uma mulher inconsolavel, que amava e extremosamente queria a

seu marido? e que essa mulher é Laura? pois é verdade, tudo isso é verdade!

Entretanto fallemos de um acontecimento de certa noute. E' tarde: Laura dorme talvez no fundo de seu aposento, e as pessoas de sua familia dormem tambem ou para isso se-aprestam. Um rebuçado, coberto com um grande chapéo, tendo o rosto envolvido em um lenço de côr escura, ora, sobre mansos passos volteja em roda da casa, ou applica o ouvido sobre uma janella, como quem busca escutar o que se-falla por de traz della. O que quererá nesses logares desertos e a taes deshoras esse passeiador nocturno? Será por ventura algum malfeitor? mas contra quem? aqui só existe uma viuva em pranto, cujo marido hontem retribuiu á terra o que lhe-havia tomado por emprestimo... e com ella seus escravos. Quem será? algum ladrão? Certo que nem-um estado ou idade merece consideração para tal gente. E neste logar? e nesta hora... Acaso será aquelle rebuçado

que outr' hora escapando-se ás vistas de Augusto, em sua propria casa, transpoz o muro em sua fuga? isto é, o miseravel amante de uma preta escrava, como ella propria havia declarado a seu senhor? Será o rebuçado das catacumbas? Emfim cumpre seguil-o.

Todavia elle se-approxima á janella. A noute vae já em meio; todos dormem, nem um rumor; silencio, tudo é silencio; é o sosiego da morte, é a mudeza dos sepulcros. A mesma aura da noute, que aliás até alli havia brandamente agitado as folhas das arvores, parecia encolher suas sussurrantes azas, como para espreitar os passos do nocturno: elle chega-se á janella... escuta... e arranha subtilmente sobre ella... dirieis que era o arranhar de um gato... a janella abre-se repentinamente, o vulto com invejavel presteza salta por ella e cahe dentro. Ao mesmo tempo dous braços amorosos recebem estreitamente... a quem? ao malfetor? não: e, pois, a quem? a um amante? Não sei. Depois de certificar-me eu vol-o direi.



## CAPITULO VIII.

E TU ME ARGUES?... TU!..

O criminoso póde esconder seus crimes aos olhos de todo o mundo; nunca, porém, aos olhos de Deos, nem aos seus proprios: estes serão um dia a mais encarniçada parte contra elle, e aquelle um juiz que infallivelmente o-julgará! Uma hora de meditação para o criminoso, é um seculo de infernal supplicio para sua alma; mas ha criminosos tão felizes que muito custam a ter essa hora de reflexão! todavia, ella virá.

Desde que comecei esta historia até este ponto, não curei de mover pró ou contra algum dos meus personagens, ou antes personagens della, a amizade ou o odio. Todavia, si alguma alma nimiamente compadecida se tem interessado por algum dos personagens da minha historia, desde já lhe-agradeço; mas sempre lhe-peço que se não engane. Quanto ao odio, contra ninguem desejo movel-o em pessoa alguma, pois é paixão que sempre incommoda a quem a-sente. Além disto, sup-

pondo que não havendo motivos para elle, podemos bem tranquillisar-nos; mas desde já peço venia para dizer-vos que aquelles braços que ha pouco receberam, e com tão amorosa ternura um amante nocturno, eram os de uma viuva...—Que (me-dizeis vós)! Laura!..—Eu vol-o não tinha dito; mas como vos-antecipastes, não vos-poderei negar... e, pois, é Laura.

Bem sei que achareis horrivel o ouvir que uma mulher, ha tão pouco tempo viuva, receba as visitas de um amante; tambem eu não acho isso muito bonito; mas como negar-vol-o? Sabeis vós a terrível tarefa de um historiador? sabeis: então tende paciencia em ouvir-me, que tambem a-tenho em narrar-vos. Portanto vamos adiante.

Em face de tudo quanto até aqui se-tem dito, e do que (segundo creio) não estais esquecidos, seria não só inutil, mas até impertinente qualquer reflexão que a respeito deste successo se-quizessemos fazer.

Estas entrevistas eram repetidas quasi sempre, com a pequena interrupção de dous ou tres dias, quando muito; e acontecia não poucas vezes que o desconhecido dos amores secretos ficava encerrado um ou mais dias no quarto de Laura, e deste modo occulto aos olhos da familia.

Já dous mezes se-haviam passado sobre a viuvez de Laura; ella e seu amante viam-se tantas, quantas vezes queriam, sem emprego do menor artificio, e sem o mais leve receio.

O enthusiasmo primitivo deste criminoso amor havia minorado seu tanto, ou ao menos a libidinosa chamma, que abrasava estes dous corações tão impuros, tinha abaixado muito de sua intensidade original, consequencia quasi sempre infallivel de um amor criminoso, de um commercio illicito, que de clandestino e medroso que antes fôra, passára a ser exempto de receios e, portanto, livre.

Em uma noute dessas entrevistas o amante,

como para distrahir-se á custa de sua bella, pediu-lhe a narrativa da sua historia.

—Ora, é tão simples...

—Embora; conta-m'a.

—Não ha nella algum acontecimento, que mereça attenção...

—E' o mesmo; sempre terá alguma cousa de notavel. Ora anda... não vês que eu te-peço?...

—Pois bem. Escuta. Nasci n'uma pequena villa pouco distante do Rio de Janeiro; meus pais tinham com que passar soffrivelmente a vida, mas não cuidaram de minha educação; apenas mandaram-me ensinar a ler, e isto bem mal. Meu pae morreu quando eu contava doze annos e meio de minha idade, e eu fiquei em companhia de minha mãe. Pouco tempo depois, um lindo moço, meu patricio, enamorado de mim, pediu-me á minha mãe em casamento, e acontecendo dea oppor-se ao que era da nossa vontade, eu sahi com meu amante da casa de minha mãe, para casar-me com o meu amado,

Em casa delle vivi algum tempo occulta, porém contente; mas não sei porque máo fado minha mãe soube do logar em que eu me-achava, e talvez por conselho de outros me-quiz perseguir ou antes a nós ambos; mas o meu amante (que neste tempo estava para casar-se comigo) sabendo disto embarcou-se para o Rio de Janeiro, trazendo-me comsigo. Já muito perto da barra desta cidade uma grande tormenta nos-fez naufragar nesta praia. Não sei si morreram todos os que vinham na embarcação ou si escaparam alguns; só sei que o meu futuro marido morreu, porque eu mesma o-vi quando uma grande vaga de mar o-levou de cima do convez, e o-sumi para sempre no meio dos mares. Eu fui salva, e pouco depois me-casei com Augusto.

—Mas Augusto dizia que eras viuva!..

—É verdade; eu assim lh'-o-havia dito.

—E de que modo foste salva, minha Laura?

—A tormenta tinha principiado á bocca da noute, e era uma hora quando o navio bateu na praia. O mar já tinha levado a lancha de

cima do convez, e os marinheiros botando-se ao mar procuraram salvar-se a nado. O meu homem estava junto de mim, e na ocasião em que ia buscar um cabo para com elle amarrar-me a um mastro, para que o mar me não levasse, escorregou no convez e cahiu; ao mesmo tempo o mar que entrava na embarcação o-carregou! Eu fiquei só, abraçada com um mastro, até quasi de manhã, e gritando sempre por alguém que me-acudisse. Sobre a madrugada então vi chegar á embarcação uma canoa com dous vultos; um subiu, pegou em mim, que tremia quasi morta de frio, e poz-me na canoa...

—E quem eram esses dous vultos?

—Era Augusto e um seu escravo...

O amante ao ouvir estas palavras, fez em seu rosto uma contorsão de espanto e precipitadamente dice:

—Acaba, Laura, acaba.

—Já perto da praia a canoa virou-se; o preto esteve quasi morto, embaraçado n'uma

corda da canoa, e nem podia valer-me, nem a seu senhor; mas este agarrando em mim, nadou comigo para a praia, onde cheguei salva... Pouco tempo ao depois casei-me com Augusto, como tu bem sabes...

— Que horror!.. exclamou o amante.

E em verdade o sangue frio com que esta mulher terrivel acabava de proferir a ultima parte de seu discurso, era para horrorisar a quem estivesse senhor dos segredos de sua alma, uma vez que não fosse complice de seu crime; mas seu proprio amante tão criminoso como ella, tambem se-mostrou possuido de horror, se bem que o não creio muito.

— Laura... que temos nós feito! accrescentou o amante com doloroso accento. Laura, tu acabaste com a vida do homem, que se-arriscou á morte para salvar tua vida em um naufragio!.. Tu acabaste com o teu bem-feitor, com aquelle que te-arrancou das garras das ruinas e da miseria, para elevar-te ao

gráo de sua esposa!.. Que horror!.. Laura, Laura... que temos nós feito!..

—Continúa, eu te-escuto e te-escuto tranquilla; falla, falla mais.

—Que negro, que horrendo crimel..

—Falla mais, mais; eu quero ainda ouvir-te...

—Ah! deixa-me.

—Mais nada? Sim, tu tens razão: eu sou um monstro de crimes, e o maior de todos é o te-haver amado! Eu conspirei contra a vida de meu marido e bemfeitor: e tu? tu não conspiraste contra a vida de teu amigo?

—Oh! cala-te... cala-te...

—Impostor. Quem é que me-desencaminhou com um amor criminoso e louco, não foste tu? Quem me-aconselhou para largar fogo á minha casa e fechar antes a porta do quarto em que dormia meu marido, fiado em que elle não se-acordaria por causa de seu somno duro, e assim vel-o morrer queimado: não foste tu? Quando o preto João

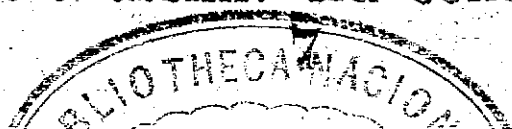


salvou Augusto das chammass, quem foi que do telhado atirou-lhe um pedaço de caibro para o-matar, e que errando feriu o preto, não foste tu? Depois que te-escapaste de Augusto, fugindo pelo muro de minha casa da cidade, e que eu te-dice que meu marido não tinha acreditado na declaração da preta, e que desconfiava de mim: quem foi que me-resolveu a envenenal-o, não foste tu? Quem me-deu o veneno, com que dei fim á vida de Augusto, não foste tu?

Laura, muito suffocada em colera, suspendeu aqui o seu horroroso discurso, ou antes medonho apontuado de nefandos crimes seus e de seu amante. Este ainda lhe-dice:

— Oh! tudo isso é verdade, verdade horri-  
vell! Mas quando convivim contigo nesses cri-  
mes, eu suppunha que tu conspiravas sómen-  
te contra um marido a quem não amavas;  
mas não contra o homem a quem devias a  
vida, contra um bemfeitor, contra um...

— Um amigo teu, não é assim? Eu cons-



pirei contra o homem a quem devo a vida, contra o meu bemfeitor, e por teus conselhos; mas conspirei contra um marido a quem não amava; e tu dirigiste os meus passos contra aquelle homem a quem devias dinheiro, amizade e protecção; contra aquelle em cuja casa tu tinhas tanta liberdade, como na tua mesma casa! Eu assassinei a meu marido, e tua ao teu melhor amigo!..

— E ambos nós não somos mais do que dous criminosos, e bem perversos! Nós nos-devemos detestar com um odio do inferno, e aborrecer um ao outro!.. Laura, se já não é tempo de remediar nossos crimes, seja ao menos tempo de lastimar-nos. Separemo-nos, pois, e seja a nossa separação uma separação de morte!..

— Tu zombas de mim?

— Não, Laura. Vae encerrar-te no fundo de um convento, e alli ante os altares, chora de contínuo os teus horrendos crimes... Ao menos...

— Bem; irei ser freira. E tu vás ser frade, não é assim?

— Irei... irei... não sei para onde... Laura, adeos, e adeos para sempre.

E sem mais nada escutar, avança para a janella, abre-a com estrondo, e saltando para fóra encaminha-se para a cidade.

Estas criminosas declarações vos-revelam todo o sentimento da epigraphie do capitulo IV. Tornai a lê-la.

## CAPITULO IX.

### DEOS TE-PERDOE.

No meio dos mais horrorosos crimes ha sempre um lado de moralidade; conhecel-a está em estudal-os. Estudemos, pois, os crimes, não em si proprios, mas em seus resultados e em sua origem; então um véo rasgar-se-ha diante de nossos olhos, e esse cubo apresentará ao nosso exame uma face bem diversa d'aquella que antes observavamos. No fim de tudo, notemos que os premios e castigos andam sempre de involta com os bens e com os males.

Temos direito áquillo que se-nos-prome t-

te. Eu, pois, vos-prometti, bella Emilia, dar-vos uma historia moral; é bem: sendo assim é justo que faça algumas reflexões sobre este desastroso passado que acabaste de ouvir. A' vista do quanto fica dito difficil cousa sem duvida é o determinar qual destas duas creaturas, infinitamente criminosas, a mais criminosa era.

Quanto a mim, as circumstancias, que aggravam seus crimes, estão em um tão perfeito equilibrio, que ambas são a nossos olhos horivelmente criminosas; sem que em nem-uma das partes haja a menor qualidade attenuante, que minore a intensidade de um tal delicto! Em ambos estes dous funestos amantes havia, além do crime de incendio, do de adulterio e do da morte de Augusto, o detestavel crime da ingratição!

Parece que injusto seria quem na sociedade dos homens os crimes julgados fossem em si mesmos e não pelas suas consequencias. Ha crimes bem horrorosos, mas que todavia

a sua influencia não passa além do acto do crime; são crimes, cuja perpetração constituem o seu principio e a sua consummação. Ao contrario, outros ha, que parecendo pequenos em si, a sua acção se-vae empregar em uma ou mais pessoas diversas, e ás vezes depois de alguns annos.

Nós já vimos em que crimes incursos estão os nossos personagens, e que além dos tres primeiros grandes crimes, ha o da ingrati-dão. Este, que entre algumas nações não é olhado senão como um erro em si mesmo, talvez porque não poucas vezes carece de consequencias funestas, com effeito, povos tem havido que o-tem considerado como um horrendo delicto, e como tal o-tem subjeitado ao rigor das mais severas leis. Entre nós mesmos pessoas ha que não duvidariam votar graves penas em punição do pae da mór parte dos crimes!

Geralmente fallando parece que os mais funestos de quasi todos os crimes são a mor-

te e o adulterio, por irremediaveis em suas consequencias; pois que si n'aquelle ha a morte physica de um individuo, neste não deixa de haver uma especie de morte moral á alguns respeito disto a que o mundo chama honra e que (confesar-nos cumpre) é indispensavel na sociedade!

O individuo morto não póde tornar á vida; eis a mais horrivel consequencia do homicidio, e é que o mal feito está eternamente feito! No adulterio ha quasi o mesmo, além de involver, quando menos, dous crimes, o perjurio, em menoscabo da fé dada em face dos altares, e a infamia lançada sobre um individuo, ou sobre uma familia inteira. Além de que, este crime póde, mais tarde, implicar um furto, isto é, o filho de um estranho herdando de um homem, que não é seu pae, e a quem seu verdadeiro pae fez grave affronta: isto no adulterio da parte da conjuge; mais como esta possibilidade nem sempre se-realisa, não a-contaremos, como

uma das consequências deste crime; nem tão falto de consequências funestas é elle, que precise meras possibilidades. Sempre que se-vê o marido de uma adúltera, esta infamia é recordada; sempre que se-vê seus filhos, esta affronta vem ápellos! e o *parce sepultis* não serve de barreira a uma tão funesta memoria!

Trazei agora á vossa imaginação as desordens, a immoralidade levadas ao centro de uma familia, o máo exemplo para os filhos, e a immoralidade para com a sociedade, e vêde si este crime carece de alguma consequencia que não esteja desde logo no dominio das realidades?

Podemos pois concluir que os crimes mais horrorosos em suas consequências, por irremediaveis, são o homicidio, e o adulterio! Entretanto parece que nações existem que o-tem considerado como uma passageira galanteria de moços facetos, e de senhoras (a quem hoje chamamos *do grande tom*).

Todavia, o homicidio póde algumas vezes ser justificado pela defeza da propria vida, da honra, da fazenda, &c. &c.

O adulterio porém nunca será justificavel; não obstante alguém haverá tão indulgente que queira minorar sua intensidade por causa de alguns máos tratos, abusos de alguns maridos, faltas de certos necessarios, &c, porém bem miseraveis são semelhantes desculpas, mas demol-as de barato.

Quanto á ingratidão, parece que nada, e nada absolutamente a-póde, nem levemente desculpar. Perguntae ao ingrato: — Porque depois que enriquecestes espalhastes espinhos no amigo terreno, que durante vossa miseria vos-dava o precisado pão? — Que responder?

Neste outro crime pois haviam incorrido os dous adulteros: um contra o seu bemfeitor, e outro contra o seu bom amigo! Demais, com quanto seja indesculpavel o abandono em que o amante deixava a Laura, ella tinha



dados uma triste idéa de si, e de todos os seus costumes, quando dice-lhe que com um amante havia fugido da casa paterna. A fuga de uma donzella da casa de seus paes para a de um amante, é sempre um mui feio crime. Com effeito, o jus que cada um tem á sua felicidade parece desculpar a donzella, que, ouvindo da bocca de seu pae, ou tutor, estas terriveis palavras: — Ou te-casarás com F....., ou te-encerrarei n'um convento, ou carcere privado, — sahe da casa paterna para a de um bom parente, ou de um honrado depositario, até o dia de suas nupcias com o objecto do amor de seu coração, pois que se não póde resolver a dar a mão de esposa áquelle a quem não ama, e que suppõe incapaz de a-felicitar; por isso que, preciso é confessar, ninguem póde formar a dita d'outrem a seu bello-prazer.

Dicemos que o abandono em que o amante deixava a Laura era para elle uma falta indesculpavel, porque tendo essa mulher em-

pedernida sido arrastrada a toda sorte de crimes por esse malvado, justo era que dalli em diante mutuassem suas sortes, e todas as consequencias de seus crimes. Além de que, quando um criminoso convicto soffre a flagellante idéa de seus crimes, o remorso o mais cruel, e que mais horivelmente mastiga a sua consciencia é a compaixão dos que ignoram seus crimes; porque elle sabe, e sabe muito que essa compaixão é a ingenua filha de uma alma boa, que vive na ignorancia desses hórridos feitos, e que essa pessoa compadecida, sabendo os seus delictos, bem que não retirasse a sua compaixão, ou antes piedade do criminoso, que soffre, diria comtudo em sua alma: — Soffre a pena de seus delictos... Deos é justo! — Deste modo só á compaixão de seu amante, verdadeira compaixão, era a unica a que Laura devia ter direito e elle á della, sem a mazela das cruentas fúrias do remorso: mas a sorte dos malvados é tão desgraçada, que ligando-se,

e amando-se todos os semelhantes, estes se-ligam, e jámais se-amam, e antes quasi sempre se-aborrecem interiormente !

E na verdade, se uma mulher casada, se uma mulher que ama pensasse cinco minutos antes, uma de adulterar e outra de trahir, certo não haveria adúlteras, nem tão pouco perfidas; porque o pensamento que deve logo assaltar é espontaneo em ambos os culpados: da parte do homem que aconselha ao crime, este: — Ella trahir-me-ha algum dia, como hoje ao seu marido ou ao seu amante. E da parte della: — E' um homem que me-aconselha ao crime, que destroe a minha reputação, logo é um infame. Demais, ou elle ama-me, ou não; se-ama-me deve amar a minha reputação, o meu socego, meu bem estar e a minha honra; mas elle que me-aconselha a deshonra, logo me não ama, e então busca-me guiado tão sómente por um sórdido deleite. Emfim, quando o meu crime fôr descoberto elle por-se-ha a salvo, e a mim

ficará a affronta, a vergonha, o horror dos meus crimes e quem sabe si a morte!

Nem se opponha a esta razão o-poder do segredo; e podemos estar certos que muito mal vae quem muito se-fia de um segredo: além de que não ha segredo em negocio algum sobre a terra, quando esse negocio é sabido por duas pessoas.

Quanto ao dizer o amante que acreditava conspirar unicamente contra um marido não amado por sua mulher, e não contra seu bemfeitor, miseravel desculpa era, fosse ou não amado della: e que lhe importava? elle havia sempre conspirado contra o seu amigo!

O que é verdade é que, passados os primeiros momentos de entusiasmo de amor, os crimes commettidos durante essa terrivel crise de illusões, assoberbam aos olhos dos que já pensam a sangue frio, com horrorosas côres, e debaixo de hediondas fórmias; e uma vez apparecendo a reflexão sobre esses crimes, o amor então já é muito difficil!

Eu bem sei que alguém haverá de uma alma tão bem formada que negue uma possível credibilidade nos crimes desta mulher; mas cumpre o não conhecer o de quanto é capaz o coração humano para negal-a. Observemos de passagem que, quando uma mulher chega a ser perversa, não ha crime por horroroso que seja ante que recue o seu empeçonhado coração: isto é raro, é bem verdade, mas tem acontecido. Indubitavelmente o numero dos homens máos é sobremodo maior do que o das mulheres, ninguém o-poderá negar; mas ninguém poderá igualmente negar a asserção que avancei antes, sobre a perversidade de uma mulher, endurecida e já muito familiarisada com o crime.

Laura era, pois, uma mulher cruel (talvez porque tinha aprendido a-sel-o!)... tinha até um genio infernal, e era vingativa. Deixaria ella impune o seu falso amante, o complice de seus crimes, o homem que a-

abandonava? Ficariam sem vingança a dôr e o ultraje que acabava de soffrer! Por sua vontade, não. E que fará ella?

Meia hora depois da retirada do amante, um viajor nocturno devora caminho, a longos passos, da Copa-Cabana para cidade: ao entrar em uma pequena mata, ouve-se o estrondo de um tiro, e o viandante tomba ferido e moribundo. . . O assassino foje, segundo depois se-soube, e o assassinado exclama com voz fraca: — Eu morro. . . Deos é justo...

Ao mesmo tempo um rebuçado, coberto com um grande chapéo, chega-se ao moribundo, e com voz medonha lhe-falla: — Florindo, dicestes bem: Deos é justo, Florindo, Deos te-perdoe!.. E fazendo brilhar a luz de uma lanterna furta-fogos, accrescentou em sua voz natural: — Conheces-me? O moribundo encara-o, solta um grito de horror e de espanto, e expira...

## CAPITULO X.

### A MINHA PONTARIA FOI MORTAL.

Quando no fundo dos bosques julgamos que são as arvores os nossos unicos companheiros, nós somos, sem o-saber, espreitados por olhos que vêem. Quando em nossa propria casa acreditamos estar a sós, ou com um fiel amigo, um ouvido inimigo nos es-cuta. Entre a escuridão da noute divagam phantas-mas vigiadores, que revelam ao dia todos os myste-rios da noute. Não ha, pois, sobre a terra occasião, nem tempo, nem logar que seguros nos-sejam.

Ficamos ao facto de todos os acontecimen-tos passados; estamos senhores de todos os segredos de Laura; conhecemos o seu aman-te, e os crimes produzidos por esse nefando amor. Agora resta-nos saber quaes novos successos levaram a morte e a punição ao muito culpado e assás punido Florindo.

Deixamos Laura na sua alcova cheia de furor, tendo visto fugir-lhe o seu refalsado amante, pois bem. Laura não divaga por muito tempo incerta sobre o partido que de-

ve seguir; ella escreve uma pequena carta, e por um seu escravo a-envia ao seu destino; era muito perto. O escravo vôa, segundo as ordens de sua senhora: elle chega, entrega a carta a quem ella era remettida, e pouco depois um homem é introduzido á presença de Laura.

—Apenas recebi a vossa carta, senhora Laura, em que me-mandavas chamar, e com pressa, vim satisfazer-vos.

—Obrigada, Snr. Marcos: os momentos fojem, e eu quizera aproveitál-os...

—Então fallae.

—Haveis de estar lembrado que a todas as vossas amantes cartas a mim dirigidas sempre vos-respondia, que motivos occultos me-impediam de arreceber os vossos obsequios?

—Bem me-alembro.

—E si hoje fôr mister um sacrificio para que sejam destruidos esses motivos?

—Eu o-farei.

—Si houver um grande embarço?



— Saberei destruí-lo.

— Si forem difficeis de vencer?

— Não ha difficuldades para amor.

— Si fôr preciso um crime?

— Os bons fins justificam os máos meios.

— Si a vida de um homem?

— Todos têm direito á sua felicidade, ainda á custa da existencia de outros.

— Pois bem, o motivo que me-impede acceitar as vossas offertas, senhor Marcos, é Florindo...

— Florindo! e como?

— Esse homem havia me-promettido desposar-me, pouco depois que eu enviuei; e agora tendo-me compromettido, abandonou-me infamemente.

— E o que é preciso fazer?

— Que esse homem, a quem hoje odeio, deixe de viver.

— Hoje mesmo. Onde está elle?

— Muito perto d'aqui: neste momento caminha para a cidade...

— Neste momento deixará de viver: e ao depois?..

— O amor e minha gratidão.

Eis-aqui uma espingarda, pólvora e balas.

Marcos recebeu este terrível presente, pegou a funesta arma com a morte! e saiu: pouco depois Florindo não vivia!

Marcos tendo cumprido a sua palavra, voltou aos braços de Laura, como um homem que acabava de descarregar-se de um enorme peso, e que vinha repousar tranquillo nos braços de uma virtuosa esposa ou fiel amante. Alli não havia indícios de dôr, nem do mais leve remorso!

E' para admirar a promptidão com que este homem horrível recebeu, e com gosto esta tão execranda commissão.

Eu não vos-quero dizer que neste momento dous nojentos amantes em uma casa, na Copa-Cabana, trocam as mais baixas finezas, mutuam as mais infames caricias, reciprocando os mais escandalosos protestos do mais

criminoso e do mais nefando amor! mas vós o-prevêdes; pois bem, é esse faccinoroso Marcos, e essa abominavel Laura! E' um amor, cujo juramento, escripto com sangue, foi pronunciado sobre as aras da morte! E' um amor de réprobo, sellado com sangue no hediondo livro do crime, e presidido por Satan, e protegido pelo inferno!

Havia quasi uma hora que durava essa escandalosa scena de envenenados carinhos, quando os dous amantes ouviram bem distinctamente um arranhar sobre a janella... Laura estremeceu e enfiou... Marcos a inquirir sobre o seu susto, e sobre o arranhar, e este segunda vez dá-se a ouvir. Laura explica a Marcos que aquelle arranhar era o signal que Florindo lhe-dava quando lhe-vinha falar, e que só elle sabia aquella senha.

Marcos era um homem tão resolute que não fugia sem ver de que; immediatamente avança para janella, e enquanto Laura occulando-se por traz delle observa receiosa, Marcos

abre-a e um e outro mui clara e distinctamente viram Florindo recostado nella!.. Eu deixo a cada um que pondere o susto que tal vista causar podia! era um horror! Laura solta um grito de espanto e de pavor; Marcos recua espavorido, e fecha rapidamente a janella, enquanto sua amante se-escondia em um canto da alcova! Ao tempo que taes cousas aconteciam dentro da casa, ouviu-se um tombo fóra, como a queda de um corpo humano; e de feito era o corpo de Florindo que cahia!

Longos foram os pensamentos dos dous, e mais longos o discorrer sobre uma aventura tão nova quão estranha! Durante largo tempo indecisos e assustados não sabiam dar-se á conselho. Uma hora era quasi passada, e nada de resolução.

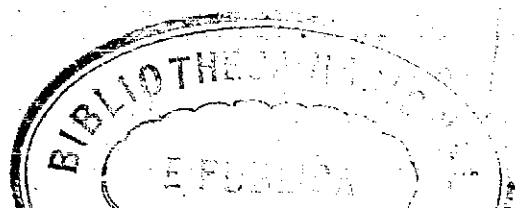
O primeiro momento do susto desapareceu emfim, e a reflexão pouco a pouco veio acoroçoar os dous assustados amantes, e talvez assustados pela primeira vez. Notemos

que Marcos estava sciente, e consciente de que sua victima não vivia; elle o tinha assegurado á sua amante: e com effeito elle tinha visto a Florindo sobre a janella, como recostado e olhando para dentro, mas com todos os signaes de um homem morto.

—Ninguém traria um defuncto sobre suas costas para o-vir recostar nesta janella... mas eu o-vi, sem duvida, eu o-vi.

Assim era que Marcos rosnava talvez consigo mesmo; porém este homem era valente, audaz: d'onde, pois, vinha o seu medo? Marcos se-quiz deixar persoadir por um momento que o que vira sobre a janella era a alma de Florindo!!!

Religião, santa Religião, é assim que tu mostras o teu divino imperio, ainda sobre o mais impuro coração, o mais revel, e o mais criminoso! E' assim que ostentas os sagrados direitos da natureza profanada! E' assim que tu libertas o amor da humanidade ultrajado! Religião, santa Religião, é assim



que tu vingas os teus sacrosantos fóros! Sejam do crime todos os instantes da vida do malfeitor, embora! mas um só instante de remorsos basta para esses teus implacáveis ministros desinvolverem amplamente toda a vastidão dos teus sagrados poderes!

Foi Laura enfim que já nos momentos de reflexão teve a iniciativa no desatar este intricadíssimo nó, fallando assim:

— Marcos: elle ficou verdadeiramente morto?

— Era impossivel que vivesse mais cinco minutos depois que lhe-atirei: a minha pontaria foi mortal.

E a isto accrescentou um sorriso de fúrias, contorsão diabolica de uma alma infernal..

— Mas afianças que elle ficasse morto?

— Não afianço que ficasse morto; mas eu o-vi cahir.

— Já entendo tudo...

— Como assim?

— Elle cahiu, mas não morto; pôde ainda levantar-se e caminhar; e sentindose-se ferido buscou a casa.

— Alembra-te bem. Si ainda ahi estiver o corpo, é certo o que presumes. Eu vou vel-o. Em um instante.

Dice e sahiu. Com effeito, o corpo ahi se encontrou debaixo da janella, e este encontro confirmou na mente dos dous as suspeitas d Laura.

— O dia não está longe, dice Marcos, e é mister despachar a este corpo.

— Sem duvida.

O mesmo Marcos, ajudado de Laura, em um logar menos frequentado do jardim, cavou uma sepultura, onde foi enterrado o corpo d'aquelle adultero malfeitor. Alguns ramos seccos e uma porção de terra solta, serviram de disfarce sobre uma terra recentemente revolvida, que acabava de guardar um segredo, que aquelles mesmos que lh'-o-entregavam suppunham que ella jamais o-revela-

ria! O sol desse mesmo dia foi o primeiro que allumiou a sepultura de Florindo!

E justiça foi feita!..

## CAPITULO XI.

TÃO TARDE, TÃO TARDE, MEU LINDO CAÇADOR!..

A nossa sensibilidade se-contrahе dolorosamente sempre que é ferida por idéas horrorosas; e nossa alma se-fatiga em uma scena de continuidades luctuosas; demos, pois, uma especie de tregoa ao nosso espirito a respeito de horriveis acontecimentos. A nossa sensibilidade quer alguma expansão per meio de quadros agradaveis. Eu vos-convido agora a sentirdes comigo a idéa de um objecto bello.

Ora pois, o passado passado. Tão nú de acontecimentos não é o presente que nos-occupemos de cousas que já lá foram.

Não está Laura tranquilla? Ao menos o-parece: tanto melhor. E Marcos? Sem algum receio optimamente. Confessemos sempre que



no animo de Marcos parece haver alguma cousa de desconfiança: e nem por menos: essa desconfiança é sempre a necessaria consequencia de um amor, cujos gozos custaram crimes e que se assignalaram pela morte de um primeiro amante: mas que ha nisso? Tudo passará.

Em uma dessas bellas manhãs, bem semelhante áquella, cujos seductores encantos descrevemos em o nosso primeiro capitulo; quando já os primeiros raios do sol deslizando furtivos beijos nas flores do valle, esmaltavam de frouxo dourado as grimpas das arvores dos picos das serras, uma linda mulher passeava pelo seu bello jardim em uma rua delle, que ficava contigua á visinha estrada: ella parecia submergida em um profundo pélago de meditações, quando o doce modular de uma maviosa, e mais que sonora voz humana, veio suavemente quebrar o fio de suas reflexões, e tiral-a gostosamente do abysmo dellas!

Era um joven e lindo caçador, que, deitado na estrada, meio recostado sobre o tronco de uma arvore, e descansando talvez da fadiga de seu longo caminhar, cantava docemente este romance, cujo assumpto é assás conhecido em nossa historia.

### ROMANCE.

— Oh que amor meu peito encerra,  
Amor, que por ti se-seval  
Ou não te-vás desta terra,  
Ou si-te-fôres me-leva...

— Amor, que teu peito encerra  
Só p'ra mim has de guardar...  
Ou me não vou desta terra  
Ou si-fôr hei te-levar.

— Minha patria largarei,  
O que nella possuir,  
Os parentes deixarei  
Sómente por te-seguir.

— Si a patria queres deixar,  
E della o teu possuir,  
Faço gosto em te-levar  
Si fazes em me-seguir.

— Si arreceias meu amor,  
Arreceios vão findar;  
Porque sinto em meu ardor  
Um amor que sabe amar.

— Eu de amor não arreceio  
Para arreceios formar,  
Porque tu tens no teu peito  
Um amor que sabe amar.

— Não será tua esquivança  
Motivo para meu mal;  
Nem será tua mudança  
O prazer de um rival.

— Não será minha esquivança  
Motivo para teu mal,  
Nem de mim uma mudança  
O prazer de um rival.

— Si per minha fermosura  
Mal te-cabem vís falsias,  
Não mal andei si em ternura  
Te-dei o que merecias.

— Si per tua fermosura  
Mal me-cabe uma falsia,  
Bem andaste si em ternura  
Me-déste o que eu merecia.

Oh! que galé será aquella  
Que rasga as ondas do mar?  
Oh que galé, vae tão bella  
Prestes a terra deixar!

Velejando empavesada  
Sobre os mares se-embalança,  
Em a sua poppa alçada  
Brinca a bandeira da França.

Mar em fóra a-velejar  
Se-parte a galé franceza;  
Ondas do salgado mar  
Lá corta com ligeireza.

Traz ella se-vê nadante  
Linda turba de mulheres...

—Navio, por um instante  
Eu te-supplico que esperes.

—Tu levas Caramurú  
A vida do meu viver!..  
Ou deixa Paraguassú,  
Ou pára, e me-vê morrer.

—Si me-não-tinhas de feito,  
Qual eu tinha, igual ardor:  
Porque accendeste em meu peito  
Incendio do meu amor?

—Não tens dó do meu amor,  
Nem dó do meu triste fim?  
Matas minh'alma de dôr,  
E me-abandonas assim?!

—Oh que ingrata creatura!  
Que falsia tão estranha!  
Oh que tamanha tristura!  
Oh que esquivança tamanha!

— Como escrava ia servir  
Servindo Caramurú...  
Te-seguira a não seguir  
A infame Paraguassú!

— Pois que não posso contigo  
Já viver vida de amor,  
Fico sem ti, e comigo  
Vou morrer morte de horror!

— Vou-me p'ra morte me-andando,  
E' minha hora chegada...  
Mas porque morra te-amando,  
Vou da morte enamorada...

Dice, e já pallida e fria  
Se-escorrega, e cahe do leme;  
E da morte na agonia  
Estrebucha, morre e geme.

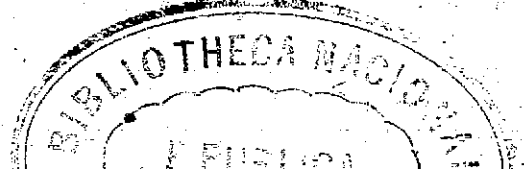
Nisto as outras nadadoras  
Em vão valel-a quizeram  
Porém não eram já horas,  
Que valel-a não poderam.

Elle não poudé valel-a,  
Nem dar vida a tanto amor;  
Sem chorar não poudé vel-a,  
Nem vel-a morrer sem dôr!

Quebrai-vos rochas de dôres,  
Chore o mar, a praia gema...  
Campos, murchai, seccai, flôres,  
Porque é morta Moema.

Parece que o joven caçador cantou sómente as estrophes de que lembrou-se n'aquella occasião, pois conforme nos parece algumeso ainda faltaram.

Pouco tempo depois elle levantou-se, e deu o andar para a casa de Laura, e ahi bateu. A linda mulher, que com tanto interesse havia escutado o romance ácima era a mesma Laura; e foi ella quem veio abrir a porta ao formoso desconhecido. Nem Laura, nem o joven caçador poderam encobrir sua surpresa um ao outro. E em verdade, ver Laura sem sentir-se abalado por tanta formosura,



mal caberia á alma de gôlo de um Xenofonte ou de um estoico, cujas sensações estivessem inteiramente embotadas, e incapazes de se impressionarem dos prazeres, ainda os mais innocentes da natureza! Quanto ao caçador, de dezeseite a dezoito annos de idade, era de estatura regular, bem feito, e sobre maneira airoso. Seus negros cabellos, um tanto crescidos, formavam engraçados anneis sobre seu pescoço, dando á sua linda cabeça uma fórma assás elegante. Debaixo de duas proporcionadas sobranceiras, lhe-brilhavam dous grandes olhos negros, que saltitando inquietos pareciam brincar com innocentes amores; e enquanto duas pudicas rosas contrastavam a brancura de seu rosto, no meio de suas faces, uma pequenina bocca abrindo dous lindos e rubicundos labios, deixavam ver duas bellas ordens de candidos e pequenos dentes, excessivamente bem dispostos, deixando o seu encantador sorriso duas ligeiras sombras, presas em duas graciosas covas, feitas



em suas faces, como duas ligeiras nuvens, pouco densas, esmaltam um céu da aurora; ao mesmo passo que a bem feita barba, ainda mal assombrada (como por sobre o labio superior) pelos primeiros guias da puberdade, se-repartia feiticeiramente em duas. Juntai a tudo isto um timbre de voz agradável e tocante; maneiras engraçadas, fórmulas assás polidas, uma gesticulação honesta, e vós me-perguntareis: — E' um anjo?

Laura e o bello caçador se-encararam; soltaram simultaneamente um sorriso, e um rubor mais exquisito espalhou-se por seus lindos rostos. Oh! esse magico e tão bello sorriso dos labios do mancebo, essa vergonha com que os olhos de uma bella esmaltam seu rosto, quanto seriam encantadores nos labios e no rosto de Laura, si ella fosse innocentel Ah! eram dous sorrisos de amor, branda e docemente deslisados sobre essa mysteriosa côr com que no milagroso instante do primeiro estremecimento do coração, com que

no primeiro momento do enlevo d'alma o amor se-costuma a ataviar! O magico, o doce sorriso do caçador era o puro sorrir de um anjo, porque elle era innocente, como a pomba! Laura, Laura, o teu feiticeiro e gentil sorrir seria o sorriso de um anjo, si tu fôras tão innocente, como o lindo caçador!

Laura tinha tanta consciencia de sua belleza, que bem via que a surpresa do caçador era por ella produzida; o caçador por seu turno não se-desconhecia de modo que não sentisse o mesmo. Elle pediu agua; Laura lh'-a-deu com sua propria mão, e pouco depois, passada uma breve conversação, o caçador despediu-se.

O bello mancebo repetiu as suas caçadas nos bosques da Copa-Cabana, e por consequente se-lhe-repetia sempre a sêde, que ia saciar no bello copo de agoa apresentado pelas lindas mãos da formosa Laura.

O caçador já amava a Laura: e como vel-a

sem amal-a? mas seu amor era um amor respeitoso! elle sentia que esse respeito não era filho de medo, mas ignorava d'onde provinha! elle a-amava, mas tremia com a idéa de amal-a! amava e suppunha impossivel dizer-lhe: — Eu vos-amo... — Elle sentia que a sua sensibilidade tinha sido agradavelmente abalada pela presença dos encantos de Laura! sentia que todas as suas faculdades intellectuaes estavam occupadas pelas graças e pelo amor desta gentil mulher! mas todavia, não só se não atrevia a fallar-lhe cousa alguma, como tel-a por sua amante! e elle com effeito desejava estar sempre com ella e viver sempre com ella! E', pois, um amor, mas sem a ardente cubica do amor... então não é amor! será amizade? é mais do que amizade! será amor de irmão? é mais do que amor de irmão! é amor de filho? é menos do que amor de filho! mas enfim é um amor, um amor que tem um mysterio!

Laura tambem já amava o caçador, mas com um amor, que, bem imitando o do seu lindo amado, ella propria não sabia comprehender esse amor e muito menos explicar. Ella sentia pelo caçador quanto este sentia por ella; e todos os seus sentimentos a respeito d'elle eram em tudo, e por tudo, eguaes aos do seu amante.

Durante os primeiros dias algumas cartas foram trocadas entre os dous novos amadores; e em uma só dellas nada se-pedia; e em todas tudo se-concedia: engrandecimentos de amor, finezas, protestos, &c., e não passavam disto. Por fim foi o moço caçador o primeiro mais ousado, rompendo em pedir a sua bella uma entrevista. Houve uma resposta; que em seu devido logar comparecerá ante nós: por agora basta dizer que em uma bella manhã em que o caçador sahiu de estar com Laura, e seguiu para sua caçada, Marcos veio ter com ella e lhe-dice que tendo de ir á cidade aquelle dia não voltaria sinão ne

seguinte. Foi ao depois da sahida de Marcos que Laura respondeu a carta, em que o caçador lhe-pedia a entrevista, para a qual queria aproveitar a ausencia de Marcos na cidade.

Era noute: os objectos já se não-distinguam, quando Laura dirijiu-se ao logar pactuado. Longo foi o esperar, e o caçador não apparecia: ella volta á sua casa, ahi pouco se-demora, e segunda vez torna ao logar para onde seu coração a attrahia com irresistivel força: ainda o caçador ahi não está. A noute vae adiantada, e nem o menor indicio. Um amante faltar á uma entrevista pedida a sua dama, e á uma primeira entrevista?! Oh! será possível uma tal infamia! Laura espera, e espera com anciedade. Que idéas de colera e de horriveis desconfianças não turbilhonam n'aquella vulcanica cabeça, como acapelladas ondas no meio de um mar tempestuoso! Não é mister descrevel-as... alguém, que tenha amado, pendente de uma

entrevista, póde claro ajuizar dos furores, que agitam o coração nesse momento!

Já se-resolveria a voltar para sua casa a atrabiliaria moça, bem enfadada contra o seu bello caçador; e de animo quasi firme a não voltar, quando um vulto trajado, como o seu bello caçador, para ella se dirige... Laura apenas o-vê, corre ao seu encontro, dizendo:

—Tão tarde, tão tarde, meu lindo caçador?..

—Com quanto não seja o mesmo...

—Ah!..

Laura solta um grito de surpresa, de susto, e de horror!.. quer fugir, mas é tarde! é tarde, que uma dura mão de ferro a-prende por um braço! Oh' que não era essa mão de ferro que se-esperava, era uma doce mão carinhosa! não era a mão de um demonio, era a mão de um anjo... e o anjo não veio!..

## CAPITULO XII.

EU...

Tão precarios são os nossos felices acasos, que no lugar onde julgamos encontrar a ventura deparamos com a desgraça: o capitulo passado bem nos revelou esta verdade! Muitas vezes onde nos-supponmos a sós, e aptos para tudo quanto der a nossa imaginação, no momento, em que nos-dispomos a executal-a, uma pesada mão de ferro nos-suspende, e até nos-castiga!

Caçador, caçador, onde estás? Onde estás, que não vens valer a tua amada! Ella, por tua causa entre as horriveis mãos de um assassino, e proxima á mortel ella... e tu não vens valel-a? Como? e deixas indefeza a tua amada! Caçador, caçador, onde estás? mas embalde é a voz do que te-chama! Mancebo amador, como? Faltar a uma entrevista á tuadama? A primeira entrevista, e pedida por ti proprio! Que ommissão, que fal-

tal Caçador, caçador aonde estás? Ah, que o teu crime é um crime de morte! Caçador, caçador, a tua dama morre, e tu... tu a-desamparas no momento de sua dôr? tu!..

E com effeito, quem não se-encherá de colera contra um tal procedimento?

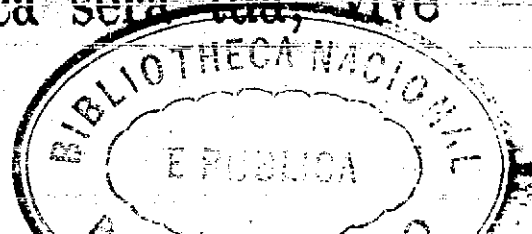
Entretanto para não criminarmos o joven sem ouvil-o, vejamos qual foi a carta, que elle endereçou á sua bella, eil-a:

« Belleza incomprehensivel, mulher que amo com um amor inexplicavel e inintelligivel; dogma impercebivel do meu coração; livro mystico de minha alma, onde ha um amor todo de mysterio! Serás tu um anjo? serás uma divindade? Eu não te-compreendo! Serás tu um sonho ou uma realidade? Eu não sei o que tu sejas; mas, ou illusão ou verdade, eu te-amo! Sim, eu te-amo, e não sei como! Quando te-amo, quero fugir de ti! Quizera aborrecer-te, e te-desejo sempre a meu lado! E's o que eu não sei definir; e eu sou o homem que te-ama, e que



mais te-respeita! No meio das minhas meditações, eu te-encontro, como um anjo! e no fundo dos meus sonhos appareces aos meus olhos, como um phantasma, que me-assusta ou como um pesadelo, que me-opprime!.. mas eu me-accordo, e outra vez te-encontro pura, como a estrella da manhã; simples, como a rôla do prado; engraçada, como a flôr do valle; suave, como o luar da primavera; risonha, como a mais bella estação da natureza; formosa, como o primeiro pensamento de amor entre os ternissimos extases de innocente virgem enamorada; e finalmente bella, como um anjo! Tu então és tão suave ao meu coração, como o amoroso suspirar de enamorada brisa, docemente gemendo entre o mimoso regaço das flôres! Então és um nardo divino tão consolador á minha alma, como o é para as flôres o derradeiro orvalho de uma suave noute da primavera!

« Entretanto nas minhas reflexões escuto uma voz que me-diz: « Consagra-lhe a tua existencia, porém ella nunca será tua; vive



para ella, porém ella não viverá para ti! E todavia ella será tua, viverá por tua causa, e não te-pertencerá!

Quando quero estudar-te, caio n'um abysmo de incomprehensibilidades! quando quero comprehender-te, eu me-perco em longos rodeios de um intrincado labyrintho! E com tudo, sinto que te-amo. Si és desgraçada, então eu sou irrevogavelmente teu! mas si sou feliz, os nossos destinos são um arcano do futuro! E todavia sinto que te-amo, como o bom irmão ama a sua querida irmã; e te-respeito, como o filho obediente respeita a sua terna mãe! Tú não poderás comprehender o meu amor, e nem eu explical-o! Entretanto, eu te-asseguro os meus respeitos, e dá-me uma entrevista; eu te-protexto a minha obediencia, e marca-me uma hora; cumprirei as tuas ordens, e aponta-me um logar.»

« *O caçador.* »

Eis aqui a carta, que á formosa Laura

indereçara o bello caçador. Vós a entendeis? nem eu. E' uma carta, em que se-pinta um amor verdadeiramente extremoso, mas tambem verdadeiramente incomprehensivel! E' um amor cheio de receios, e são receios cheios de amor. E' uma carta, que parece um parto de uma imaginação escaldada. Nós quizeramos d'ahi arrancar algum ponto de realidade, ou de moral, mas como? por onde começar, finalizar onde? Notamos ahi tantas cousas contradictorias, que é um nunca acabar; são palavras, que não parecem representar idéa alguma real, ou são idéas, que nada nos-podem revelar: e, si aqui existe alguma cousa de verdade, ella é tão sublime, que lhe não podemos attingir!

Nós não deparamos nesta carta sinão com palavras habilmente colladas, formando um agradavel stylo, em cuja forma ha um pouco de eloquencia sentimental, que faz apparecer em nossa alma uma como suave melancholia, que nos-obriga a sympathisar com o seu auc-

tor. Mas quem sabe si nessa melancholica eloquencia haverá uma cadêa de presentimentos, producção de um desses divinos instantes, puramente psicologicos, em que parece que nossa alma desquitada da materia, toda embebida na sublimidade de suas proprias perfeições, destende uma vista prophetica pela vasta amplidão de remotos futuros? Quem sabe quantas vezes teremos, sem o saber, vaticinado o nosso distante porvir? Oh! póde muito bem ser; tão poucos mysterios não tem a natureza em o seu immenso seio!

Nós já sabemos que em uma manhã o caçador havia estado com Laura, e nessa occasião fallecendo-lhe o animo de pessoalmente entregar-lhe a carta, que prompta já trazia, resolveu-se a mandal-a por um escravo de Laura, que o-havia procurado depois da sua sahida. Sempre estes entes miseraveis se-prestam a este baixo officio, não só mediante alguns vintens, mas tambem para se-insinuarem no animo dos senhores, ou d'aquelles a

quem servem, por causa da possessão de seu segredo: este mesmo escravo era quem havia sido o portador das primeiras cartas; e foi quem levou a carta de Laura em resposta á que vimos, concedendo a pedida entrevista. Laura não faltou a ella; Laura lá se-achou; e ha pouco a deixámos entre as mãos de um desconhecido!

Agora voltemos á Laura. Deixamol-a ha pouco entre mãos de um malvado, o qual, depois de lançar-lhe em rosto a sua perfidia, o seu novo amor com o moço incognito; depois de repetir-lhe a integra da carta deste e a da della; depois de opprimil-a com os mais repugnantes insultos, accrescentou com uma voz infernal:

—Agora aprompta-te para morrer...

—Para morrer?!

—Sim, para morrer...

—Ah! tem piedade de mim...

—Não ha piedade para ti...

—Pelo amor de Deos, não me-mates!..

—E' impossivel; tu morrerás, e morrerás neste mesmo instante... Laura, tu não tens mais que um momento de vida: põe-te bem com Deos, anda, é tempo; arrepende-te dos teus crimes, que tão poucos não são; anda, avia-te...

—Ah! tem compaixão de mim!.. Oh, meu Deos! e morrerei tão moça...

—Bem moço morreu Florindo, e nem-uma duvida nisso teve. Anda, avia-te.

—Ah! espera um momento... ouve-me...

—Qual ouvir, nem ouvir; não ouço nada.

Anda, que eutenho pressa. Desejo matar-te como quem deseja ter dinheiro. Oh! tu me não mandarás matar por esse caçador, como por mim mandaste matar a Florindo... Bem vês que nada mais faço do que antecipar-me. Vamos, vamos...

— Marcos, pois eu que te-amo tanto!..

— Bem sei; quero, pois, premiar o teu grande amor, como elle merece, e como tu premiaste a Florindo; oh! eu aprendi comtigo. Bem sabes o como sou terminante em minhas resoluções; escuso dizer-te outra vez que morrerás por força. O lugar é solitario, somos sós, e ninguem, absolutamente ninguem póde arrancar-te de minhas mãos. Aproveita, pois, estes momentos para tua alma.

E desembainhando uma espada, e apontando sobre o peito de Laura, dice ainda:

— E' mais um'alma que vae hoje para inferno...

— Soccorro... quem me-soccorre?..

— Eu...

Bradou com voz sepulcral um terceiro personagem, que acabava de entrar nesta terrivel scena de horror!

## CAPITULO XIII.

### UM PHANTASMA!..

Quando a segurança individual depende de um segredo, ella deve ser muito precaria, quando alguém está egualmente de posse delle; e então essa segurança está á discrição do que compartilha esse segredo: é, pois, a morte do ente, que sabe da nossa vida quem nos-assegura o bem estar della: mas quem sabe si a morte mesma será sufficientemente capaz de guardar um importante segredo?

« Oh! felizmente chegou! E' elle, é o caçador que vem salvar sua amada das implacaveis mãos do terrivel e furioso Marcos! E' elle, é elle... felizmente chegou, e ainda a tempo. Graças a Deos! elle não será increpado de esquecido, nem se-lhe-lançará em rosto a fêa culpa de motivador do assassinato intentado por Marcos contra Laura... »

« Mas será elle? »

« E quem sinão elle? oh! sem duvida alguma, é elle... »



« Mas si é elle, onde esteve até agora? porque tardou tanto? »

« E quem, sinão elle, podia vir a este lugar de entrevista? »

« Mas que fará? Bater-se-ha com Marcos? Oh, meu Deos, elle é tão lindo, é tão bom!.. tão joven, como bater-se com um malvado, destemido, robusto, e que parece tão máo... Que fará elle?... »

Eis, pouco mais ou menos, as questões que sinto ferirem-me os ouvidos neste momento. Porém pergunto-vos agora eu: Anciavas que o caçador viesse em soccorro de sua bella? creio que sim: receavas pela sua vida, quando a-viste nas mãos de Marcos próxima a perder a vida? creio que sim: e porque? sympatisastes vós com ella? creio que sim: e porque? pois por uma criminosa? Oh! e vós tendes razão, e com quanto na sympathia nem-uma razão haja, com effeito a vossa sympathia é bem justificavell

E' tal a porção de bondade, que existe em

nossa alma que nos-leva, ainda a despeito nosso, a sympathisarmos com o fraco, seja quem fôr. Si vissemos Laura luctanda com uma mulher de eguaes forças, certo que não só não sympathisariamos com ella, como até desejariamos que succumbisse; mas são dous criminosos: um forte e armado, e outro fraco e inerte! e, pois, é justa a vossa sympathia.

Agora tenho que dizer-vos que o novo personagem, que em soccorro vem de Laura, não é o caçador; embalde o temos chamado; embalde, porque não virá! . . . Sim, bem a meu pesar devo dizer-vos que elle, ferido de um tiro, geme no leito de dôres, na cidade, em casa do Dr. Synval, seu padrinho, e pae adoptivo!

« Foi Marcos, foi Marcos o seu assassino... »

« Ah, malvado!.. »

« Maldição... sobre elle!.. »

« Ah! coitadinho! Tão moço, tão bello, tão cheio de bondade!.. »

« Marcos, malvado Marcos, assim acabes, monstro, assim acabes!.. »

Ainda me-parece ouvir estas palavras de alguns de meus leitores. E que me-importa que neste momento descarregueis toda a fúria do vosso odio contra o perverso Marcos? como elle é um malvado, lá se-avenha.

Quanto ao interesse, que tomaes pelo bello caçador, posso assegurar-vos que é digno delle; e eu desde já vol-o agradeço.

Triste cousa é sem duvida o escrever uma historia, que, bem que ligada em todas as suas partes integrantes, é todavia cortada de muitos incidentes. A curiosidade ergue-se de todas as partes, querendo com bocca de balêa, tudo devorar de um só bocado! Ainda bem umas cousas não estão desinvolvidas, quer-se saber outras; a um só tempo se-pede um nome, exige-se uma explicação, demandam-se certos promenores; e a nossa pobre

cabeça, maltellada por tantas impertinencias, perde-se nesse vasto oceano de interrogações!

E, si eu vos-dicer que vos não posso dar o nome queme-pedis, porque ainda o não sei? E' o nome do desconhecido, que vem em soccorro de Laura? Bem o-dizia eu!..

Voltemos, porém, sobre o jardim.

—Eu... troou a voz do desconhecido que alli acabou de apparecer. Marcos não foi senhor nem da mais leve acção; porque esse incognito, ao tempo que proferiu o seu terrível —Eu...—lançando-lhe mão da mão em que tinha a espada, não o-deixou já ser senhor de si!

Havia no jardim uma grande mangueira, cujo tronco era rodeado de alguns arbustos, que formavam uma pequena mouta, porém espessa: era junto della que Laura estava, quando foi agarrada por Marcos, e foi dessa mouta que se-ergueu o desconhecido: de modo que o apparecer, o proferir o —Eu...

e travar da mão de Marcos, foi um só tempo! foi o brilhar do lampejo, o troar do trovão, e o ferir do raio!

Ao mesmo tempo que Marcos ouviu a voz do desconhecido, sentiu o peso enorme de uma pesada mão de ferro, que com força herculea lhe-apertava a mão em que sustentava a faccinorosa espada sobre o peito de Laura; e o incognito, ao mesmo tempo que lhe-apertava a dextra, como em um estreito circulo de ferro, com uma espada, que brandia com a outra mão, lhe-apresentava combate. Marcos estremeceu ao ouvir o tremendo — Eu... — e affrouxando a mão que prendia a sua victima, deixou, escapar-se a timida Laura, que medrosa se-foi encerrar no fundo de sua alcova. Os dous ficaram a sós, e á discrição dos seus furores!

Peleja-se no fundo do jardim? sim, peleja-se e é peleja de morte!

Pouco tempo depois da fujida de Laura ouvia-se, e via-se de longe o retinir das espa-

das, e o seu terrível faiscar! E' no fundo do jardim de Laura que se-peleja! Lá, dous homens se-matam despiudadamente, e nem-um vivo ousa se intrometter na briga!

Dirieis que era uma dessas scenas de sangue da meia idade, em que dous cavalleiros cheios de ciume pleiteavam, ambos combatendo pela mesma dama, pelejando uma peleja de morte, até um delles arrancar com a ponta de sua espada, do fundo do coração de seu rival, um nome, uma imagem e um amor! Um nome só para suas trovas, e seus encomios; uma imagem só para o seu coração, e para os olhos de sua alma; um amor só para o seu resentimento e seu odio! Isto é, o nome, a imagem e o amor dessa dama, objectos gravados no coração desses dous rivaes!

Quebrou-se uma espada, o desarmado não se-dá por vencido; e o armado, tão generoso como valente, larga a sua. Uma nova lucta braço a braço então começa: são dous

athletas, que amam ganhar bem cara uma coroa, ou vender por um preço enorme a vergonha do vencimento!

Findo um quarto d'hora, a contar do principio do duello, um homem coberto de pó, ferido, com os vestidos rasgados, de joelhos aos pés d'outro, quasi do mesmo modo, pede a vida por misericordia!... este homem é o intoleravel Marcós! seu vencedor tomando a espada que largára, e tendo-a na dextra, e um pequeno volume, que tirára da mouta d'onde sahira, segura-o com a esquerda, e entima-lhe que o siga: Marcos obedece: elles caminham silenciosos; param em um certo lugar, e ahi o vencedor falla:

—Sabes que terra tens tu embaixo de teus pés?

—Eu ignoro...

—Antes finjes ignorar...

—Ignoro inteiramente...

—Marcos, eu sei bem o que tu tens feito... não sabes que terra tens tu embaixo de teus

pés? pois eu te-digo: tens a sepultura de um homem!...

— Oh!...

— Sim, a sepultura de um homem!...

— A sepultura de um homem?!

— De Florindo!...

— Qual Florindo?!

— Que tu assassinaste!...

— Que eu assassinei?!

— Na mata visinha, no caminho, que leva á cidade.

— Eu?!

— E que ao depois appareceu encostado á janella do quarto de Laura...

— Não ha tal...

— E que tu, e ella sepultastes neste lugar.

— Não ha tal, não ha tal...

— Si o-tornas a-dizer, mato-te... Eu não quero manchar-me no teu sangue, que a querel-o já o-tinha feito. Vê bem que esta-



mos a sós; e loucura fôra negar-me o que sei melhor do que tu...

—E quem t'-o-dice?

—A alma dos mortos! Oh! o mundo dos mortaes não é tão independente do mundo invisivel, que as almas do outro mundo não saibam dos crimes dos vivos, e os não possam revelar á terra! Em toda parte ha olhos, e em toda parte ouvidos; e a terra dos vivos não é tão vasta que se-percam em seu seio os vestigios do crime! Ah! malvados do mundo, pensaes que os vossos dias serão sempre dias de uma amena primavera? Pensaes que a sepultura é tão profunda, que guarde eternamente o funesto segredo de um horroroso crime! Ah! malvados da terra, a vossa vida é um milagre, e um milagre é sempre uma abstracção da ordem natural... mas a natureza volta aos seus dominios, o milagre desaparece, e a vossa vida esmagada debaixo do peso de vossos crimes, tomba no abysmo dos flagellos, dos remorsos, da desesperação e da

morte! Marcos, tu estavas bem certo de que só tu, só tu, e a tua amada ereis os senhores deste fatal segredo?... Tu, e ella o-havieis depositado nas mãos da morte; e a mesma morte, de quem contaveis um silencio eterno, abrindo uma de suas urnas é quem vem revelar-o ao mundo! Marcos, conheces-me?

— Não.

O desconhecido tira debaixo do seu capote uma lanterna furta-fogos, cuja luz fazendo repentinamente brilhar junto a seu rostos dice:

— Olha.

— Um phantasma!

— Adivinhaste: é pois com um phantasma que luctaste, e um phantasma é quem te-falla... Agora vê si sei ou não de todos os teus crimes?...

— Mas...

— Silencio. Queres a vida?

— Para me-arreponder.

— Tu não és susceptivel desses sentimen-

tos, mas não importa: a Deos pertence julgar-te. Todavia eu te-dou a vida com tres condições: queres?

—Quero.

—Muito póde o medo da morte n'um alma fraca!... Pois bem: tu viverás com as condições seguintes: 1.<sup>a</sup> que nada dirás a respeito desta aventura, mormente no Rio de Janeiro: acceitas?

—Acceito.

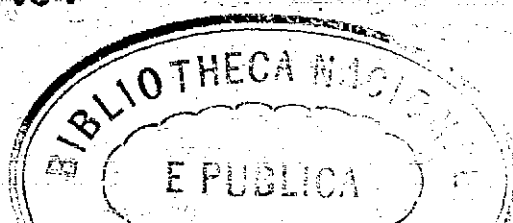
—2.<sup>a</sup> Que dentro de oito dias deixarás esta Cidade para a ella jamais voltares: acceitas?

—Acceito.

—3.<sup>a</sup> Que antes da tua partida escreverás a Laura uma carta, cujo conteúdo eu dictarei: acceitas?

—Acceito.

—Olha que te-enganas, si presumes enganar-me... Si dentro de oito dias não cumpres o que promettes, irei delatar teus crimes aos tribunaes competentes, e então... Marcos... o cadafalso, e a morte!



## CAPITULO XIV.

### EU TE-HEIDE AGRADECER.

No meio de todas as scenas de medonho horror, o oprimido meditabundo depara sempre com o poderoso dedo da Providencia! O malvado vive tão sómente em quanto Deos faz delle o instrumento de sua incomprehensivel Justiça; e por seu turno acha outro malvado, que igualmente o-puna. Deos é justo.

Visto termos tanto fallado em Marcos, digamos a seu respeito alguma cousa. Era elle um cavalleiro de industrias de boa presença, que passára os seus bellos annos, dos vinte aos trinta e dous, em uma companhia de ladrões, a qual commandava como chefe. Era esta celebre quadrilha o terror das estradas de Minas-Geraes, e de S. Paulo! Nessa vida de sangue, e de crimes, acostumado a vêr prantos, e horrores entre sorrisos infernaes, e a vêr mortes no meio de uma orgia de sangrentos furores, e com uma

frieza glacial; que vinha a ser para elle uma, ou duas vidas?!

Agora vejamos o porque Marcos compareceu no logar onde Laura julgava encontrar o seu bello caçador.

Em uma das vezes das ternas sedes deste joven, foi elle encontrado por Marcos, quando ia a casa de Laura sacial-a; Marcos perguntou a Laura quem elle era, e ella lhe-dice, que um moço caçador, que pedira agoa, mas que o não conhecia; não obstante, Marcos era tão desconfiado, e o caçador formoso, que Marcos deveria ver nelle um rival feliz; e des de então espreitava tanto ao joven, como a Laura.

Lembrados estaremos que houve uma manhã, em que o caçador foi, como sempre, pedir agoa a Laura, e que nessa manhã Marcos lhe-dicera que ia á Cidade: pois bem; saibamos agora que Marcos tinha visto o caçador sahir da casa de Laura, que tal viagem era finjida, e que tudo era cilada. O

escravo, portador das cartas contar-nos-ha o resto.

Agora voltemos á Laura.

Quem ha ahi, que vendo Laura correr para sua casa, fujindo d'entre as mãos de Marcos, não a-supponha cheia de susto, cortada de medo, e estremecendo ao mais leve rumor de uma palha? Vós vos-afiguraes que a-vedes encerrada em seu quarto sempre, e sempre; si sahe até a visinha sala é sempre espreitando tudo, e de tudo receiosa. A voz de Marcos, desse terrivel visinho, cujo nome só é assás para seus terrores, lhe-brada incessante em seus ouvidos:—Tú morrerás.—Por outro lado, a respeito desse generoso desconhecido, julgareis que ella pouco não tem em que cuidar. Certo não era o seu lindo caçador! E quem no seu jardim n'aquelle momento, e a taes deshoras? Como soube Marcos que ella, e o caçador deviam ter uma entrevista, e n'aquelle lugar? Vós suppondes que estes são os pensamen-

tos, que ruminam na cabeça de Laura; e todavia, estes eram. N'aquella mesma noite Laura faz chamar o preto, portador das cartas, e o-inquire sobre ellas; e o escravo balbucia, Laura se-irrita, Laura quer saber, e o escravo conta que trazendo a carta do caçador, Marcos lh'-a-tomára, abrira e lêra, e ao depois fechando-a lhe-dice que a-entregasse a sua senhora, e que a resposta, que ella desse lhe-levasse n'aquelle mesmo lugar onde elle, Marcos, o-esperaria, e que si alguma cousa a tal respeito dicesse a sua senhora o-mataria; e por esta razão elle dera á Marcos a carta, que Laura mandava ao caçador, a qual lida por elle, como a primeira, mandára o escravo leval-a ao seu destino.

Laura fez retirar o escravo, talvez para que o caso não soasse mais, pois ella desejava que ninguem d'elle soubesse. Por este lado estava satisfeita, pois sabia já o motivo da subita apparição de Marcos tão in-

tempestiva, e em uma hora tão importuna: mas o desconhecido?... Os tremores, que Marcos lhe-causava?... Eis aqui um tormento de morte!

Visto que ante nossos olhos compareceu a carta do caçador a Laura, justo é que a desta á aquelle igualmente venha á nossa revista: eis aqui o que Marcos leu:

« Formoso Caçador, homem á quem amo, e á quem receio, mortal á quem adoro, e a quem temo! tú és para mim tão incompre-hensível, como as tuas palavras! O amor, que sinto por ti é para mim um enigma, como a tua carta! e com effeito eu te-amo! Tú és tão formoso, como as rosas do meu jardim, e és tão espinhoso para o meu coração, como ellas são espinhosas! Eu te-amo não é porque és formoso; mas eu te-amo! Serás tú um demonio tentador, ou um anjo de salvação? Eu não sei o que tú és, mas sei que te-amo. Eu tinha tantas cousas para dizer-te.... mas tudo me-esqueceu!... Que



queres tú de mim? Eu quizera dar-te a minha vida, mas não o meu coração! Quizera dar-te toda a minha alma, mas não o meu amor! Amo-te, mas não quero amar-te! Quero que sejas meu, mas não meu só; quero que sejas meu, mas eu não quero ser tua! Eu queria declarar-me contigo, e não sei o que te-quero dizer! Tu não me-pódes entender, e nem eu explicar-me contigo! Emfim amo-te, como não se-cos-tuma amar; mas não é amor de amante, e todavia é amor! Queres uma entrevista? si julgas que eu possa voltar della tão pura a teu respeito, tão pura como a ella fôr, eu t'-a-concedo... Depois de anoutececer, debaixo da mangueira grande, no fundo do jardim. Adeos... »

Alguns dos meus leitores mais sôffregos, tendo acabado a leitura desta carta, e comparando-a com a do caçador, dirão meio agoniados:—O auctor desta historia estará se-divertindo á nossa custa? Assim dice eu a quem me-contou esta historia, e elle me-tor-

nou muito socegado: — Tenha paciência, e vá ouvindo. Assim, pois, digo eu aos meus leitores: — Tenham paciência e vão ouvindo.

Tambem nos-hade parecer muito bem escripta esta carta para aquella Laura, que dice a Florindo que má tinha sido a sua educação; mas devemos notar que esta mulher, bastante viva, depois de casada com Augusto, tinha-se dado á leitura de algumas perigosas novellas, e estudava até os meios de mais se-desembaraçar.

No quinto d'ia, depois da celebre scena do jardim, recebeu Laura uma carta; a letra era de Marcos; ella estremece, abre, e lê tremendo o seguinte:

« Forçado por minhas circumstancias a abandonar para sempre o Rio de Janeiro, quero que a meu respeito fiquéis completamente tranquilla: esqueçamo-nos de tudo quanto entre nós houve; e este esquecimento seja um esquecimento eterno. Amanhã, pelas sete horas da tarde, devo embarcar-m

no largo de Palacio, e no seguinte dia sahi-rei para sempre desta terra.

« Aproveito esta occasião para ser justo antes de minha partida. A pessoa que no fundo do vosso jardim appareceu em vosso soccorro, e a quem deveis a vida, era o vosso escravo João. Adeus, sêde feliz. *Marcos.* »

Laura respirou ao ler esta carta.

Marcos prometteu ao seu vencedor quanto este quiz por medo da morte; cumpriu quanto prometteu por medo da justiça.

A carta porém de Marcos não era assás sufficiente para tranquillisar Laura, era mister verificar-se quanto Marcos nella dizia. E' verdade que os escravos de Laura haviam antes assegurado que um homem da cidade tinha ido ver a chacara de Marcos para compral-a, o que em parte confirmava a carta do mesmo; porém isto era pouco, queria-se uma prova evidente, isto é, exigia-se ver Marcos embarcar e deixar o porto.

Laura não era uma dessas almas innocen-

tes, que ignoram até onde chega o poder de um malvado, e Marcos que era um homem que não deixava impune uma affronta, era tão perigoso para Laura, que a sua presença deveria ser sempre temida.

Si acreditarmos nas confissões feitas por um homem que foi preso na praia de Botafogo, veremos claramente as intenções de Marcos, e admiraremos o seu talento para uma vingança. Este homem, preso por ter dado uma facada por causa de jogo, foi conhecido na cadeia por alguns de seus antigos comparsas, convem saber ladrões da celebre companhia de Marcos. Passando-se-lhe revista em tudo quanto trazia, achou-se-lhe uma carta que havia recebido na vespera de sua prisão, a qual fôra no dia em que Marcos devia embarcar: esta carta dizia o seguinte:

« Amigo, eu vou até Ilha-Grande, pois no curto espaço que tenho não achei embarcação para um porto mais perto. Apenas alli chegue, voltarei no primeiro navio que para

aqui voltar; e então uma boa fortuna nos-espera. Alembra-te.—*Marcos.* »

Ora, o sigillo das cartas não tem tão amplo circulo, que abranja nelle os extensos braços da obessa Policia; e essa velha matrona pouco escrupulosa em segredos, e curiosa importuna a ponto de indagar, e tudo querer saber, não é lá muito amiga das formulas polidas, nem de ceremonias sociaes para com aquelles a quem toma debaixo de seu immediato cuidado. Este homem preso, perguntado e reperguntado, sob algumas promessas, confessou que Marcos, que adoptára este supposto nome, se-chamava Pedro, e que fôra capitão de uma quadrilha de ladrões, de que elle fôra um, como tenente; este Pedro com quanto já mais rico ainda não tinha perdido o caridoso amor de guardar aquillo, que seus donos guardavam mal; que Pedro ameaçado por alguem, de quem jurára vingar-se, si esse alguem fosse vivente, ia deixar o Rio de Janeiro sem a menor demora; mas com

firme proposito de voltar logo; e que então deveria estar occulto em sua casa, até ir arrecadar os bens de uma rica viuva, moradora na Copa Cabana, a cuja vida Pedro dizia ter incontestavel direito, por causa de algumas razões de queixas, que contra ella tinha, de quando foi seu visinho. A estas declarações seguiram-se outras que não dizem respeito á nossa historia.

A Policia, que por seu gosto não teria hospedes, mas que quando os tem não se incommoda com elles, resolveu que a morada, e comestiveis do supposto Marcos deveriam, dalli em diante, correr por sua conta: Marcos, porém, de sua parte, como homem franco, e gastador, de mui boa vontade lhe-dispensava o incommodo, agradecendo-o sem acceitar, não lhe-pesando jamais pagar as casas em que vivesse, e comendo nellas á sua custa: parece isto um ponto de soberba, mas elle lá tinha com a Policia razões de queixas, e tão positivas, que até lhe-haviam feito mudar de nome!

Os factos, que temos enfiado até este momento, não nos-deram logar de fallarmos mais em certo personagem, que em um dos capitulos desta historia appareceu por um instante para representar um mui difficil papel, e desapparecer logo: é o fiel João! O silencio que sobre elle guardado temos teria feito desconfiar a muita gente desconfiada que elle já não existisse; e estou que alguem haveria que por elle algum interesse tomasse.

Ora, pois, João tornou a si do desmaio, que soffreu por causa da pancada que levou na cabeça, quando salvava seu senhor, como temos visto. Si ainda hoje João fosse vivo, agradeceria muito a quem por elle algum interesse tomasse.

Deixemos ainda Marcos por alguns instantes e vejamos o que se-passa entre Laura e João depois da carta deste.

—João, viste alguma cousa no jardim, no domingo á noute?

— Vi o Snr. Marcos escondido debaixo de uma arvore, e eu estive vigiando a elle debaixo de outra arvore.

— E ao depois?

— Elle quiz matar a minha senhora.

— E depois?

— Eu sahi, briguei com elle, e eu pude mais do que elle...

— E depois?

João repetiu a Laura o quanto sabemos que aconteceu entre Marcos, e o seu vencedor. Depois Laura dice:

— E tu porque vigiaste ao Snr. Marcos? desconfiavas delle alguma cousa?

— Eu...

— Falla.

— Eu desconfiava, sim, senhora.

— E porque?



— Porque o moço, que anda caçando... o moleque me-dice que o Snr. Marcos tinha tomado as cartas delle, e tinha lido... e aquelle homem tem cara de máo...

— Está bom, João, eu te-heide agradecer.

No dia em que Marcos dizia na carta ser o de seu embarque, Laura mandou o preto João para assegurar-se disto. Sigamol-o até o largo do Palacio dos vice-reis.

João está no meio do dito largo e dirige seus passos, em frente do Palacio, para alcançar o ponto em que a rua da Misericordia ahi desemboca. Pouco antes de chegar ao ponto, onde hoje se-vêem os tres arcos, que communicam o Palacio ao que foi outr' hora convento dos frades do Carmo, hoje tambem Palacio, ouve-se uma grande gritaria. Muita gente corre para o mesmo lugar; João corre tambem; ahi, um homem banhado no seu sangue acaba de expirar.



## CAPITULO XV.

### CONTO COMVOSCO.

A incerteza da existencia da pessoa, que amamos é o tormento, que mais póde opprimir nossa alma e esmagar nosso coração. A saudade desse objecto é um circulo de ferro, que cerca a nossa imaginação: a incerteza aperta esse circulo com tanta força que sentimos estalarem-se nossas idéas de um modo doloroso, de encontro ao rochedo d'ausencia. Mas a inexperada vista desse bem é tão venturosa que per si só é capaz de fazer-nos esquecer nossos desastres passados, adoçar nossos males presentes, o até abrilhantar nosso luctuoso porvir. Si, pois, existe sobre a terra a suprema felicidade, é a que entrega em nossos braços o bem que perdido choravamos.

Amar!.. comprehendéis vós o sentido occulto desta palavra de mysterio? Amar!.. Quanto é doce amar! Ah! Houve um tempo em que a luz de vossos olhos estava n'outros olhos? Um tempo em que nem-um som abalava o timpano de vossos ouvidos sinão uns

sons mais suaves do que o suave suspirar da brisa; uns sons mais ternos do que o terno gemer da maviosa rôla? Um tempo, em que nem-um cheiro feria gostosamente o vosso olfacto sinão um cheiro mais precioso do que o do divino nardo! Um tempo em que o vosso sabor existia n'outros lábios? Um tempo, em que o vosso tacto ressentia-se apenas ao leve tocar de um extranho corpo, mas onde palpitava o vosso coração, e onde cogitava a vossa alma? Houve um tempo, em que vós não sentieis em vós proprio, porque outra pessoa possuia os vossos sentidos? Um tempo, em que não vivieis em mesmo, porque outra pessoa em vós vivia, como vós nella?

Tivestes alguém, cujo olhar vos-assustava, cujo fallar vos-fazia tremer, e cujo tocar vos-abatia? Tivestes alguém, cujo rosto vos-desenhava um seraphim, e cujo sorriso desdobrava ante o vosso coração todos os encantos do céo? E que nome daveis

a esse alguém? — Vós lhe-chamaveis — Minha amada! — Pois bem; mas isso era nos momentos de vossa calma: e nos momentos de vossos extasis? Um anjo! — Bem: e nos vossos delírios — Um Deus! — Sim, um Deus; e ella o-é quando verdadeiramente ama, porque Deus está em seu coração, o céu no seu rosto, e os anjos em seus sorrisos! Amar! Adormecestes alguma noite amando? Dormistes já um somno de amante? Tendes vós alguma vez vos-accordado em uma madrugada de amor? Oh! como é tudo isto encantador! Amar! Quanto é doce amar!

E houve algum tempo em que amando, e sendo amado, longe existia a vossa querida? Provastes algum dia as dolorosas ternuras de um melancolico affecto a que chamamos saudade? Comprehendeis todo o amplo sentido da palavra saudade? Experimentastes uma vez os effeitos dessa dôr de nossa alma, durante a ausencia da eleita do nosso coração? Saudade... doloroso senti-

mento da sensibilidade penalizada nos males do presente! suave effusão da intelligencia deleitada nos bens do passado! consoladora esperança da vontade na incerteza do futuro! Saudade... composto maravilhoso de multiplos sentimentos de que resulta para nossa alma a suprema faculdade de attingir a todas as sublimidades do Amor!

Uní agora á saudade a incerteza da existencia do bem amado, e vós tereis, não um sentimento terno e melancolico, mas um sentimento cruel e desesperado!

Aqui tendes o estado em que se-achava a alma de Laura. Amava e amava muito; seu bem estava longe della, e des do dia que terminado fôra pela terrivel scena do jardim, que não tinha do seu bello caçador nem a mais leve noticia. A inesperada apparição de Marcos no logar da entrevista, a declaração do escravo, que asseverara ter elle interceptado a sua, e a carta do caçador, eram mortaes angustias para sua alma! Esse joven

a quem ella ama, des de que tal amor tivera principio, não tinha deixado passar quatro dias sem vel-a, e todavia sette já são decorridos des desse fatal dia, e elle não apparece! Marcos sabe de tudo, e Marcos de tudo é capaz. Ella tremia, pois, pelo seu bello caçador, porque o-ama, e o-ama tão estremecidamente, que dar não duvidaria pela vida delle a sua vida, si morto elle estivesse, e por esse tão caro preço resgatar pudesse uma vida, que era a alma de sua vida. A' estas idéas lúgubres unindo-se outras não menos dolorosas, vinham contristar sua alma, e funestar dias, que ella quizera guardar desvelada para sacrificar-os, como oblação de um apaixonado amor, ao formoso mais amado de seu coração, ao bello mais doce de sua alma, o lindo caçador emfim!

Taes eram as idéas, que turbilhonavam na escandecida cabeça da apaixonada Laura, como um turbilhão de chammas, entre massas combustiveis no abrasado bojo de troa-

dor vulcão, quando ouviu bater á porta ..  
chega á janella . . . — ah! . . . — foi um suspiro  
de amor arrojado por um repentino prazer!

— Formosa Laura!..

— Meu lindo caçador!..

— Vós deveis estar muito enfadada comigo,  
não é assim? . . nem eu aqui venho sinão a  
pedir-vos perdão; e estou certo que ao depois  
que me-ouvirdes me-perdoareis. . .

— Mas de que? de que?

— Por não ter comparecido no logar apra-  
zado para a entrevista, que tive a liberdade  
de pedir-vos. . .

— Ah. . . nem disso já me-alembrava. . .

— Como! Pois não vos-alembravas?

— Sim; o prazer de ver-vos é tal, que já  
me-tinha feito esquecer todo esse passado.  
Mas, vamos, porque não viestes?

— Vêdes esta ferida?

— Oh, meu Deos! ferido!

— Não vos-assusteis; é cousa mui pequena.

— E como a-recebestes, como?

—Eu vos-conto. Depois que daqui sahi, no dia, em que vos diriji a minha carta, diverti-me algum tempo na caçada; já um tanto cansado, parei á sombra de uma arvore para tomar alento; carreguei a minha espingarda, e distrahido a deixei armada...

—Oh, meu Deos! Que fizestes...

—Foi uma distracção. Depois, pondo a mão sobre a bocca.. oh! eu tinha todo o meu pensamento embebido em vós, e de nada mais me-alembrava! Absorto em meus pensamentos, pucho a arma para adiante; um cipó, talvez, embarçou-se no gatilho, a arma disparou...

—Ail..

—Não tenhaes susto; nada foi; feri-me apenas nesta mão, aqui neste lugar, que chamam bordo interno; bem vêdes que não houve perigo, pois que o lugar não é para isso. Todavia o susto arrancou-me um grito involuntario; meus companheiros, ouvindo o echo do tiro, e o do grito, acudiram-me, e vendo-me



ferido, propozeram-me o voltarmos para a cidade. Foi debalde que lhes-resisti, fazendo-lhes ver que a ferida era de nem-um cuidado; não me-attenderam, e quasi á força fizeram-me ir. Eis-aqui a razão porque não compareci, como devia, no lugar da entrevista.

Laura tendo ouvido esta narração, olhou para o mancebo em um, como extase, e exclamou:

— Vós sois um anjo, e Deos vos-proteje. O vosso tiro foi um beneficio do céu...

— Talvez... mas eu não vos-entendo.

Laura contou então ao caçador que tivera um visinho, que por vezes solicitára o seu amor, mas debalde, pois que ella o-aborre-cia; que este visinho desconfiado de o-ver em sua casa (ao caçador)a-rondava de contínuo... &c., &c. Isto é, Laura contou tudo ácerca da intercepção das cartas, e a importuna aparição de Marcos no jardim, terminando desta maneira:

— Já vêdes que si fosseis a esse logar serieis victima desse malvado.

— E vós fostes?

— Sem duvida...

— E elle?

— Intentou contra a minha vida...

— Que malvado! .. e ao depois?

— Um meu escravo, correndo em meu soccorro, livrou-me delle...

— Que monstro! E' por isso que elle pretendia vingar-se de vós...

— Vingar-se de mim! como? pois sabeis alguma cousa a tal respeito?

— Sim, sei.

Laura corou estremecendo. O caçador notou o seu sobresalto, e interpretando, como effeito do susto, accrescentou de um modo affectuoso:

— Tranquillisae-vos. Eu vos-conto em curtas palavras o quanto sei.

Elle contou-lhe então o quanto o preso revelára a respeito de Marcos, e da premedi-

tada vingança contra ella; e acabou, dizendo:

—Felizmente elle não poderá escapar ás garras da policia, que por toda a parte o-busca. Deos protege os seus anjos.

Os dous amantes depois de largo conversarem sobre seus amores, Laura dice:

—Vós me-havieis pedido uma entrevista, e eu tive a imprudencia de vol-a conceder...

—Como, senhora? Imprudencia porque? Acaso me-julgarieis capaz...

—De nada. Não vos-antecipeis. Digo imprudencia por causa do logar, pois que sendo eu livre, aqui mesmo vos-posso arreceber e escutar tantas, quantas vezes quizerdes falar-me.

—Perdoae-me; bem sei que sois viuva, segundo me-houvestes dicto; sei que sois senhora de vossas acções... mas a vossa familia...

—E o que tem a minha familia? A nossa entrevista não passaria de um innocente entretenimento.

O caçador corou; Laura sorriu-se, e elle timidamente dice:

— Nem eu mesmo exijo mais. . .

A isto seguiu-se um breve silencio, que bem podia revelar a timidez, de que estavam possuidos aquelles dous corações neste momento. Direis que é um mancebo terno, amante e vergonhoso (este o era) que pela vez primeira se vê á face do terno objecto que ama; e que é uma donzella timida, que ama, e receia; e que por fortuito acontecimento se-acha em presença, só por só, do mortal por quem seu coração palpita ancioso cheio de amor, e como ameaçado pela força da paixão a estalar-se. Finalmente o mancebo fallou.

— Perdoao-me, é um pouco tarde; haveis de permittir que me-retire.

— Pois já?

— Vou á minha caçada.

— Esperar-vos-hei quando a acabardes?

— Si o-determinaes. . .

— Não; porém vos-rogo.

— Como o-quereis, eu vos-cbedecerei.

— Conto comvosco.

— Até a volta.

## CAPITULO XVI.

### AMANHAN!..

A religião tem ministros, que podem muito per meio da palavra: outros per meio de seus exemplos muito mais. Os que podem per meio dos crueis effeitos que produzem são os remorsos! Elles podem quanto não podem a palavra e os exemplos.

Muitas vezes a ruina de um malvado é o remorso de outro. Venha o arrependimento; embora tarde, elle será sempre bem hospedado por nossa alma.

— Péga, péga... Péga ladrão, péga ladrão.

— E' aquelle, que alli vae fujindo... é elle, é elle... Péga, péga...

Taes eram os gritos, que no largo do palacio de todas as partes se-alevantavam, emquanto no ponto, d'onde partia correndo o

fujitivo, se-apinhava uma numerosa multidão de pessoas de todas as edades (que vagam pelas ruas), sexos, e côres; e emquanto um homem, que parecia escravo, com tanta velocidade fugia, que em sua rapida carreira parecia nem tocar as pedras, que ladrilhavam a rua Direita. O fujitivo, illudindo os seus perseguidores, e os empenhos da policia, alcança a ladeira do mosteiro de S. Bento, e nem mais vestigios.

Um homem tinha acabado de desembocar da rua de S. José, e dirigindo-se para o largo do palacio, quasi ao voltar o canto do mesmo, ao sahir ao largo, abalroou-se com um rapaz, destes a quem chamamos vulgarmente *capoeiras*: o encontro foi forte; o homem irrita-se, e desanda uma forte bofetada no crioulo, que o-atira á terra; este, um tempo foi erguer-se do chão cheio de furias, e de um salto de onça, voar sobre o nosso homem, e traspassar-lhe o coração com uma faca... elle cahe estrebucha e morre!

Supponde que nesse logar vêdes um grande ajuntamento de pessoas, que formam um grande circulo em redor de um corpo exangue, sem vida, e cahido sobre um grande lago do seu proprio sangue. Entre os espectadores, que o-cercam, notae um preto de trinta e oito a quarenta annos de idade, que contempla o morto com um gesto mysterioso! Estudae no semblante desse preto; vós encontrareis nelle um pensamento, que, por sobre seu rosto podeis todavia ler em sua alma: comprehendei bem esse pensamento, e vós o-traduzireis nestas palavras: « Quem com ferro fere, com ferro é ferido! »

Esse preto é o fiel João; o morto, o malvado Marcos! A sua vez tinha chegado!

E' Marcos, pois, o morto! Ha de menos um malvado sobre a terra, mas ha tambem um criminoso de mais!

Marcos encontrou a morte nas mãos daquelle a quem offendera pela primeira vez!

Pela primeira vez, é verdade, mas com

uma das mais graves offensas, que na terra dos homens sociaes póde-se encontrar! Tambem n'um escravo se-pódem deparar com estímulos dignos do mais honrado homem livre! Não é um escravo o matador do malvado, é um homem cruelmente offendido, justamente irritado, e que tinha direito a uma vingança no proprio lugar em que fôra indignamente affrontado! Notemos que quando eu vos-digo — um rapaz *capoeira* — não vos-querô dar a entender um matador por officio, mas um rapaz tão agil, tão ligeiro nos mane-jos de seu corpo, que inerme, póde defender-se de um homem armado.

E', pois, Marcos o morto, e morre quando preparava uma vingança!

As terriveis palavras do phantasma do jardim acabavam de verificar-se neste momento de horror, e talvez de eterna justiça!

« Ah, malvados da terra! a vossa vida é um milagre, e o milagre é sempre uma abstracção da ordem natural... mas a natureza



volta aos seus dominios, o milagre desaparece, e a vossa vida, esmagada debaixo do peso de vossos crimes, tomba no abysmo dos flagelos, dos remorsos, da desesperação e da morte!.. »

E não é isto o que acabamos de ver? A vida de Marcos era um milagre, e o milagre havia cessado! Marcos tinha cahido debaixo de seu proprio peso, e a carga enorme de seus crimes o-havia para sempre esmagado!

O fiel João contemplou este corpo sem vida com um interesse mysterioso! Si acreditarmos as palavras deste honrado negro, temos que notar alguma cousa entre este corpo e o de Florindo.

Marcos, ferido no lado do coração, cahiu sobre elle, no meio de um mar de seu proprio sangue, e com a mão direita sobre o peito esquerdo parecia apertar a ferida por onde ha pouco lhe-fujira, involta em negros borbotões de empestado sangue, uma alma desesperada, e tão criminosa! Tal era a pos-

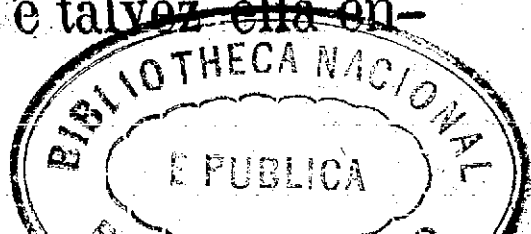
tura de Florindo quando expirou, tal a sua ferida! A só diferença era que Florindo dice algumas palavras quando cahiu, e ouviu alguém dizer-lhe: « Deos te-perdoe. » Marcos, porém, nada ouviu, nada dice além de um horrendo ai de morte. Adoremos a justiça divina.

O preto volta á sua senhora, e fiel narrou-lhe tudo quanto visto tinha, empregando quasi as mesmas côres luctuosas de scenas tão deploraveis! Laura tremia a ouvi-lo! Foi esta a primeira vez que ella entrou em si propria! Foi então que uma séria reflexão teve logar em sua alma!

Laura passa pela imaginação o terrivel drama do assassinato de seu marido, obra sua, e do funesto Florindo! e então ella propria desenrola em seu pensamento esse longo novelo de continuados horrores! Depois, Florindo morto ás mãos de Marcos por sua mesma ordem! Quem sabe se isto seria a justa punição de seus crimes?! Depois, o pe-

rigo em que se-vira no jardim ás mãos do faccinora! Ah! será isto um aviso do céo?! Emfim, a morte de Marcos!..

E de facto, todos estes acontecimentos eram lições donde a moral tinha não pouco que colher! Mas Laura havia visto malvados, que viviam contentes... como ella se-enganava! Além disto, diria ella comsigo propria: « E Augusto não acabou mal? e que havia elle feito? » Laura era ainda tão moça que não podia maduramente pensar sobre estas enfiadas consequencias! Era impossivel até em tanta mocidade, em tanta formosura, e em algumas riquezas, uma repentina mudança de vida, a menos que n'aquelle coração não houvesse um golpe, cujo remedio fosse a prompta emenda de vida tão abominavel. Laura tinha consciencia do muito poder de seus encantos, o que obstava a mudança de seu coração! Mas quem sabe? ella é moça: amará ella ainda com um verdadeiro amor? O amor produz seus milagres, e talvez ella en-



tão possa soffrer uma emenda! E que momento! Ella pensa sobre seus crimes! Sim, ella medita...

Alguem bate; Laura approxima-se da porta... Ah! é o idolatrado escolhido do seu coração! E' elle, e nunca tão a proposito, pois vem arrancar-a de seus amargurados pensamentos. A alma de Laura, que nesse momento vagava pelo negro espaço do amplo painel de seus crimes, veio estremecidamente ao doce appello da ternura, percorrendo a fogosa orbita de amor, para ahi entrar-se gostosa na suave contemplação dos quasi celestes encantos do melindroso caçador!

Laura, desenhando o céu em um encantador sorriso, dirijindo-se ao seu amado, graciosamente dice:

—Tardastes muito...

—Muito?

—Muito. Já estava saudosa de vós.

—Muito vos-devo.

— Como? Pois vós não me-tendes amor,

— como eu vos-tenho?

— E o-duidaes?

— Então nada devemos um ao outro.

— Não obstante amar-vos, eu sempre vos devo muito.

— E porque?

— Porque grande differença existe entre nossas posições sociaes.

— E quaes?

— A mais notavel é a vossa riqueza, e o meu pobre estado...

— Vós sois pobre?

— Pois já vos-esquecestes que vos-dice que sou orphão de pae e mãe, e que vivo como por esmola em casa de um meu padrinho; e que não tenho de meu talvez nem o ar que respiro?..

Ao fallar assim, duas formosas lagrymas se-deslizaram de seus lindos olhos ao longo dessas bellas faces angelicas, que foram saudadas por outras duas não menos formosas, que os (tambem lindos) olhos de Laura

egualmente ao longo de suas bellas faces, escoar-se deixaram, como por uma terna *sympathia*! E ella dice:

—Pois bem, sois pobre? tanto melhor, tanto mais amada serei por vós, tanto mais eu vos-amarei. Serei eu digna de vós? Si como tal me-julgaes, eu repartirei comvosco a minha liberdade. Os meus bens sobrarão para nós ambos; vós sereis o senhor delles, como o-sois de meu coração...

Laura dice, e estremeceu. Parecia contente do que acabava de dizer, e parecia arrependida!

O caçador arrebatado n'um extase de prazer e de amor, n'uma deleitosa effusão d'alma, atirou-se aos pés de Laura, exclamando:

—O' alma generosa, como sois amavel! Vós me-quereis fazer feliz, e eu vos amo tanto, que offenderia o meu proprio coração sempre que vos-desgostasse! Eu peccaria contra mim proprio sempre que vos-desobedecesse! Vós sahis de vós propria, desceis até mim

para ao depois me elevardes até a mysteriosa altura do vosso sensível coração! O meu amor, a minha gratidão para com vós só acharão uma unica barreira, a sepultura! mas si além-tumulo, no mundo dos puros espiritos, duram as memorias da terra, e existem as mesmas sensações, lá mesmo vós sereis minha, ó minha doce amada!

Eu parto, eu vou lançar-me aos pés de meu padrinho, supplicar sua licença, elle m'a dará... e ao depois, vossos braços, amor, e a felicidade!

Assim fallou o mancebo. Esta bella scena de enthusiasmo cedeu seu logar a scenas de ternura, e de protestos: era bem natural.

Findo tudo isto, o mancebo sahiu, e buscou a casa de seu padrinho na Cidade.

Apenas ahi chegado, proeureu seu padrinho, o Dr. Synval; contou-lhe o conhecimento, que tomara com a viuva da Copacabana, contou-lhe com as mais vivas, e

exquisitas côres a belleza desta mulher, fez-lhe saber que era rica, descreveu-lhe, do modo o mais apaixonado, o seu amor para com ella, e as disposições della a seu respeito, notou-lhe as vantagens, que elle podia obter por esta união, e acabou por pedir-lhe licença para desposal-a.

— Como se-chama ella?

— Laura...

— Amanhã a-iremos ver.

— Amanhã? !

— Amanhã...

O caçador estremeceu... Seria de susto ou de terror? Que mysterio! Era noute: um personagem, que acabava de ouvir as ultimas palavras, tendo o rosto involto em um lenço atado por debaixo da barba, o chapéo assás enterrado na cabeça, embrulhado n'um grande capote, entra, e apertando a mão do Dr., dice com interesse:

— Amanhã!.. — E desapareceu.



## CAPITULO XVII.

### QUE VEJO!..

A nossa vida é um composto de desordens seguidas por uma nova ordem de eventualidades felizes, ou desgraçadas; não há, porém, uma eventualidade feliz, que possa ser o cumulo da supremacia felicidade mas póde haver uma eventualidade desgraçada, que possa ser o derradeiro abysmo da extrema desgraça

Supponde que estamos na sala de Laura; ella graciosamente assentada no seu canapé tem de um lado o Dr. Synval e d'outro lado o bello caçador. A porta está apenas encostada. Um homem involto em seu capote, coberto com o seu grande chapéo, e mui enterrado em sua cabeça, com o rosto quasi sepultado em compridas barbas e longos cabellos, um grande parche, que lhe-encobre quasi toda uma face; demora á porta. Laura pergunta quem elle é?

—E' um doente, que me-veiu consultar; eu o-despacharei.

Foi a resposta do Dr.

São quasi onze horas da manhã. Os tres personagens do canapé conversam com interesse, o homem que está de fóra avisinha-se, e encostado a um portal da porta, nem está bem dentro, nem bem fóra. Elle parece não perder palavra da conversação. Ouve-se a voz do Dr.:

—Emfim, minha senhora, eu me-opponho absolutamente a este casamento.

—E porque, senhor doctor?

—Porque não é de meu gosto...

—Esse modo de fallar indica odio...

—Antes compaixão...

—Compaixão! e porque?

—Perguntae á vós propria, e o-sabereis.

—Não vos-comprehendo; mas seja como fôr: si vosso afilhado e eu o-quizermos?

—Elle o não quererá; mas si o-quizesse, eu o-saberia impedir.

—Confiaes muito em vós; mas sabei que si sois rico, tambem eu tenho riquezas...

—Vossas riquezas vos não podem servir para este negocio.

—Pois veremos, senhor; eu tenho grandes meios á minha disposição...

—Bem sei. Como tem sempre uma mulher adúltera quando quer desfazer-se de seu marido, como, por exemplo, um incendio, um veneno... ou quer acabar com um amante criminoso, per meio de um malvado com um tiro, &c.

O tom de convicção, e a frieza horrorosa com que o doctor pronúnciou estas palavras, era para rasgar no coração de Laura a mais profunda e envenenada chaga; e mormente á vista do amante caçador, que não bem podendo interpretar, em sua imaginação, as palavras de seu padrinho, olhava todavia attonito para elle e para ella, como quem, por sobre seus semblantes, queria penetrar os arcanos de seus corações! Em verdade, nada de mais designativo para Laura, do que as palavras do doctor.

Não obstante, a viva Laura, com affectada franqueza, e com a mais revoltante e incrível frieza, respondeu:

— Não sei de quem fallaes...

— Attendei-me: permitti que vos conte uma historia...

— Agora não é possível.

— Mas hade ser agora mesmo.

— Estou incommodada.

— E' pequena.

— Embora. Permitti-me licença...

— Não; haveis de ouvir-me. Assentae-vos.

— Senhor...

— Bem sabeis que vos não temo. Quero que me-ouçaes, e o-quero absolutamente... Haveis de ouvir-me... ou... Vós me-compreheideis.

— E que historia é essa?..

— Não vos-diz respeito, é verdade; mas bom será que a-saibaes. Ouvi-me, pois:

Entre as muitas pessoas, que eu conheci nesta cidade, havia um tal moço, recommen-

davel pelos seus máos costumes nos seios das familias, que frequentava. Entre as diversas casas, que este visitava, era bem assim a de um honrado moço, ha pouco tempo casado com uma bella moça: eu era amigo delle.

Algumas vezes eu fallei-lhe sobre a amizade deste moço, mas elle era tão demasiadamente bom que jamais desconfiava dos outros.

Um dia, eram nove horas da manhã, pouco mais ou menos, eu estava na botica de um meu amigo, isto é, n'um quarto della, para a parte de dentro, de modo que não podia ser visto de fóra quando entrou elle, pois se-dava muito, ou era até amigo do caixeiro, e lhe-pediui um pouco de veneno para extinguir ratos. Ora, isto podia ser verdade; eu sou de um natural desconfiado, e a minha idade me-tem feito aprender o-quanto póde um moço louco, perdido de amor. O caixeiro hesitou, dizendo que um pouco de veneno não se-dava assim. O moço prometeu então

o mais inviolavel segredo, e o mesmo exíjiu do seu amigo caixeiro. Admirado eu desta instancia, e deste religioso segredo, acompanhado de minha experiencia, e natural desconfiança, acenei ao caixeiro para que se-callsse, e viesse ter comigo. Todavia, o caixeiro pretextando certo serviço ligeiro, pediu licença ao pertendente e veio a mim. Então impondo-lhe segredo sobre mim, e sobre o que eu lhe-mandava fazer, dice-lhe que desse a seu amigo um estupefaciente, cujo nome lhe-indiquei, e dice-lhe que desse uma porção que produziria um turpor de algumas horas. O narcotico que mandei dar é daquelles, que produzem um tão profundo lethargo, que só um facultativo o-póde discriminar da morte. Isto feito, certo que a dose que mandei dar nem-um mal faria a quem a-tomasse: botei-me para uma chacara, nos suburbios da cidade, de um amigo meu com quem fui jantar; de volta, soube com espanto que o moço, meu amigo, era morto. Perguntei a que ho-

ras tinha morrido, diceram-me que ás onze horas, pouco mais ou menos. A pessoa que disto me-noticiava, accrescentou, dizendo a igreja para onde n'aquelle momento tinha seguido o acompanhamento fúnebre!

Não foi a morte subita que eu admirei, mas foi a pressa de sepultar-se o corpo do morto. Não poudé resistir á minha admiração, e encaminhei prestes para a dita igreja. Chego, a cerimonia do enterramento está finda, e a igreja já quasi solitaria. Examino o corpo, e conheço que o que parecia somno de morte, não era mais do que um profundissimo lethargo, a que seguir-se-hia o da morte, si breve se não acodisse ao paciente. Cumpre notar que isto era devido ao tal caixeiro, que deu mais do narcotico, do que eu lh'-o-determinára, como depois verifiquei. Conheci que o desgraçado podia ainda viver si por ventura lhe-acodissem.

Por felicidade o sachristão dessa igreja não só era meu conhecido, como até me-

era assás obrigado. Chamei-o, e exigindo delle um juramento sagrado, communiquei-lhe o que havia, invocando o seu soccorro em favor do supposto morto: tirámol-o da catacumba, despimol-o de seus habitos sepulcraes, e com elles finjimos o defuncto dentro do caixão da mesma catacumba, que devia fechar-se na seguinte manhã e alguns pedaços de panno velho, uma pouca de cal e vinagre acabaram de formar o finjido defuncto.

Findo isto, eu e o sachristão tomámos o nosso homem, e o-levámos para um logar mais apropriado, onde prestei-lhe quantos soccorros a arte me-aconselhou. Tornou finalmente a si, e um pouco mais tranquillo, por minhas diligencias, soube por minha bocca, que em consequencia de um lethargo fôra julgado morto; nada mais lhe-dice, nada mais, pois, convinha. Poucas horas depois o resuscitado estava em minha casa. Quando se-achou completamente restabelecido, con-



tei-lhe toda a historia e as razões em que me-fundava para crer que fôra envenenado por sua mulher, ou quando menos pelo seu amigo.

O pobre homem tremia ao ouvir-me: queria não dar-me credito; mas a compra do veneno, o narcotico levado, o seu longo turpor, a pressa de seu enterramento, eram provas quasi evidentes. Como quer que fosse, elle resolveu-se a ficar occulto, e debaixo de habitos e fórmias disfarçadas, espreitar os passos de sua mulher.

Era, pois, em minha casa que elle estava occulto; mas passava quasi todas as noutes rondando a casa de sua mulher. Além de mim, o sachristão da igreja, só outra pessoa sabia destas cousas, era um escravo que o-acompanhava todas as noutes, e em cujo quarto, pegado a casa de sua supposta viuva, elle passava, muitas noutes e até dias.

Bem pouco tempo foi mister para verifi-

car-se o crime. Deveis saber, senhora, que quando a supposta viuva se-julgava a sós, entre os braços de seu criminoso amante, ella era ouvida pelo seu proprio marido; mas ainda não era tempo...

(O doctor neste logar fez uma parada, tirou a boceta, e tomou uma pitada. Laura fazia-se de mil côres ouvindo esta narração tão analoga á sua historia; sua alma experimentava neste momento os mais terriveis tormentos do inferno! mas a necessidade a-obrigava a escutar. O doctor continuou sua historia):

Houve uma noute, em que esta mulher, a pedido do seu amante, teve a bondade de contar-lhe a sua historia: já se-vê, que durante tal narração, seu marido a-ouvia. O amante a-ouviu, e ou fosse horror, ou finjimento, o certo é que elle resolveu-se a deixal-a entregue a si propria, e effectivamente o-fez nessa mesma noute, em que lhe-ouvido tinha a sua funesta historia.

Esta mulher de sangue determinou logo acabar com este amante: ella acha um malvado, que, pelo premio do seu amor, acceita esta mortal commissão, e poucos momentos depois que seu amante a-abandonara, ferido de um tiro, deixa de viver uma vida de fogo, de sangue, de veneno, de mortes, de crimes, e de adulterio emfim!... No momento porêm em que este malfeitor cahe expirante, um desconhecido lhe-aperta a mão dizendo pouco mais ou menos: — Deos te-perdoe. — Já se-vê que este desconhecido era o supposto morto. Poucos minutos depois esta mulher e seu novo amante, contando ambos mais um crime, ouviram sobre a janella do quarto em que estavam, um como arranhar pelo lado de fóra, signal, que costumava dar o primeiro amante quando ia fallar-lhe: ella é aberta, e com espanto dos dous eriminosos, o homem, que ha pouco fôra assassinado se-vê recostado á dita janella! Já se-vê que foi o supposto marido morto, que arranhou

sobre ella; e que o mesmo, ajudado de seu fiel escravo, foi quem trouxe o corpo do morto para recostal-o á janella desse quarto de maldições! Sim, que elle estava bem certo que os dous criminosos o-sepultariam, e seria sobre a sepultura d'esse adultero exercendo onde elle provaria á sua mulher todos os seus medonhos crimes! Parece que escripto estava que por causa desta mulher devia ainda correr mais sangue: e todavia, ella faz uma nova digressão, e um novo amante espera uma entrevista no fundo de seu jardim; ella não falta; e quando pensa correr aos braços do seu amado, acha-se entre as mãos mortíferas do matador do primeiro amante.

A desgraçada grita, pede soccorro, e um desconhecido apparece em seu favor. Já se-vê tambem que foi o mesmo supposto morto que ahi appareceu em soccorro de sua mulher, cuja vida estava a ponto de perder ás mãos de seu ciumento amante. Já se-vê

emfim que foi o mesmo que obrigou a esse homem malvado a deixar o Rio de Janeiro, a escrever uma carta a sua mulher noticiando-lhe isto mesmo; e que foi elle quem ensaiou o escravo para que dicesse a sua senhora, que a pessoa, que a soccorrera fôra elle escravo!...

O primeiro amante pois desta mulher carregada de crimes, era Florindo...

— Ah! basta...

— Ainda não. O segundo, Marcos, o escravo, João; e ella, Laura...

— Ah!.. E o marido?.. Exclamou o caçador como ferido de um raio!

O doctor continuou friamente:

— E' aquelle que alli está...

Ao mesmo tempo o homem, que estava á porta, deixando cahir o seu capote e chapéo, arrancando sua cabelleira, grisalhas barbas e parche da face, mostrou-se como quem era; Laura encara-o, e solta um grito:

— Que vejo!..



—O homem a quem duas vezes assassi-  
naste; teu marido, o—Filho do Pescador'...

## CAPITULO XVIII.

**A ELLE DEVO TODOS OS MEUS MALES!**

Uma inesperada desgraça no momento em que espera-  
va-mos uma grande ventura, fórma uma dolorosa  
memoria a respeito do nosso passado; uma angustia  
mortal em nosso presente, e um sentimento deses-  
perado para o nosso futuro! A desgraça tem direito  
ás nossas lagrymas, á miseria, á nossa compaixão;  
o crime, porém, a ambas, e o rigor das leis; todavia  
nunca ao nosso odio.

Si o vosso coração arfou com o peso de  
demasiado horror, tendo ante os vossos  
olhos um ente tão criminoso, como a des-  
venturada Laura, eu sinto ter-vos deste modo  
molestado; mas pondo debaixo de vossas  
vistas todos os seus crimes, o fio de minha  
historia deveria levar-vos a essas consequen-

cias, que ha muito devieis ter infallivelmente aguardado.

Si eu soubesse uma historia de sangue, de mortes, de horrores, e emfim de toda sorte de crimes, onde a innocencia succumbisse ao peso dos alheios crimes, certo eu me-guardaria bem de vol-a contar, amando mais tel-a sepultada em meu coração, do que saber que um malvado exultava lendo uma historia em que se-visse o triumpho do crime! E' verdade que algumas vezes isto se-tem visto: mas quem em seus designios poderá assoberbar a incomprehensibilidade da divina Justiça!

E' dos máos que Deos lança mão para a sublime provação dos bons: os máos, pois, são o instrumento da Justiça Eterna sobre a terra!

Laura merece a punição de seus crimes; e si quereis odia-e-a; mas eu vos-rogo que ante; vos-compadeçais della!

Durante quasi as ultimas palavras do doc-

tor Synval, Laura, gelada de terror e de surpresa, nem já o mais leve som articular podia. Vós estareis lembrados das ultimas palavras de Augusto dando-se a conhecer a Laura, esse raio desfechado sobre o seu coração já tão abatido nessa mais terrivel tempestade de sua vida!..

Collocae-vos no meio dessa scena de horror, afigurae-vos espectador deste hórrido e angustiado drama, e senti pouco mais ou menos o que Laura provaria nesse momento horrivel, nesse momento de aniquilação e de desordem! Si quizerdes pintar similhante scena, não empregueis as côres do crime tomadas de emprestimo ao inferno; não descrevais uma scena de satanicos furores... não: é uma scena de dôr, de desolação e de espanto!..

Laura havia misturado um grito de horror com as ultimas palavras de seu marido; e, perdidos os sentidos, cahiu desaccordada. Augusto ficou immovel, o caçador, apertando



as mãos sobre seu coração, exclamou insensatamente: — Oh meu Deos!.. O doctor correu em soccorro de Laura.

Bem como aos que a justiça da terra condemna á morte, em satisfação ás leis, se prodigalizam todos os desvelos já espirítuaes, já corporaes, para que ao menos sua alma aproveite, perante Deos, o sacrificio do corpo; da mesma sorte o doctor empenhou em seu favor todos os meios conhecidos em sua arte. Laura ao cabo de algum tempo tornou a si.

Oh! já não era essa Laura tão cheia de si mesma; já não era essa mulher, cuja magestade emphatica impunha um não sei que de mysterioso! Seus olhos pareciam aquebrantados pela força de seus desmanchos, e suas faces manchadas pela negridão delles! Seus louros cabellos, que á força de sua queda, em seu desmaio, se-haviam desmontado, desatando-se, fluctuavam incertos, parte sobre suas costas, e hombros, e

parte sobre seu rosto, um tanto pallido neste momento! Ainda assim era interessante!

Laura, com gesto equivoco, com tremulos passos dirige-se a Augusto, e parando diante d'elle, sem todavia erguer seus olhos, falla deste modo:

— Ha crimes para os quaes o perdão é um impossivel; os meus são desta qualidade! Tu me-obrigas, neste momento de horror, a amaldiçoar a morte, que tão pouco amou uma sua presa! Tu devias punir-me quando surgiste do sepulcro. O tumulo em que jazias não devia ficar vazio pela tua deserção, e eu estava obrigada a tomar entre os mortos esse lugar que tu havias desoccupado! Tu me-poupaste para que eu tivesse tempo de perpetrar mais crimes, e depois d'elles me-virdes cobrir de vergonha!..

— Não; quiz primeiro verificar teus crimes.

— E com effeito, hoje tu te-horrorisas d'elles! E não te-alembra, que si me-tivesses

então punido, eu morreria menos criminosa. Pois bem. Tenho direito de pedir-te uma graça, e tu deves conceder-m'a; é a morte! a sua demora será o meu maior tormento.

— Ainda não. O Dr. Synval deu-se ao trabalho de narrar tua vida de crimes depois do nosso amaldiçoado casamento; eu, porém, tenho alguma cousa que alembrar-te de tua vida de solteira...

— Falla; que fallas a um cadáver.

— Laura, foste pouco exacta quando constaste a tua vida a Florindo. Permite-me que lhe-faça algumas correcções...

— Falla; que fallas a um cadáver.

— A tua educação foi pessima...

— E' verdade.

— Perdeste teu pae na idade de dez annos.

— E' verdade.

— Abandonaste a casa paterna na idade de treze annos, em companhia de teu amante, cujo casamento tua mãe desaprovava...

— E' verdade.

—Foste mãe na idade de quatorze annos.

—Tambem é verdade.

—Pouco ao depois teu amante abandonou-te.

—Injustamente... e a elle devo todos os meus males, meus desmanchos e meus crimes!.. A elle...

—Teu filho te-foi roubado e até hoje...

—Tambem é verdade.

—Ficaste á mercê de um novo amante, e com este, a quem falsamente appellidavas marido, naufragaste sobre esta praia, onde elle morreu.

—Antes fosse eu! Tambem é verdade.

—Teu nome não é Laura...

—Eu te-dice que o meu nome era Maria Laura, mas que todos me-tratavam por meu sobrenome; e eu já tão affeita a isto estava que não acudia sinão pelo nome de Laura. Eu te-advirto que muitos são meus crimes para a minha accusação; não é preciso calumnias...

—Teu primeiro amante, o pae de teu filho, que já não existe ha muito...

— Deos perdoe os seus peccados!

— Chamava-se Sergio...

— Tambem é verdade.

—Teu filho, que ainda vive, cujo primeiro nome fôra Hilano, e mudado no chrisma para Emilianno, aqui o tens...

Isto mostrando-lhe o joven caçador.

— Meu filho!..

— Minha mãe!..

## CAPITULO XIX.

### OLHA, MEU FILHO!..

Nada ha mais facil do que o arrependimento; nada mais difficil do que a emenda da vida. Todavia póde-se, nos milagres da naturcza, encontrar effeitos que jamais produziriam os deveres, e direitos da moral; todo o rigor das leis, ou outros quaesquer respeitos humanos; e nesse caso uma unica palavra, uma gesticulação é tudo, quando um bello discurso é nada.

Si Augusto tinha em sua imaginação o in-

tento de fazer punir severamente a Laura de seus crimes, certo que assás imprudente andou em uma tal declaração.

A natureza tem seus milagres, como seus mysterios: descrever aquelles e desacatar estes, não é tão facil para uma alma bem formada.

A humanidade nos-apresenta scenas, que para não estalarmos de dôr á vista dellas, cumpre não termos sido affectados de um só desses geraes, ternos e inmutaveis sentimentos da natureza.

Nós podemos facilmente resistir a certas commoções, ainda até dolorosas, oppondo-lhes um pouco dessa philosophia estoica de que blasonavam homens de passadas eras; são essas commoções, que, inda que fortes, todavia não teem, nem tão pouco abalaram em seu favor a intima, e mais terna sympathia de nossa alma! Mas ha em nosso coração uma fibra de tal maneira dorida, que, uma vez tocada, faz estremecer de um modo desagradavel, e contrahir-se dolorosamente a nossa

sensação tão altamente movida por uma dôr moral, tão activa, e sobremodo vehemente, que obriga a que nossa alma gema opprimida debaixo de seu sensível e mortal pesadume! E, si ha corações em que essa fibra não exercite essas nobres funcções, não é que alli não exista; existe, não em seu modo primitivo, como a plasmára o primeiro Auctor, mas sob outra modificação, isto é, petrificada pelo crime!

Nós aborrecemos sempre um homem insensível; e até nem sympatisamos com o que não chora no meio de uma grande scena de dôr, embora ignorando as qualidades de sua alma!

Nossa alma é sempre grata ao juiz, que sentencêa o crime, e chora a humanidade! Admiramos a constancia de Bruto sentenciando e condemnando seus filhos á morte; mas quando chamamos sublime esse esforço da humanidade, não o-louvamos, nem inve-

jamos um sentimento ante o qual estaca a natureza horrorisada!

A natureza e a humanidade são duas irmãs, ligadas pelas mais intimas e continuadas relações; mas ha da parte da humanidade pontes, que não podem ser invadidos pela natureza, assim como da parte da natureza leis, que a humanidade jamais póde aquebrantar: Deos equilibra estas justas relações: tudo está bem como elle fez.

Mas dicemos que aborreciamos sempre o homem insensivel; que nossa alma é sempre grata ao juiz que sentencêa o crime, e chora a humanidade; que admiramos a constancia de Bruto, sem todavia o-louvarmos, nem tão pouco invejarmos um sentimento tão contrario ás leis da natureza: e porque?

Porque razão sympathisamos nós com as almas sensiveis, e temos até *prazer* em chorar quando soffremos moralmente impressões *dolorosas*? Dôr e prazer são dous affectos inteiramente oppostos: é um a anti-



these do outro. Mas poderão elles casarem-se em nossa alma no mesmo instante, na mesma occasião, e effeitos da mesmissima cousa? Como é que em certas commoções mistura-se em nossa alma um sentimento de dôr com um sentimento, que tem uma parte de prazer, ou um sentimento de prazer, que tem uma parte de dôr?

Por ventura tão benefico, e ao mesmo tempo magnifico será o sublime machuismo da natureza humana que em todas as affecções sociaes haja uma tal e qual porção de prazer? E parece ser isto uma verdade! Parece que a compaixão ou é um dos nossos mais agradaveis instinctos, ou que a tal ponto nos illude, que dessa doce illusão nasce esta mesma supposição! Parece que ha nella um não sei que de insuperavel attractivo, a que jamais é permittido resistir. E' impossivel negar por um só momento; é uma verdade de primeira intuição, e universalmente reconhecida, que a compaixão por um effeito de sym-

pathia para com a desgraça é sempre uma dolorosa impressão: a sympathia nos-faz tomar parte pelo seu objecto, e então já em sua essencia não deixa de haver um tanto, ou quanto de amor e de amizade: a compaixão é sempre um sentimento benefico; e da mistura da compaixão com essa certa amizade, ou com esse certo amor, resulta um novo sentimento agradável, o prazer! Não nos-esqueçamos, porém de que a base primordial de todos esses affectos em nossa alma é o amor dos outros, a philantropia.

Em consequencia, pois, do amor da humanidade tomam vulto todos esses affectos. Parece então que esse prazer, a que attingem essas commoções brandas e suaves, não excede, ao menos equilibra-se com a dôr de um modo tão pronunciado e tão vehemente que nossa alma, como por um feliz milagre, produzido pela reunião de todos esses sentimentos, vem finalmente a achar-se em um, como brando extase de satisfação!

Cumprе confessar ainda que este *prazer doloroso* é per si mesmo tão delicado, que sentir toda a sua magica força não fica ao alcance de qualquer sensibilidade: elle perde-se na dôr de um modo tão subtil, que se torna quasi imperceptivel a sensibilidade, como as fugitivas *nuanças* (\*) do iris á vista.

Todavia este prazer, filho de nossos bellos sentimentos moraes, parece em virtude delles crescer sempre na razão de nossas dôres, para efficazmente contrabalançar-as; e este crescimento prodigioso achando propicias todas as nossas faculdades, encontra em seu favor esse intimo e desejado beneplacito de nossa propria vontade.

Um coração, pois, bem formado se-julga muito feliz quando prova impressões de

(\*) Leitor benigno, senti comigo a necessidade de bem exprimir-me neste logar, e eu vos-asseguro que não só me-perdoareis o termo francez que usei — *nuanças* — como o-acceitareis talvez com gosto.



amor e de amizade; e além de se não julgar descontente, sempre que nos males alheios é abalado por sensações de compaixão e de piedade; dá os parabens a si proprio, como que satisfeito de tomar alguma parte nos males dos outros, compartilhando-os moralmente!

Supponde que além da honra e da virtude eu tenho retratado as qualidades moraes de Augusto pelo que respeita á sensibilidade.

E de facto, Augusto tinha um coração bem formado; elle era honrado e virtuoso; teria, pois, animo para resistir a todas essas impressões dolorosas entre a criminosa Laura e seu innocente filho? E' uma luta de dôr, em que jogam quasi todos os affectos suaves do coração humano; e não exempta de alguns affectos funestos! E', pois, uma luta de amor, de amizade, de odio, de vingança, de compaixão e de piedade; uma luta emfim da humanidade, e da natureza contra a jus-

tiça, em que a mesma religião não deixa de ter parte!

Agora vós não tendes perdido de vista a mãe e nem o filho.

— Minha mãe... — Meu filho... — Foram as ultimas palavras desses dous entes desgraçados; e cahiram nos braços um do outro. Pouco tempo ao depois, Emiliano, desligando-se dos braços de sua mãe, corre para Augusto, exclamando na mais viva e na mais acerba dôr:

— Perdão, senhor, perdão para minha mãe...

— Mancebo (tornou-lhe Augusto) não merece que implores seu perdão uma mulher tão criminosa...

— Mas si a criminosa é minha mãe...

Ah! não foi a voz de Emiliano a que acabastes de ouvir neste momento... não; que está despedaçado pela mais aguda dôr! Foi a natureza que em seus labios arreben-tou essas palavras, cujo enorme peso era bem

capaz de esmagar debaixo de si todo o poder da mais bem premeditada vingança!

—A criminosa é minha mãe...

Ah! palavras doces em si próprias, e agora amargas no fundo de tanta afflicção, que amontoavam a mais extrema dôr sobre tudo quanto ha de mais doloroso!

E com effeito, Emiliano não só as pronunciou no mais afflictivo e pathetico accento, como no acerbo delirio de sua angustia atirou-se aos pés de Augusto, exclamando em sentido pranto:

—Ah, senhor! a criminosa é minha mãe!

Meu pae... tenho jus a este nome, sois o marido de minha mãe... meu pae, meu bom pae, perdão... perdão para minha mãe... Ah! é minha mãe!...

Que scena de dôr! Que lucha de sentimentos! Que quadro!

—E' minha mãe!...

Eram as palavras que Emiliano repetia

sempre soluçando e abraçado com os pés de Augusto.

—E' minha mãe!...

Synval pranteava como talvez nunca. Augusto, arrependido de sua revelação, tapava o rosto com as mãos, suffocado em pranto, Laura, cahida de joelhos insensivelmente parecia gelada no meio de tantos sentimentos de dôr. E Emiliano repetia sempre entre soluços—E' minha mãe!..

Que linguagem tão energica! Podereis vós nesse grande código da natureza traduzir essas palavras?

—E' minha mãe!...

Mancebo, não te-calarás?! Até quando queres despedaçar nossos corações? Mas não: dize, dize outra vez: outra; muitas vezes; dize sempre:—E' minha mãe!... —Prantêa, pede, roga... Uma mãe, ainda perversa. é sempre cara ao coração de um bom filho! Implora o seu perdão, ainda que te custe lagrymas de sangue! Eis, outra vez, dize

sempre: — A criminosa é minha mãe! — Dize, completa o teu triumpho; lança por terra derribado o tremendo altar da justiça; e sobre as suas ruínas colloca a victoriosa natureza perfumada pelos incensos da humanidade! Laura no meio desta scena de angustias cahida de joelhos com as mãos erguidas ao céu exclamava, como em um delirio dos dôr:

— O' meu Deos, porque a morte me não livra do peso dos meus crimes?

Emiliano, correndo para ella, exclama na maior commoção de sentimento:

— Minha mãe, minha mãe, não desesperéis... Deos é grande, e sua misericordia infinita! Elle não quer a morte do peccador criminoso, porque ama as lagrymas do seu arrependimento!...

— Deos é grande! Sim, meu filho, Deos é grande!... O' meu Deos, dá-me um arrependimento forte para morrer digna de meu filho...



Oh milagre! Oh triumpho da natureza n'uu coração criminoso! Ella falla em arrependimento... Oh amor maternal! Oh natureza!

Neste momento Emiliano estava tambem cahido de joelhos junto de sua mãe, e erguendo as mãos ao céu, exclamava:

—O' meu Deos, lança sobre minha mãe teus olhos cheios de misericordia! Traze ao teu rebanho, Senhor, esta ovelha d'elle desgarrada...

Depois erguendo-se, vem para Augusto, chega-se a elle, pega-lhe na mão direita, beija-lh'a; e sem pronunciar palavra, com uma gesticulação, que revelava toda a intensidade da dôr de seu coração, e todo o fogo do amor filial, estendendo o dedo indice, lhe mostrava sua mãe!

Nunca a dôr, nunca o remorso, nunca o arrependimento, se mostraram tão sublimes, nem jamais apresentaram um tão interessante plainell

Laura na postura, que vos-descrevi, parecia implorar as misericórdias do Senhor! Seus olhos embebidos no céu nem pestanejavam. Duas fontes de lagrymas se-deslizando delles, vinham alagar o assoalho em frente de seus joelhos! Era um santo extase da natureza, e da religião, isto é, do amor maternal, e do arrependimento! Sua cabeça era um grande e tormentoso lago de dolorosas reminiscências, em que havia um unico porto de salvação—o arrependimento!

Diríeis que era uma virgem christã espontaneamente votada á Deos, que orava ante o altar, e que se-achava n'um desses instantes puramente psicologicos, em que a alma embebida em divinas idéas theophilas, se-deleita nesse suave remanso de santas contemplações!

Era, pois, uma nova Magdalena, que meditando no amor do Christo, chorava os erros e os crimes de sua passada vida de peccados! Seu rosto se-mudava de côres, e quando pa-

receu mais calma, ella dice, como em suave hallucinação:

—E' meu filho! é meu filho!.. A minha alma estava na escuridão do crime, e a luz do arrependimento brilhou em minha alma! Um anjo desceu do céu até mim... E' meu filho! é meu filho!

—O' meu pae (dice então Emiliano), que momento! Aproveitemol-o: seja elle um momento de triumpho para a natureza, e de prazer para a humanidade, coroado pelas flôres da religião! Ella está arrependida. O' meu pae, perdoae-lhe; e seja este instante de felicidade para nós todos. A morte, ou o eterno degredo de minha mãe de nada vos-poderá servir; e o seu arrependimento, e o vosso perdão serão os mais bellos episodios da historia da vossa vida! Ah, meu pae! nunca o nosso amor proprio se-enche tanto de si mesmo, e tanto se-lisonjeia e orgulha, do que quando perdoamos uma grave affronta; e é por meio do perdão unicamente que o

homem se-assimilha a Deos. Ah, senhor, si tendes sabido soffrer como um philosopho até hoje, sabei tambem perdoar como um Deos !

Minha mãe conspirou contra vós, é bem verdade; ella vos-assassinou, mas Jesu Christo do alto da cruz bradava: « O' meu Pae, perdão para os meus algozes. » Ah, senhor, imitae-o; mostraes que vosso coração possue esse, o mais bello sentimento da religião christã! E' grande o sacrificio, é bem verdade, mas tanto maior será tambem a vossa gloria!

Nada tenho sobre a terra; perdi meu pae na infancia, não tenho parentes... ai de mim! no momento em que o crime me-restitue minha mãe, fazei que a vossa virtude me-consERVE seus dias!

Já ninguem podia supportar esta scena, quando Augusto chegando-se a Laura, e poissando-lhe levemente a mão direita sobre um hombro, com voz um tanto commovida dice:

— Laura, estás verdadeiramente arrependida dos teus crimes?

— Olha meu filho!..

— Laura, tens forças bastantes para chorar uma vida tão cheia de horrores?

— Olha meu filho chorando!

— Laura, queres a vida?

— Para chorar lagrymas de sangue, dignas de meu filho; e para á custa dellas alcançar de Deos o perdão dos meus delictos...

— Laura, queres um convento?

— Para a dôr, para a contricção, para as agrymas e para uma morte christã.

1 — Oh, amor maternal, oh, natureza! como sois bellos até mesmo n'um coração criminoso! Laura, eu te-perdôo...

— Minha mãe!..

## CAPITULO XX.

### UM EPILOGO E REFLEXÕES.

Qu ando nos-remontamos ás causas, os acontecimentos augmentam ou diminuem muito a respeito do [que são em si proprios. Voltemos a um passado: ahi procuremos origens; si as encontrarmos, consultemos os erros, estudemos os crimes; e eu vos-afianço que, feito um tal exame, seremos justos.

Acabamos de uma scena de lagrymas!

Nossas sensações foram terrivelmente abaladas á vista de um espectáculo de luctuosos sentimentos! Nossa alma está fatigada por tantas impressões dolorosas! Nossos corações foram despedaçados nessa luta sentimental da natureza, da humanidade e da religião! No meio de uma chusma de diversas affecções nossa imaginação vagou incerta, declinando equívoca entre a piedade e a vingança! Nós provámos affectos horivelmente dolorosos, e não sem traços de algum jubilo! Agora a justiça não está sem alguma satisfação. A natureza exulta, a humanidade folga, e a religião está contente! Justo é que descansemos de tantas fadigas moraes.

Vós me-pedis duas explicações, convem saber: porque via o doctor Synval soube a historia que lhe-ouvimos: e como sabia Augusto a historia de Laura durante o celibato della?

Tão razoaveis são as vossas questões, que eu vou satisfazel-as n'um epilogo e reflexões.

Sergio, que já conhecemos, foi o primeiro amante de Laura, e pae de Emiliano. Este mancebo dissoluto, tres annos depois que roubara Laura á sua mãe, e dous annos depois que lhê ella dera um filho, a-desprezou sem que, para tal, razão alguma tivesse. Laura, á mercê de um novo amante, teve de sujeitar-se ao seu destino: foi com este homem que ella viveu uns treze annos pouco mais ou menos. Ao cabo desse tempo, mudou-se para o Rio de Janeiro com seu amante: foi com este que naufragou, e que, morto nesse naufragio, ella pranteava, chamando-o seu marido. Cumpre notar que Synval sabia, até alguns annos atraz, que este homem não tinha desposado Laura, como veremos; e quando Augusto dice á sua mulher que ella não era esposa desse homem morto no naufragio, elle o não podia assegurar; não era, pois, mais que uma bem fundada suspeita; mas Laura a-confirmou.

Quando Sergio abandonou Laura, tirou-



lhe seu filho, que então tinha dous annos, e Laura nunca mais viu essa criança; tendo apenas noticias de que vivia, cuidado que ella sempre tinha de perguntar por elle.

Estas mesmas noticias cessaram quatro annos depois da ingratidão de Sergio, porque este vindo á cidade com seu filho, então de seis annos, o-deixou na casa de Synval, de quem era intimo amigo. Foi a este medico que Sergio contou, não só toda a sua historia com Laura, como tambem toda a historia della. Foi tambem nessa occasião que Synval foi o padrinho no chrisma de Emiliano, cujo primeiro nome, por estranho no calendario dos santos, lhe-foi mudado.

Por este mesmo tempo fez Sergio uma viagem a Minas-Geraes, donde nunca mais voltou; e não apparecendo em parte alguma, foi reputado como uma das victimas da Mantiqueira de tão dolorosa recordação!

Emiliano ficou então orfão de pae, porque este havia morrido; de mãe, porque nem



elle conhecia a Laura, nem ella a Emiliano. E, pois, dos nossos personagens só Synval era quem sabia o nome da mãe de seu afilhado e toda a sua historia, bem que não a conhecia pessoalmente.

Emiliano, depois que soube ler, passou a outros estudos, onde mostrou um rarissimo talento: Synval amava-o como a seu filho.

Na idade de treze para quatorze annos começou Emiliano a soffrer muito em sua saude, a ponto que a tenaz molestia mostrando-se rebelde a todo o imperio da medicina, Synval resolveu mandal-o á Europa para casa de seus parentes a ver si melhorava, como de facto aconteceu. Emiliano esteve em Lisboa dous annos e alguns mezes, depois do que voltou ao Rio de Janeiro, na idade de seus dezesette annos. Foi então que elle viu Laura pela primeira vez, tendo ella os seus trinta e um annos, mas tão formosa e gentil, como nos seus dezoito!

Ora, foi durante a ausencia de Emiliano

que Laura naufragou, como vimos, e que Augusto desposou-a estando Synval fóra da cidade, em uma viagem que fez por motivos de saude, em que se-demorou quatro para cinco mezes: tendo voltado para a cidade, achou Augusto casado; e tendo visto Laura, combinando quanto Sergio della lhe-contára, junto ao nome de Maria Laura, veio no perfeito conhecimento de que era ella a mãe de Emiliano. Notemos de passagem que Laura fugia sempre a conversações que tendessem ao seu paiz natal, e que podessem implicar-se com sua vida passada; e comquanto dicesse a Augusto, quando este lhe-perguntou por seu nome, que se-chamava Maria Laura, todavia accrescentou que mais acudia pelo nome de Laura, seu sobrenome, por antigo costume, em que a-haviam posto todos os que a-conheciam, o que era verdade.

Esta ingenuidade de Laura era uma carta de recommendação, que a-faria conhecida um pouco mais tarde: ella tinha, é verdade,

sua malicia quando se-aproveitava de seu sobrenome, em detrimento do nome, mas não sabia ser maliciosa, por isso que dava aquelle mesmo pelo qual era de todos conhecida: melhor andaria si dicesse a Augusto que se-chamava Maria; e mudasse o sobrenome; mas a infeliz não queria mais que encobrir os erros de sua passada vida; não estava ainda ao todo corrompida, emfim carecia de um seductor mais habil.

Dest'arte quando Synval perguntou a Augusto pelo nome de sua mulher, este, não só lh'o dice, como fez-lhe a mesmissima explicação, que Laura lhe-fizera. Já se-vê, que mais não era mister ao doctor para conhecer a mãe de seu afilhado.

Synval, de posse destes segredos, guardou-os religiosamente; porque para com Emiliano a prudencia lhe-mandava calar-se; para com Augusto a honra, e para com o mundo, uma e outra.

Foi depois da supposta morte de Augusto

que seu amigo se-abriu com elle sobre estas cousas: eis como Augusto soube da vida de Laura, durante o seu celibato. Augusto foi quem revelou ao doctor quanto este declarou, lançando em rosto á Laura todos os seus crimes, como o mesmo Augusto os-vira e ouvira. Bem se-vê a combinação entre os dous!

Tres dias ao depois desta ultima scena de dôr, que vos-descrevi, uma pequena questão teve logar entre Emiliano, e seu padrinho: ella não é todavia necessaria á nossa historia, mas eu vol-a apresento, porque póde servir como um toque de moral della.

Emiliano tinha em Lisboa (porque apenas alli chegou se-restabeleceu) continuado a frequentar os estudos e com grande aproveitamento. Além de sua rara habilidade, elle era dotado de mui bons sentimentos, muito religioso, e cheio desta moral sublime, bello typo de todas as grandes virtudes! Synval gostava de ouvil-o, ou como dizemos vulgarmente, de *puchar por elle*.

Jantava Augusto com seu amigo doctor e com Emiliano: aconteceu a conversação recahir sobre o sincero arrependimento de Laura, quando Synval dice:

— Em verdade, eu creio nelle; approvo até os sentimentos de Augusto; andou bem assim; mas confessemos que Laura era hasás criminosa. O meu afilhado perdoar-me-ha esta franqueza.

Emiliano estremeceu ouviudo estas palavras, e um ardente rubor, após de uma fria pallidez, deu mais encantos ao seu rosto, e elle dice:

— E' verdade, meu padrinho; mas nós, os homens, somos tão máos, que dando motivos a quasi todos os crimes das mulheres, não só nos não encarregamos de parte de sua expiação, mas tambem não tomamos sobre nós um tanto ou quanto de sua culpabilidade! Deixando de parte as idéas favoraveis aos maridos e aos amantes, a respeito de constancia, e tão desfavoraveis ás mulheres de

quem tudo exigimos, e a quem nada concedemos (excepto as zumbaias, os cumprimentos, as polidezas e elogios de uma sala, como por escarneo), fallarei tão sómente de outras cousas.

Nós temos organizado uma sociedade a nosso bello-prazer, e ácerca das mulheres nos-constituimos a um só tempo partes e testemunhas, juizes e accusadores!

Quantos homens, meu pae, encontraremos como vós, e como meu padrinho? certo que mui poucos. Em o numero de cem mulheres nós encontramos apenas dez, cujo despejo, cuja falta de sentimentos as-fez solicitadoras de alguns homens; em quanto em o numero de cem homens não deparamos com dez que não tenham solicitado, que não tenham seduzido alguma mulher! E esses seductores ignorariam que tal senhora era uma donzella amada de seus paes? que esta era uma esposa prezada de seu marido? que aquella era uma querida amante, por cujo

procedimento era responsavel a seu amado? Elles não ignoravam. Entretanto a ambição natural cede á habil seducção; o amor proprio á lisonja, e a fraqueza ao crime! Desde então esta mulher cahida é olhada com desprezo; seu nome é acompanhado de um epitheto de infamia; sua presença revela uma idéa de menos preço... justo castigo de sua fraqueza, é bem verdade! E porque não sofre outro tanto o seu vil seductor? A não contarmos bem poucos homens austeramente honrados, elle é de todos bem tratado, bem acolhido; apparece em toda parte sem repugnancia de pessoa alguma; alardêa as suas bellas qualidades de seductor, contando as suas felicidades, e é olhado como um bello espirito, como um cavalheiro galante, um moço emprehendedor, emfim!

As mulheres na sociedade são sempre o que nós queremos que ellas sejam, visto sermos nós os directores della. Nós, pois, somos os seus originaes; nós lhes-damos o tipo

de suas acções; seus costumes são obra nossa; nós as-exemplificamos; nós dirigimos a sua conducta, porque somos os motores de seu pensamento pelo que respeita á sociedade. O genio de uma nação nada é mais que uma idéa, que representa as mais fortes e decididas inclinações da nação; esta idéa pertence a todos os individuos della, salvas algumas raras modificações.

Comquanto as inclinações primarias do coração humano sejam assás poderosas, todavia ellas se-corrigem por uma feliz educação: tudo cede ao imperio da vontade; e ella creando costumes, fôrma uma nova natureza que, bem que artificial, com effeito grande revolução faz em inclinações naturaes a respeito da sociedade, emendando um coração que mal se-dirije em suas affecções!

Em uma nação, é da maior pronuncia da moralidade individual, que resulta a moralidade nacional, a que revela altamente o genio da nação.



Em qualquer nação ha sempre mais ou menos certos crimes: evital-os absolutamente é impossivel: não obstante, nosso juizo seria sempre desfavoravel áquelle povo entre o qual, além de haverem outros crimes, houvessem muitos desmanchos entre senhoras casadas e donzellas; e essa corrupção não pertenceria exclusivamente ás mulheres, pois que para que ellas fossem corrompidas deveriam os homens serem corruptores, para o que cumpria serem seductores. Um povo houve (creio que o Atheniense) que, punindo com pouca severidade o que abusava de uma mulher per meio da força, punia severamente o que a-seduzia, tanto o seu legislador conheceu o-poder dessa arma tão formidavel.

Entre nós, olha-se para um seductor sem a menor repugnancia, ao passo que se-olha para sua victima com desprezo; e todavia a punição do adultero e do estрупador (quando este abandona sua victima) parece não estar em relação com seu delicto!



Sejamos mais positivos. As idéas de virtude e de vicio não são meras convenções humanas, ellas tem um certo quilate da natureza, e a mesma natureza pune os excessos de um coração, que se não sabe dirijir em suas affeições!

Seja influencia da natureza, seja effeito da civilisação, o universal consenso tem ligado a idéa de premio á idéa de virtude, e a idéa de castigo á idéa de crime; mas nos vicios contra a castidade, nos vicios contra a fidelidade conjugal, nós nos-esquecemos dos castigos que os-seguem contra os homens, e só os-applicamos contra as mulheres!

Demais, como é que exigimos nós dellas uma constancia inabalavel, uma virtude de ferro, si nós somos os mesmos que as corrompemos e as arrastramos á toda sorte de crimes? A prégação não é bastante, cumpre o exemplo: os exemplos ferem mais aos corações, do que as palavras aos ouvidos! Emfim onde os homens são demasiada-

mente corrompidos, as mulheres são sempre falsas! Confesso que ellas por mais fracas estão mais expostas aos crimes, que nascem de sua fraqueza; mas hão de conceder-me que n'uma sociedade bem morigerada esses crimes são menos frequentes.

Minha mãe tem sido bem criminosa, não o-neguemos; é uma mulher, cuja educação foi pouco, ou para melhor dizer, de nem-um modo curada: de tenra idade perdeu seu pae, e tendo treze annos abandonou a casa paterna: este crime foi o originario de todos os seus crimes, que mais tarde deveriam seguir-o; este crime... com dôr o digo, foi do meu desgraçado pae!.. ( neste logar duas lagrymas fugiram de seus olhos; elle enchugou-os e continuou:) Ou fosse minha mãe que lhe-propozesse a fuga, ou fosse elle, o certo é que o crime é sempre d'elle; si foi elle, então d'elle só; si foi ella, sempre o crime é d'elle, pois que sendo mais forte, e devendo ser mais pensador, devia fazel-a desistir de

um tal intento, pintar-lhe todo o horror de tão negra acção, asseverar-lhe as suas consequências, emfim ennegrecer a fuga de uma donzella do lar paterno, como um infando crime! Oh! a palavra crime é sempre horrivel aos ouvidos de uma virgem, e mormente na idade de treze annos, idade tão susceptivel de correccção! Depois meu pae deixou-a injustamente; outro motivo para seus crimes... mas elle já não vive, Deos lhe perdoe, respeitemos nós a sua memoria, e seja esta a ultima vez de uma tão triste recordação! Minha mãe então teve de subjeitar-se ao seu destino, e durante o prazo de treze annos, pouco mais ou menos, nada se sabe de sua vida; talvez não fosse solicitada, o que custa a crer, estando a isso assás exposta, attenta a sua extrema belleza; mas eu concedo que o não fosse: não ha, pois, virtudes, nem vicios nesse pedaço de sua vida; é isto o que o mundo chama viver honradamente (este epitheto pertencer-lhe-hia si

ella fosse então casada, pois que não sel-o era o seu unico defeito); sim, honradamente, isto é, sem virtudes e sem crimes.

Minha mãe veio para o Rio de Janeiro, um naufragio roubou-lhe o homem, que amava; e nem como crime reputar-se deve o ella choral-o, como marido, querendo assim encobrir sua falta aos olhos de quem a não conhecia. Mudou então de estado, ampliou-se o seu circulo e alargaram-se os seus conhecimentos: ella estava, pois, no Rio de Janeiro, principal cidade do Brasil, onde uma extrema belleza, mais que em nem-uma parte, está exposta; onde a seducção tem uma linguagem mais eloquente; onde a lisonja emprega um stylo mais florido, e onde o vicio tem attractivos mais poderosos! Foi, pois, nesta cidade onde um habil seductor, um malvado a-arrastrou após de si a todos os crimes! Cumpria então que esse homem com uma justa emenda soubesse modificar sua victima, que soffresse com ella todas as

consequencias de seus delictos, que compartilhasse a sua sorte, que vivesse com ella e para ella depois desses horrores; emfim, que gozassem ambos as mesmas venturas, ou cahissem victimas da mesma ruina! Mas bem ao contrario, elle fez como todos os seductores, isto é, como o crocodilo, que empolga a sua preza, devora-a, derrama sobre seus restos lagrymas insultuosas, e acaba por abandonar-lhe a ossada! Elle, pois, pretextando a mais infame virtude, com a mais escandalosa hypocrisia, abandonou-a irritando de um modo horrivel o amor proprio de uma mulher, cujo coração elle mesmo havia sublevado e pervertido! Esta ingratição, este odioso procedimento devia ter uma bem funesta consequencia, a vingança, ella não tardou, e elle succumbiu debaixo do seu peso!

Agora, meu padrinho, eu vos-rogo que passeis pela imaginação os crimes desta infeliz mulher, e vêde si não achais nelles uma causa que existe fóra della?

Talvez que minha mãe recebesse da natureza uma indole má, mas essa mesma podia ser modificada, e melhorada por uma propicia educação.

Entretanto eu vos-rogo que me-perdoeis pela liberdade com que fallei; bem vêdes que a causa me-toca. Emquanto aos meus respeitos e estima, não me-é mister ainda hoje protestarvol-os.

Assim terminou Emiliano o fio de seus raciocinios. A conversação volveu a pontos mais agradaveis. Nesse mesmo dia o fiel João recebeu o titulo de sua liberdade, e tantos quantos beneficios Augusto lhe-pôde fazer. Emiliano ficou tambem sob a protecção deste generoso mortal quasi como seu filho.

Si nessa epocha existisseydes e fosseis ao convento do Desterro, verieis muitas vezes no locutorio, recostada á grade, da parte de dentro, uma mulher pallida, descarnada, mas inda formosa, algumas vezes derramando lagrymas de dor e arrependimento;

emquanto um formoso mancebo, em pé, da parte de fóra, a-contemplava com um certo sentimento de dor, e talvez de prazer. Este mancebo era Emiliano, e a mulher era Maria Laura, a esposa do — FILHO DO PESCADOR!..

